FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 1968 ANO 48.º — NÚMERO 16 407

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA — TELEX 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Estado de sítio em Praga

Jacob Malik, à esquerda, e Georges Ball, à direita, representantes, respectivamente, da U. R. S. S. e dos E. U. A. nas Nações Unidas, no momento em que participavam na sessão de emergência do Conselho de Segurança, convocada, a noite passada, para discutir a invasão da Checoslováquia pelas tropas de cinco países do Pacto de Varsóvia. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

VIENA, 22 — (F. P.) — Foi decretado o estado de sítio em Praga, e os jornais estão proibidos de sair, anuncia a «Emissora Livre» no noticiário do meio-dia. O locutor acrescentou que um milhar de jovens estão reunidos na Praça Wenzel. Foram solicitados a dispersar-se e a não se deixarem «arrastar para actos irreflectidos e provocadores».

A mesma emissora anuncia que o estado de sítio também foi decretado em Kossice.

Luta violenta nas ruas —anuncia «Rádio Praga Livre»

VIENA, 22 — (R.) — Uma estação de rádio checoslovaca intitulada «Rádio Praga Livre» anunciou que se trava violenta luta nas ruas de Praga.

A mesma emissora disse que a cidade está ocupada por tropas soviéticas equipadas com foguetões e fez um apelo para que se apresentem dadores de sangue.

A Rádio disse que o edifício do Partido Popular Católico estava em chamas e que um hospital próximo tinha sido atingido por tiros.

GRUPO PRÓ-RUSSO

PRAGA, 22 — (R.) — Emissoras clandestinas de Praga anunciaram, hoje, que as autoridades militares soviéticas conseguiram formar um novo grupo de dirigentes, constituído por checoslovacos, que encarregaram de governar o país.

Ao mesmo tempo que esta notícia era difundida outra estação de rádio anunciava que 166 deputados á Assembleia Nacional, que se encontram retidos no edifício do Parlamento, proclamaram o seu apoio ao presidente Svoboda que conti-

(Continua na última página)

Força popular de autodefesa criada na Roménia

VIENA, 22 — (R.) — O presidente Ceausescu da Roménia ordenou hoje a criação imediata de uma força popular armada de autodefesa — anunciou a agência noticiosa jugoslava Tanjug.

Ceausescu, que tem seguido uma linha independente de Moscovo e tem apoiado o regime checoslovaco de Alexander Dubcek, afirma no comunicado oficial que essa força será constituída por operários, camponeses e intelectuais.

O comunicado oficial romeno citado pela Tanjug não faz qualquer referência á intervenção militar do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia e diz: «Queremos que o nosso povo esteja armado para a defesa das conquistas revolucionárias, para assegurar a independência e a segurança da propriedade socialista.»

MOBILIZAÇÃO GERAL?

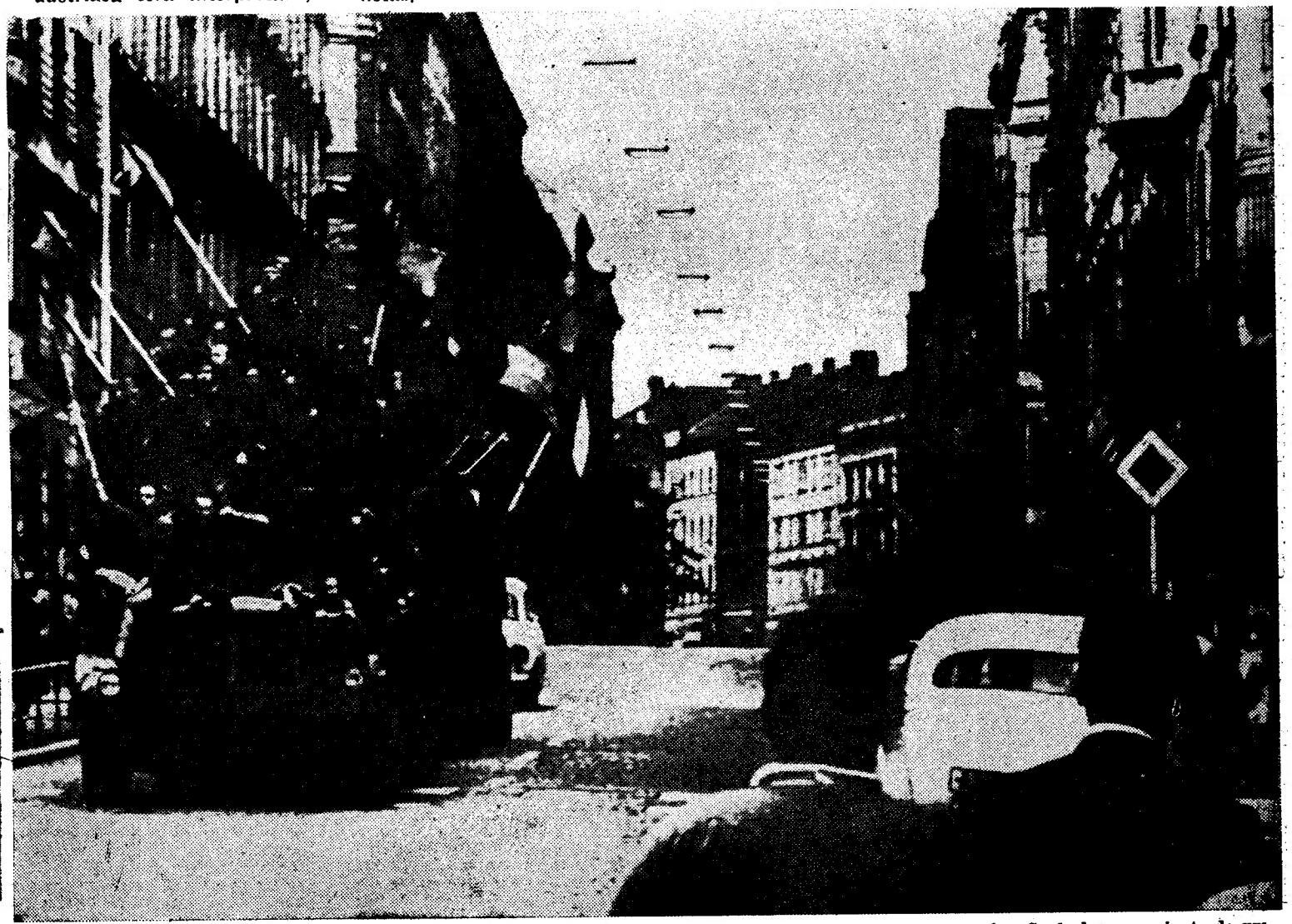
VIENA, 22 — (A. N. I.) — Nicolai Ceausescu, chefe do Estado e do Partido Comunista romeno, ordenou hoje a mobilização do Exército — anunciou uma emissora austríaca em notícia recebida de Bucareste.

«Estamos em estado de mobilização geral» — afirmou Ceausescu, depois de ter novamente e em termos rispidos condenado a intervenção militar dos países do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia por ser «uma grave violação da soberania e independência de um país.»

Todavia, a agência noticiosa romena, Agerpress, declara que não tivera «tal informação».

Observadores políticos em Viena dizem que a emissora austríaca terá interpretado, erradamente, as declarações de Ceausescu durante um comício em que anunciou a criação de uma «milícia nacional», composta por operários e intelectuais, «para defesa da nossa pátria socialista».

2.ª EDIÇÃO



Um camião, transportando checoslovacos, que agitam bandeiras nacionais e cartazes com os nomes de Dubcek e Svoboda, passa junto de um tanque soviético estacionado na Avenida Veletrzni em Praga (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

CUNHA LEAL FAZ HOJE OITENTA ANOS

(Ler na pág. central)

HOJE — 28 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Nota do dia

O «MERCADO COMUM» DO TRABALHO E DO ENSINO

À medida que o tempo passa e que as ideias fazem o seu curso, é legítimo procurar-lhes a concretização nos esquemas da realidade. E depois, é legítimo também procurar distinguir como é que a realidade reage em relação ao esforço que se faz para a moldar ao sabor do tempo. Que se passa, pois, com o processo de integração europeia? Que se passa no interior do conjunto regional formado pelos seis países do Mercado Comum? Como se concretiza o programa das sucessivas aproximações do propósito da livre circulação de bens e de pessoas? Parece fora de dúvida que os técnicos estão em condições de dizer que os programas têm vindo a executar-se e tão singularmente bem que o calendário previsto só não foi cumprido porque tem estado a ser antecipado. Efectivamente, o Mercado Comum dos assalariados foi completamente estabelecido desde o passado mês de Julho, quer dizer, os trabalhadores dos seis países podem livremente procurar emprego, trabalho e pão onde lhes fizer mais gosto ou mais jeito nas mesmas condições e com as mesmas garantias dos naturais do país onde forem fixar-se. Ora, este movimento geral das integrações regionais, cuja origem nada tem com as ideologias e tudo tem com as circunstâncias próprias do tempo, carece de ser completado com a integração do ensino. Isto é, na medida em que se admite que cada um se desloque, sem barreiras, de país para país, a exercer actividades profissionais, parece complemento necessário desse programa que a preparação escolar se faça de acordo com o mesmo planeamento geral, que os diplomas passados num país tenham autoridade e validade nos outros países do mesmo grupo ou bloco de interesses integrados. Para isso, porém, é necessário empreender desde já um esforço geral de acerto das condições e meios de ensino. De contrário, cair-se-ia no absurdo ridículo de o programa de liberdade de circulação e trabalho ser de aplicar apenas aos trabalhadores braçais, que com certeza hão-de ser cada vez menos e de menor poder económico no mundo em formação.

«OPERAÇÃO PLUS ULTRA»

No próximo dia 29 estará em Lisboa o pequeno angolano José Chimunga, da aldeia do Chicundo, concelho de Chitembo, distrito do Bié, representante do nosso País na «Operação Plus Ultra», campanha internacional destinada a revelar o valor humano das crianças, dirigida entre nós pelo Rádio Clube Português.

O José Chimunga, numa atitude reveladora de grande coragem, matou a golpes de machado um leão mal ferido que dominava dois homens, fracturando-lhe a coluna vertebral.

Às 17 horas desse mesmo dia, realiza-se nos Serviços Centrais de Rádio Clube Português, uma recepção para agradecimento e apresentação á Imprensa, Rádio e Televisão, do pequeno herói que no dia seguinte, pelas 18 horas, seguirá de avião para Madrid e depois para Itália, Marrocos e Espanha, numa viagem de férias de 25 dias.

Este ano a «Operação Plus Ultra» teve a valiosa contribuição da administração da TAP, que resolveu oferecer a passagem do José Chimunga, de Luanda a Lisboa e regresso. Também a Divisão de Transportes de Angola (D. T. A.) nada cobrará pela viagem de José Chimunga, de Silva Porto a Luanda e regresso.

Como se sabe, a «Operação Plus Ultra» foi fundada no país vizinho pela Sociedade Espanhola de Radiodifusão e pela Ibéria.

Ora diga-nos...

— Tem telefone em casa?

Quando queremos entrar em contacto com determinadas pessoas e verificamos que não têm telefone em casa, rangemos os dentes de raiva. Numa civilização «ubíqua» como é a nossa, onde temos que estar em tanto lado e contactar com tanta gente quase ao mesmo tempo, «anormalidades» como estas fazem pensar. É uma atitude que deve ser aproveitada, esta de pensar...

● *Interrogámos de início a sr.ª Josette Flores, revisora de jornais e cantora lírica, querendo saber, não pròpriamente se cantava, mas se falava ao telefone em sua casa. Disse-nos:*

— Tenho telefone em casa há sensìvelmente três anos.

— E utiliza-o muitas vezes?

— Pouco. Recebo mais. Não gosto muito de falar ao telefone, aliás.

— Acha elevado o preço das chamadas?

— Não. É razoável o preço.

— E para que é que telefona, normalmente?

— Para saber dos amigos e amigas.

● *A seguir encontrámos o sr. Fernando Garcia de Almeida, serralheiro mecânico, que nos elucidou desta forma:*

— Não tenho, não. É muito caro, não tenho dinheiro para telefone em casa.

— Mas nunca teve telefone em sua casa?

— Nunca. Mas telefono muitas vezes da rua, de cabinas telefónicas ou de estabelecimentos.

— Em seu entender as chamadas são caras?

— Não... As chamadas, pròpriamente não acho caras.

— E não antevê para breve a instalação de telefone em sua casa?

— Isso depende das melhorias da condição da minha vida. Não posso prever.

● *E, por último, auscultámos um outro depoimento feminino, o da sr.ª Olga Martins, empregada de escritório, que falou assim:*

— Tenho, pois. Desde que me casei, ou seja, há três anos.

— E o seu telefone trabalha muito?

— Diàriamente.

— Mas quantas vezes por dia?

— Por minha iniciativa, mais ou menos, uma vez por dia. Mas recebo mais do que telefono.

— Porque é que telefona tão pouco?

— É caro. Eu pago sempre de oitenta a cem escudos por mês, apesar de o usar pouco. Não sei como é...

O CHEFE DO ESTADO E O CARDEAL PATRIARCA ASSISTEM ÀS FESTAS DE PAÇO DE ARCOS

O Chefe do Estado assistirá no próximo domingo, em Paço de Arcos, aos tradicionais festejos em honra do Senhor Jesus dos Navegantes, que se estendem de 24 de Agosto a 1 de Setembro. A bênção das embarcações de pesca, de comércio e de recreio, fundeadas frente a Paço de Arcos, será feita no mesmo dia, ao fim da tarde pelo cardeal-patriarca de Lisboa, no decorrer da procissão que percorrerá as principais ruas da localidade.

Os festejos inauguram-se depois de amanhã, com a abertura do «arraial» e de uma exposição de Pina d'Emarghi, no salão nobre do Clube Desportivo de Paço de Arcos.

No domingo, os bombeiros locais prestam homenagem á memória do Patrão Lopes, junto do respectivo monumento, desfilando depois pelas ruas principais da vila. Comemorando o «Dia Patrão Lopes», serão ainda disputadas regatas com largadas sucessivas das classes P. B. C., «Sharpes», «vougas», «finis», «snipes», «fluyng junior», «cadetes» e «moths». As 12 horas, será celebrada a primeira missa solene na nova igreja do Senhor dos Navegantes. Às 17 horas chegará o sr. Presidente da Republica, que será saudado pelas entidades civis, militares e religiosas, passando revista á guarda de honra constituída pelo corpo activo dos Bombeiros Voluntários, com fanfarra e terno de clarins. Segue-se um cortejo a pé em direcção á nova igreja, com breve paragem na residência do sr. conde de Castelo de Paiva, até á saída da procissão. O Chefe do Estado assistirá ao préstito e á bênção numa tribuna especial. À noite, haverá concerto público no coreto da Avenida Marquês de Pombal, pela banda de música da Casa dos Pescadores da Costa de Caparica.

Nos dias seguintes realizam-se diversas manifestações, até ao encerramento dos festejos, ás 24 horas de 1 de Setembro.

Lugar de preparador no Laboratório de Física da Faculdade de Ciências

Na Secretaria da Faculdade de Ciências de Lisboa, recebem-se, até 30 do corrente mês, declarações de candidatura para um lugar de Preparador-Conservador do Laboratório de Física.

Os candidatos devem possuir o 2.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes.

De ontem para hoje

A MENSAGEM DE SAN DIEGO

A cidade californiana de San Diego foi descoberta pelo português João Rodrigues Cabrilho. O Festival Cabrilho lembra todos os anos o navegador audaz que lá aportou um dia, os olhos deslumbrados perante a terra que se lhe oferecia. A Lisboa chegou agora a jovem Mary Linette Rosa, o nome conjugando Portugal e os Estados Unidos, eleita em San Diego «Miss» Festival Cabrilho-68. É descendente de açorianos e veio até nós convidada pelas autoridades portuguesas, devendo a visita prolongar-se por quase um mês. Ontem foi ao Palácio de Belém onde a recebeu o sr. Presidente da Republica. A jovem luso-americana ofereceu ao Chefe do Estado uma artística lembrança com as armas do condado da Califórnia e uma medalha comemorativa do 200.º aniversário da fundação da cidade de San Diego, que se comemora no próximo ano. No decurso da mesma entrevista, o sr. almirante Américo Thomaz recebeu também das mãos de Mary Rosa uma mensagem do «mayor» de S. Diego, Frank Curran, a saudar o sr. Presidente da Republica e o povo português em nome da população da cidade e, especialmente, dos luso-americanos nela radicados. Mary Linette Rosa esteve também nos Paços do Concelho, onde foi recebida pelo general França Borges, a quem entregou igualmente uma mensagem do «mayor» Frank Curran. O presidente da Câmara retribuiu a gentileza oferecendo á visitante uma miniatura da caravela das armas da cidade e várias publicações sobre Lisboa. Também distinguiu os acompanhantes de «Miss» Cabrilho com lembranças.

NO RIO TÂMEGA

No lugar de Paçô, na margem do rio Tâmega, lá para terras de Ribeira de Pena, estavam três raparigas a tomar banho: Carmen Martins da Costa, de 19 anos, Isabel Teixeira de Carvalho, de 13, e Ana Dias de Carvalho, de 12 anos. Faltou-lhes o pé e afundaram-se. Morreriam se não fosse a decisão de Eurico Vilela Gonçalves, de 15 anos, que acabara de se vestir e se atirou de novo á água. Agarrou uma pelos cabelos e com uma vara conseguiu salvar também as outras duas...

FOGO NO «STAND»

Num «stand» de automóveis da Rua das Amoreiras manifestou-se ontem fogo. Um dos carros ardeu por completo e outros ficaram sèriamente danificados. Uma gambiarra eléctrica foi a causa do fogo.

AS CHAMAS DEVORADORAS

Um grande e pavoroso incêndio irrompeu ontem nas costas do Monte Cavalo, região de Lafões, no caminho que de Vouzela leva a Vila de Frades. O fogo lavrou com grande intensidade, tendo sido necessários os esforços dos bombeiros de todas as redondezas para o dominar. Destruiu nada menos de 250 hectares de pinhais e causou prejuízos calculados em 2500 contos. Além dos bombeiros, acorreram soldados e populares para combaterem o fogo. Estiveram em perigo algumas casas de habitação. Vítimas também houve, felizmente sem gravidade: o comandante dos Bombeiros Voluntários de Vouzela, sr. Alberto Correia, fracturou uma perna e foram tratados também o sr. Floriano Lourenço e alguns bombeiros e populares que sofreram intoxicação.

NAS ÁGUAS DO TEJO

Quando sulcava as águas do Tejo, desapareceu de uma draga do Porto de Lisboa, que era rebocada pelo vapor «Glorioso», o fiscal daqueles serviços portuários Abimael da Cruz Madeira, de 43 anos, casado, natural de Setubal, residente na Rua 6, n.º 28, 1.º, na Baixa da Banheira. Aquele funcionário, o unico que se encontrava na embarcação, deve ter-se desequilibrado e caído ao rio, desaparecendo.

CICLO PREPARATÓRIO
E
CURSO LICEAL
DIURNO E NOCTURNO / Tel. 834658

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANÍBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província de Moçambique, junto á fronteira Norte, o alferes miliciano Manuel Fraga de Carvalho, natural do concelho de Ribeira de Pena e filho do sr. Manuel Teixeira da Costa Carvalho e da sr.ª D. Silvina Fraga de Carvalho; o furriel miliciano 71039360, Elias Machava, do recrutamento provincial; e o soldado da milícia de protecção Henrique Fadaromala, também do recrutamento da Província; e em Angola, o marinheiro fuzileiro especial 10468, Joaquim Adelino Moreira Dionísio, natural de Setubal e filho do sr. Adelino Dionísio e da sr.ª D. Ermelinda Moreira Dionísio.

O alferes miliciano Manuel Fraga de Carvalho, que contava apenas 23 anos de idade, era natural da povoação de Cerva, do concelho de Ribeira de Pena. Pertencente á arma de Infantaria. embarcara para Moçambique há cerca de um ano, integrado na Companhia de Caçadores 1803 e tendo como unidade mobilizadora o Regimento de Infantaria 2. Jovem dotado de grandes virtudes e excepcionais méritos, conquistara a amizade e estima de superiores, camaradas e subordinados.

Curso de enfermagem na Cruz Vermelha Portuguesa

Na sede da Cruz Vermelha Portuguesa, Jardim 9 de Abril, 5, estão abertas inscrições para o curso geral de enfermagem. As candidatas ou candidatos devem ter o 2.º ciclo do liceu ou equivalente e idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos. As inscrições podem fazer-se todos os dias uteis das 11 ás 13 e das 15 ás 17 horas, excepto aos sábados.

RECTÂNGULOS DA VIDA

POR MARIA JUDITE DE CARVALHO

O MOSQUITO

Há pouco, agora mesmo, neste instante (o que é o tempo quando sonhamos?), estava eu em pleno pesadelo e aos berros silenciosos. E de súbito acordo e fico à escuta Sobressaltada? Não, não se trata de um sobressalto mas de um leve alarme. Houve um ruído qualquer, eu sei. Quando acordo assim, a meio da noite, melhor, quando a meio da noite fico assim acordada, de repente, sem transição, sem caminho percorrido do sono à vigília total de sentidos alerta, é que houve qualquer coisa. Alguém no andar de cima que pisou uma tábua que conheço há anos embora nunca a tenha visto, mas que range como quem geme, como quem sofre, um móvel que estalou, um carro que passou mais depressa na rua, um grito na noite lá de fora. Mas não foi passo nem estalo nem carro nem grito, eu sei que não foi. Um fantasma discreto, talvez? Um fantasma que não gosta de dar nas vistas? Terão sido os seus passos, o seu quase adejar, o ar que agitou ao mover-se?

Nada disso Ei-lo de súbito que passa, leve, levemente zumbindo, o mosquito desta noite de Verão Abro a luz, olho em redor, ainda vejo a sua breve presença, melhor, suspeito dela passando daqui para além e depois mais nada, o silêncio total. Apago a luz — que estupidez tê-la acendido por causa de um mosquito —, volto-me para o outro lado. Mas ei-lo que regressa com o seu irritante zumbido forte e depois fraco, longe e logo perto, que há pouco me trouxe à superfície. Agora voa depressa e baixo, em arco de círculo, ou porque isso é divertido para um mosquito, ou porque sabe que a recta não é a mais curta distância entre dois pontos, ou ainda porque tenta alimentar-se com o meu sangue. A sua picada é-me indiferente, enfim, quase, mas o ruído que faz enerva-me. Então acendo de novo a electricidade, procuro-o, encontro-o, que sorte, consigo matá-lo porque se tratava de um mosquito imprevidente ou optimista que não reparou que a dobra do lençol era uma inadequada pista de aterragem. Agora posso dormir. Morreu um mosquito, que mais posso querer neste momento em que tenho sono?

Um pequenino ser alado e zumbidor, que sabe coisas que eu nunca saberei, e ao qual paguei deste modo o ter-me libertado do pesadelo onde estava. Matei-o automàticamente, nem precisei de reflectir, uma pancada e a dobra do lençol ficou suja do leve pó em que de súbito se desfez. Isto de sacudir automàticamente mosquitos ou pessoas (porque o que somos nós, às vezes, para os outros, ou eles para nós, senão irritantes mosquitos zumbidores?) tem os seus perigos. Até porque o pó-recordação desfaz-se — basta soprá-lo — e ninguém se lembra mais de quem zumbia.

Milhares de contos (em Aveiro) para as obras do porto

AVEIRO, 22 — Desde Maio findo que, dentro dum plano prèviamente traçado, a draga «Eng. Arantes e Oliveira» anda na faina do desassoreamento da entrada da barra, trabalhos esses orçados em cerca de 12 000 contos.

O empreendimento era de absoluta necessidade, dado que, como já por diversas vezes temos focado, intensamente se processam no porto de Aveiro obras de um certo vulto, atinentes a um mais franco e rápido desenvolvimento, tanto no aspecto piscatório como comercial.

Pois, ao que parece, os trabalhos agora empreendidos, se bem que resolvam, por ora, o magno problema da barra, não lhe dão, futuramente, aquele desassoreamento que permita a barcos de grande tonelagem demandarem o porto em condições que incentivem a sua vinda mais vezes. Seria sempre a dragagem uma solução de carácter mais ou menos eventual.

Daí o estar-se a pensar em obras de grande vulto e que possam, de uma só vez, dar á entrada do porto toda aquela profundidade desejada. Para já, pensa-se no restabelecimento do transporte litoral de aluviões através da embocadura da Ria, de molde a que com a montagem de máquina apropriada possa a areia ser levada do norte para lá do molhe sul. Esta extraordinária obra custará para além de uma dezena de milhares de contos e será executada a curto prazo.

Taxis aéreos

Como outras cidades portuguesas também Aveiro pensa nas carreiras de táxis aéreos, a avaliar pela informação camarária chegada até nós pois «foi resolvido ficar para estudo a localização do aeródromo, para servir futuras carreiras de táxis aéreos».

BOMBEIROS DE QUELUZ: Três meses à espera de uma linha telefónica

QUELUZ, 23 — Continua por satisfazer, decorridos mais de três meses, o pedido de mais uma linha telefónica feito pelos Bombeiros Voluntários de Queluz á empresa T. L. P. (Telefones de Lisboa e Porto).

Acontece que com o aumento da população desta vila cresceu, também, o volume dos socorros diàriamente solicitados á corporação, justificando-se plenamente o rápido deferimento do pedido.

OPORTUNIDADE ÚNICA!

INICIA-SE A VENDA
DO EMPREENDIMENTO DE MAIOR CATEGORIA EM TODO O PAÍS

ALDEIA TURÍSTICA
DO TOURING CLUB DE PORTUGAL

SITUADA NA PRAIA DA FALÉSIA-ALBUFEIRA (A MAIS BONITA DO ALGARVE)

CIRCUNDADA DE DENSOS PINHAIS * LUZ ELÉCTRICA * ÁGUA CORRENTE * ESGOTOS
RUAS ASFALTADAS * TRANSPORTE ENTRE O AEROPORTO E O EMPREENDIMENTO

No caso de não utilizar a propriedade adquirida, nós encarregamo-nos de a alugar com um rendimento mínimo de 8% garantido, que poderá actualizar cada ano

* PARA OCUPAR IMEDIATAMENTE

APARTAMENTOS E MORADIAS DE GRANDE LUXO

CONSTRUÍDAS EM PURO ESTILO ALGARVIO COM MATERIAIS DE 1ª QUALIDADE, EM TERRENOS DE 500 A 1.500 m²;

TABELA DE PREÇOS

	ENTRADA	PREST. MENSAL	PREÇO TOTAL
1 ASSOALHADA, COZINHA E C. DE BANHO	25.000$	2.500$	250.000$
2 ASSOALHADAS, COZINHA E 2 C. DE BANHO	40.000$	4.000$	400.000$
3 ASSOALHADAS, COZINHA, C. DE BANHO E GARAGEM	60.000$	6.000$	600.000$
4 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	75.000$	7.500$	750.000$
5 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	90.000$	9.000$	900.000$

Equipadas com ar condicionado, cozinhas com frigorífico, fogão com forno, máquina automática de lavar roupa, esquentador de distribuição, exaustor de fumos, máquina de cozinha eléctrica com acessórios (batedeira), etc.

SEM ENCARGO ALGUM, E EXCLUSIVAMENTE PARA OS SENHORES COMPRADORES * PARQUE PARA CRIANCAS, SOB A VIGILÂNCIA DE PESSOAL COMPETENTE * PISCINA HIPISMO * COURT DE TÉNNIS * PESCA DESPORTIVA * SKI NÁUTICO * ETC.

INFORMAÇÕES AV. DA LIBERDADE, 258-9.º-Esq. LISBOA

OU NO LOCAL

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

VARIEDADES

Laura Alves em «A Flor do Cacto»

O êxito desta magnífica comédia de Vasco Morgado, continua agora no Variedades a registar grande assistência. Todos os dias, numerosa público que frequenta aquela sala, aplaude com entusiasmo o magnífico trabalho do seu elenco, em que Laura Alves, em mais um desempenho ao nível dos seus melhores, é a figura principal, muito bem secundada por Paulo Renato, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Ângela Ribeiro, Alexandre Vieira, Alda Pinto e Norberto de Sousa. Hoje e todas as noites, espectáculos às 21 e 45.

MONUMENTAL

«Lisboa é sempre mulher»

Já em 3.º mês no cartaz, a sumptuosa revista «Lisboa é sempre mulher», original de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, com música de João Nobre e Carlos Dias, é um espectáculo fora de série, com um texto engraçadíssimo superiormente interpretado por Camilo, Florbela e Breyner, nas principais figuras, ao lado de Maria Adelina, Octávio de Matos, Yola, Linda Silva, as atracções Maria Teresa Quinta e Vum-Vum, e muitos outros nomes de valor já firmado. Sob a direcção de Fernando Lima actuam um grandioso grupo de «ballet» internacional e 10 esculturais modelos. A encenação pertence a Camilo de Oliveira, com montagem, figurinos e direcção de guarda-roupa de Pinto de Campos. Hoje e todas as noites, espectáculos às 20 e 45 e 23 horas.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Avis

Título em português — «Matar para não morrer».
Produção — Italiana
Realização — Amérigo Anton.
Intérpretes — Robert Mark, Elina de Witt e Gondon Mitchell.
Género — Aventura.
Distribuição — Talma Filmes.
Processo — Techniscope.
Classificação — 12 anos.

Marilyn Monroe

(«Quanto mais quente melhor») abre o ciclo do S. Jorge «Humor em Festival»

Uma deliciosa comédia com a saudosa Marilyn Monroe, «Quanto mais quente melhor», inaugura esta noite, no cinema São Jorge, o ciclo «Humor em Festival», que prosseguirá com os filmes «Não prees a cabça» e «Enganei-me no número».

«Quasto mais quente melhor» é um filme de Billy Wilder, que marca uma data na comédia americana e significou o ponto mais alto da carreira de Marilyn, que tem a seu lado, como principais intérpretes, Jack Lemmon e Tony Curtis.

NOVO CASINO ESTORIL
apresenta
O SHOW SENSAÇÃO DE
ALFREDO ALÁRIA
UM DOS MAIORES NOMES DO "MUSIC-HALL" MUNDIAL
COM LIA UYA E NINA BRACCIO
E UM ELENCO DE GRANDES FIGURAS DO BAILADO MODERNO
TERRI KING
VEDETA AUSTRALIANA DA CANÇÃO
FREDIANI BROTHERS
HELENA TAVARES
EDUARDO NASCIMENTO E OS ROCK'S
PAUL KING'S COMBO
JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos
no wonder bar à 1.00h m/21 anos
NO CINEMA, ás 17 e 21.30 h.
O REBELDE AVENTUREIRO (M. 12 anos)

A Paramount apresenta
UM FILME COM O SELO DA GRANDIOSIDADE!
MARLON BRANDO
KARL MALDEN
EM
UMA NOTABILÍSSIMA EXPERIÊNCIA DO CINEMA! "WORLD TELEGRAPH"
* * * * - A MAIS ELEVADA CLASSIFICAÇÃO! "DAILY NEWS"
EXTRAORDINÁRIA! "N.Y. TIMES"
CINCO ANOS DEPOIS...
(ONE-EYED JACKS)
(ADULTOS)
ENLAÇAR A NOITE, A FILHA DO SEU INIMIGO, ...ERA O PRINCÍPIO DA SUA VINGANÇA!
com KATY JURADO BEN JOHNSON PINA PELLICER
Produtor FRANK P. ROSENBERG · Realiz. MARLON BRANDO · Prod. execut. GEORGE GLASS · Argumento WALTER SELTZER · GUY TROSPER · CALDER WILLINGHAM
Uma produção PENNEBAKER em VISTAVISION "TECHNICOLOR"
AMANHÃ EM EMOCIONANTE REAPARIÇÃO NO MUNDIAL

MONUMENTAL
Teatro com AR REFRIGERADO
VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA «REVISTA»
com
Camilo - Florbela - Nicolau
MARIA ADELINA ★ OCTÁVIO DE MATOS ★ YOLA ★ LINDA SILVA ★ CÉLIA DE SOUSA
AS ATRACÇÕES
MARIA TERESA QUINTA
VUM-VUM
UM EXCEPCIONAL BALLET INTERNACIONAL DE 25 FIGURAS
GRAÇA! RITMO! E LINDAS MULHERES!
11.ª SEMANA
HOJE — 2 SESSÕES: — 20.45 e 23 horas — AOS DOMINGOS, À TARDE, ÀS 16 H. (ADULTOS)
Lisboa é sempre mulher

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa
Vasco Morgado apresenta — ADULTOS
HOJE, 2 sessões: ás 21 e ás 23 horas
BILHETES DESDE 5$00
Ar Refrigerado
Oh, que delícia de GOISA
Disparate cómico de Gila, encenado por Carlos Avilez, com
RAUL SOLNADO
ANA PAULA ★ BARROSO ★ BORSATTI ★ HENRIQUETA ★ LUÍS FILIPE ★ CARLOS QUEIROZ e ainda FIALHO GOUVEIA
Carlos Queiroz

TELESCOLA
Abertas as matrículas
Telefone 83 14 16

O ÊXITO CONTINUA AGORA NO TEATRO VARIEDADES
T. 326037
58.ª SEMANA
LAURA ALVES em A FLOR DO CACTO
com PAULO RENATO • CARLOS J. TEIXEIRA
ALINA VAZ • ANGELA RIBEIRO • ALEXANDRE VIEIRA • ALDA PINTO • NORBERTO DE SOUSA
encenação de SANTOS CARVALHO
Um espectáculo de VASCO MORGADO
DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ
A COMÉDIA ONDE GRASSA A GRAÇA...
TODAS AS NOITES Às 21.45 h. (Adultos)
2.º ANO
NUNCA UM ÊXITO FOI TÃO GRANDE...

VAI COMEÇAR A VOTAÇÃO PARA O «REI DA RÁDIO PORTUGUESA»

Ainda esta semana o «Diário de Lisboa» publicará o primeiro cupão do concurso para eleição do «Rei da Rádio Portuguesa», certame de grande âmbito popular, iniciativa da PAC (Publicidade Artística e Comercial) que recebe, nesta edição-1968, o patrocínio do nosso jornal.

É escusado salientar que a disputa do título de «Rei da Rádio Portuguesa» carece do apoio dos admiradores dos mais votados «ídolos» dos nossos microfones.

E, porque suscita esse apoio, torna-se fácil adivinhar que muitas centenas de cartas e postais, manifestando o maior interesse em torno da eleição, já chegaram á secretaria do concurso («Diário de Lisboa» — Rua Luz Soriano — Lisboa).

Os adeptos das vedetas dos tablados radiofónicos patentelam, nas suas frases de elogio, o desejo de activarem a votação dos artistas que admiram, de molde a garantirem-lhes a presença no sensacional espectáculo que a PAC organiza e terá lugar no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, na noite de 7 de Dezembro próximo. Lembremos que essa meta — a votação publica, em plena igualdade — apenas é facultada aos dez artistas mais votados pelos leitores do nosso jornal e que, como homenagem á Cidade Invicta, o artista nortenho mais votado (desde que esteja incluido na lista dos dez nomes eleitos pelos leitores do «Diário de Lisboa» e resida no Norte) será considerado «Príncipe da Rádio Portuense».

Recordemos (e nunca será demais fazê-lo) que este concurso prevê, unicamente, o apuramento de dez candidatos ao título de «Rei da Rádio Portuguesa», só podendo ser votados artistas portugueses e não existindo qualquer limitação de votos.

Aliás, os boletins de voto (que esta semana já publicaremos) deverão ser preenchidos com letra bem legível, não sendo considerados os que se apresentarem com rasuras. Depois, semanalmente, esses votos serão contados na presença de membros da Organização e, igualmente, dos artistas votados que desejem assistir á operação.

Mais se lembra que a votação, através das colunas do «Diário de Lisboa», encerrará no dia 5 de Novembro. E, até ao dia 7 de Novembro (ou seja: 30 dias antes da eleição) os candidatos apurados deverão confirmar se aceitam (ou não) a sua candidatura. No caso de desistência ou por falta de confirmação de qualquer candidato, proceder-se-á á sua substituição pelo artista que, imediatamente a seguir na tabela de votos, compareça nesse inesquecível espectáculo. A eleição do «Rei da Rádio Portuguesa» está, portanto, a ser organizada com a devida ponderação. E a certeza (plena) de que redundará em grande êxito popular.

HOJE PODE VER.

● **Às 21 e 55: Reportagem do exterior**

Numa transmissão directa da Praça de Touros do Campo Pequeno, a R. T. P., apresenta, esta noite, a corrida de touros que ali se realiza e em que actuam os cavaleiros mestre João Branco Nuncio e Frederico Cunha, que toma alternativa, os matadores José Julio e Mário Coelho.

As pegas estão a cargo do Grupo de Amadores de Santarém e os touros pertencem aos herdeiros de D. Diogo Passanha da Quinta de S. Pedro.

O pianista John Ogdon no Festival de Sintra

Prossegue hoje, ás 21 e 30 no Teatro Carlos Manuel, o XII Festival de Sintra. Será interpretado um concerto pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida pelo maestro David Zinman, sendo solista John Ogdon — «um génio do piano», como a crítica o distingue.

O programa escolhido para o espectáculo desta noite é bem ao gosto dos musicófilos exigentes, visto que serão executadas peças de Wagner (Os mestres cantores de Nuremberga), de Liszt (Concerto n.º 1, em bi bemol maior), de Ravel (Concerto para a mão esquerda) e de Mussorgsky-Ravel (Quadros de uma exposição).

Os bilhetes podem ser adquiridos na Agência de Informações do S. N. I., na Junta de Turismo da Costa do Sol e na Comissão de Turismo de Sintra. Os transportes estão assegurados por camionetas que partem dos Restauradores, cerca das 20 e 30.

VIDA SOCIAL

Em viagem de negócios, seguiram de avião para a Alemanha, onde vão assistir á Feira de Colónia e fazer compras para o Verão de 1969, os Senhores Manuel Gomes da Silva e José Augusto Guerra Machado, sócios gerentes da firma Lourenço & Santos, Ld.ª.

AMANHÃ NO CONDES

SENSACIONAL REAPARIÇÃO DE UM GRANDE ÊXITO!

IRMÃO CONTRA IRMÃO, DESMASCARANDO A HIPOCRISIA DE UMA SOCIEDADE APODRECIDA!

20th Century-Fox

VAN JOHNSON JOSEPH COTTEN RUTH ROMAN JACK CARSON

O FAMOSO ROMANCE POLICIAL DE GEORGES SIMENON

O FUNDO DA GARRAFA

Produtor BUDDY ADLER — Realizador HENRY HATHAWAY — Argumento SYDNEY BOEHM

Cinemascope • Color DeLuxe

ADULTOS

TV FOGUETE — Telefone: 831223

Assistência permanente em Rádio e T. V. ao domicílio

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

MARILYN MONROE TONY CURTIS JACK LEMMON

NA CÉLEBRE REALIZAÇÃO DE BILLY WILDER

REAPARECEM A PARTIR DE HOJE ÀS 21.30 NO CINEMA SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

NO CICLO: HUMOR EM FESTIVAL

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR

(SOME LIKE IT HOT)

EM 1960 FOI CONSIDERADO «A MELHOR COMÉDIA DO ANO»; HOJE ESTÁ CLASSIFICADO COMO OBRA DE ANTOLOGIA

Com GEORGE RAFT · PAT O'BRIEN · JOE E. BROWN — Argumento de BILLY WILDER e I.A.L. DIAMOND — Realiz. de BILLY WILDER — Um filme da UNITED ARTISTS

RANK FILMES

Adultos

DIÁRIO DE EVA

CANDIDATA ACEITE A PILOTO DA SAS

Lentamente, começam a cair as barreiras que se opunham ao sexo feminino no sector profissional. Já não é notícia que uma mulher se licenciou em engenharia ou se especializou em energia atómica, mas é ainda, por enquanto, assunto de jornal a comunicação de que uma mulher foi aceite como candidata a piloto de uma empresa de navegação aérea.

Registar esse facto é-nos grato, não como excepção e vitória das qualidades excepcionais de uma mulher, mas prenúncio de abertura de mais uma carreira até agora vedada ao sexo feminino.

A norueguesa Turid Wideroe está, pois, de parabéns em nome de todas as mulheres, por ter sido aceite como candidata a piloto da S. A. S. É uma das primeiras mulheres a treinar-se para piloto de uma grande companhia aérea comercial. A S. A. S. aceitou, ao todo, 54 candidatos a pilotos para treinos durante os próximos Outono e Inverno.

53 destes candidatos são homens. A sr.ª Wideroe, a única excepção, passou no Verão os testes preliminares em igualdade com os candidatos masculinos.

Em Outubro, vai iniciar a primeira fase do curso de piloto, que será seguida por cursos intensivos de tipos de aeronave, simulador de voo e voo real.

A loira Turid Wideroe, de 30 anos de idade, é natural de Oslo mas tem vivido em Bodo, no norte da Noruega. Desde 1966 que pilota hidros Otter para a Wideroe Airways, empresa aérea norueguesa fundada por seu pai, Viggo Wideroe, grande pioneiro da aviação norueguesa.

Turid foi promovida a comandante da Wideroe Airways nos princípios deste ano, e desde então tem comandado o novo Twin Otter, da empresa de seu pai.

A família Wideroe é, sem dúvida, uma família de aviadores, pois Kari Wideroe, irmã de Turid, é hospedeira de bordo da S. A. S. Está radicada em Cascais e voa nas rotas desta companhia entre Lisboa e a América do Sul.

POSTAL DE FÉRIAS

Rua Dr. Correia Mateus. No centro. Um miúdo, com o máximo de 13 anos, só osso, abre uma vala na estrada. Maneja uma picareta grande. Nunca reparei que uma picareta fosse tão grande. É mesmo um miúdo. Semelhante aos que trabalham nos mundos reais de Zola.

... ...

— Que podemos nós fazer?! Os homens foram para França — diz-me um cavalheiro ao meu lado. — Que havemos de fazer? Não nascemos com picaretas nas mãos. Tivemos escolas e liceus onde passámos a juventude. E, depois, ganham bem para a idade deles. Podem dar a féria à mãe e ainda ir ao cinema ao sábado. Distrair-se. Não acha?

— Claro!

A mini-saia não desaparecerá

A coexistência pacífica parece ter sido conseguida entre a mini e a maxi-saia. Haverá adeptas para uma e outra. No próximo Inverno, dizem os costureiros alemães, ver-se-á sobre uma mini-saia um maxi-casaco

Este modelo é agora popular: veja o interessante contraste dos tons claros com os escuros. O corte imita a «espinha» dos galões militares

Quem não admira os trajos multicolores das ciganas? A leitora pode dar a mesma impressão alegre e atraente com um trajo como este, de bolero, saia rodada e blusa de mangas largas. Esta é branca e as outras peça de seda estampada em cores muito vivas

Publicações recebidas

Recebemos o numero 58 da revista «Oliva», que regista a colaboração de Álice Azevedo, Jorge Ramos, Elaine Sauceau, Carlos Riobom, Rollin de Macedo, Aurora Jardim, Heitor de Campos Monteiro, Marta Mesquita da Camara, etc., além das secções habituais de Moda, Culinária e Livros e Autores. A poesia ocupa lugar de relevo neste numero, que dedica um artigo ao ultimo livro de Ferreira de Castro («Instinto Supremo») e insere uma página infantil, crónica humoristica, etc.

Refrescante! Estimulante!

Gordon e Água Tónica

O GIN que mais se vende em todo o mundo

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
LISBOA
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
PORTO COIMBRA FARO

XII FESTIVAL DE SINTRA

TEATRO CARLOS MANUEL — SINTRA

HOJE, 22 DE AGOSTO, ÀS 21.30 HORAS

CONCERTO PELA ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

Maestro: DAVID ZINMAN

Solista: JOHN OGDON (piano)

Obras de Wagner, Liszt, Ravel, Mussorgsky-Ravel

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA

26 de Agosto às 21.30 horas

RECITAL DE PIANO POR

JOAQUIM ACHUCARRO

Bilhetes á venda na Agência de Informações do S. N. I., na Junta de Turismo da Costa do Sol e na Comissão de Turismo de Sintra.

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 75

LISBOA

VULCAIN

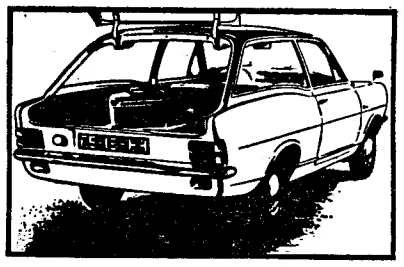
RELÓGIO SUÍÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica Av 5 de Outubro. 203, r/c.. Esq Tel 771639 (Ao Campo Pequeno)

viva DE SUCESSO EM SUCESSO

o VIVA ESTATE-CAR é "UM CARRO SINGULAR":



VAUXHALL VIVA ESTATE-CAR

Cilindrada do motor: 1 159 c. c.
Potência do motor: 56,2 c. v.
Capacidade de carga: 1,230 m³
Esc. 64 873$50 (Taxas incluidas)

Passageiros ou mista

AUTO-INDUSTRIAL GM

LISBOA • AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 • TEL. 56 26 81 — COIMBRA • LEIRIA
ESTORIL • AV. DE NICE • TEL. 26 33 96 — CALDAS DA RAINHA

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

É O RECINTO PREDILECTO DA GENTE LISBOETA E DA COLÓNIA ESTRANGEIRA

HOJE — NO TEATRO ARCO ÍRIS — AS 22 HORAS
EM EXIBIÇÃO GRATUITA PARA O PÚBLICO
OS INTERESSANTES RANCHOS FOLCLÓRICOS DE
MAIORCA — FIGUEIRA DA FOZ e RANCHO TÍPICO REGIONAL DA BOAVISTA - PORTALEGRE

«A VOLTA VISTA DA FEIRA»
OS PROGNÓSTICOS DE HOJE SÃO PARA A ETAPA
BEJA-PORTALEGRE

UMA MAGNÍFICA PANELA DE PRESSÃO — UM RADIO TRANSISTOR E UM TERMO — SÃO OS PRÉMIOS OFERECIDOS POR
JOÃO CAMILLO ALVES, LDA.

ABERTURA AS 19 HORAS

Em ALVALADE-SADO o «Diario de Lisboa» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva.

Em BUCELAS o «DIARIO DE LISBOA» está á venda na casa VICENTE ROMÃO BRAVO.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTR

Protesto formal checo no Conselho de Segurança contra a presença das tropas russas no país

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 22 — (R.) — A Checoslováquia protestou, a noite passada, formalmente, junto do Conselho de Segurança da O. N. U., contra a presença de tropas soviéticas no país e pediu «sem demora» a sua retirada.

O protesto foi apresentado pouco depois de o Conselho ter rejeitado, por unanimidade uma tentativa soviética para impedir auqele organismo de discutir a crise checoslovaca.

O chefe adjunto da delegação checoslovaca, Jan Muzik, surgiu, inesperada e dramàticamente, perante o Conselho, e leu uma série de comunicações do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Jiri Hajek.

Muzik afirmou que agia de acordo com instruções explícitas do ministro dos Negócios Estrangeiros.

Um comunicado, distribuído ontem pela delegação checoslovaca, repudiava especificamente, o argumento da União Soviética de que a intervenção das forças do Pacto de Varsóvia se dera a pedido do Governo checoslovaco.

SOBERANIA EM JOGO

Momentos antes, o ministro adjunto dos Negócios Estrangeiros soviético, Jacob Malik, afirmara ao Conselho que o Governo checoslovaco pedira ás nações do Pacto para enviarem tropas

Muzik disse ainda numa rápida comunicação, antes de ler as declarações do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que a actual situação era semelhante á de 1938, quando o acordo de Munique foi firmado pelo então primeiro-ministro britânico, Neville Chamberlain e Hitler.

Agora, como então, «a questão da soberania da Checoslováquia está em jogo» — declarou.

Muzik, prosseguindo, afirmou que as mudanças ocorridas na Checoslováquia, desde Janeiro, visavam apenas a melhorar a situação socialista e «a trazer a Republica para mais perto dos elevados objectivos do socialismo».

A Checoslováquia acreditava que a «unidade do nosso povo e a sua dedicação ao socialismo nos habilitariam a alcançar os objectivos que todos os membros progressivos da sociedade humana desejam».

A aparição de Muzik perante o Conselho surpreendeu muitos delegados. Segundo uma notícia que circulara antes, Muzik não gozava da simpatia dos membros liberais chefiados pelo secretário do Partido, Alexander Dubcek.

O seu pedido para se dirigir ao Conselho esteve em suspenso até ao momento em que o organismo mundial rejeitou as diligências soviéticas para manter a crise checoslovaca fora da agenda do Conselho.

Este decidiu, por 13 contra 2 votos (U. R. S. S e Hungria), discutir a questão em substancia e não foi formulada qualquer objecção quanto ao pedido de Muzik de se dirigir ao organismo mundial.

Manifestação checa a favor das reformas, antes da invasão

Comunistas e não-comunistas condenam a acção russa

LONDRES, 22 — (R.) — A União Soviética enfrentava hoje uma vaga enorme de condenações (que não diminuia de intensidade) por parte de muitos partidos comunistas e de países não comunistas, por causa da invasão da Checoslováquia.

Quando Praga exigia, a noite passada, erante o conselho de Segurança a retirada das forças de ocupação do seu território, manifestantes concentravam-se em muitas cidades para protestar contra a acção Soviética.

Em Bonn, Oslo e Santiago do Chile multidões apedrejaram as embaixadas soviética, enquanto em Estocolmo cerca de 20 mil pessoas desfilaram através das ruas, empunhando bandeiras da Checoslováquia e cartazes com dísticos a favor desse país.

Na Jugoslávia, o Partido Comunista manifestou a profunda indignação e amargura de todo o povo e comunistas jugoslavos pelo espezinhamento da soberania de um país socialista independente».

O comunicado acrescentava que «os ultimos acontecimentos revelavam que não se trata apenas de um ataque contra a Checoslováquia, mas de um importante e histórico ponto de reviravolta nas relações, em geral, entre países socialistas».

A comunicação, emitida após uma sessão do «praesidium» da comissão central do Partido e da comissão executiva, que se realizou na ilha de Brioni, no Adriático, acrescentava: «Essa intervenção é um pesado golpe contra todas as forças socialistas e progressivas do mundo».

Por outro lado, quatro membros do Governo checoslovaco, a gozarem férias na Jugoslávia, emitiram em Belgrado um comunicado condenando a ocupação — informou a Embaixada checoslovaca.

Até agora, a China não fez qualquer comentário acerca da invasão.

McCARTHY CRITICA JOHNSON

A seguir ao protesto de ontem do presidente Johnson, o candidato republicano á presidência, Richard Nixon, emitiu uma declaração descrevendo a invasão como «um ultraje contra a consciência do mundo».

No entanto, em Washington, o senador Eugene McCarthy, o candidato da paz á nomeação democrática para a presidência, afirmou que não encarava a acção soviética como uma crise mundial. O senador criticou o presidente Johnson pela sua apressada convocação dos altos conselheiros de segurança da Casa Branca pouco depois de serem recebidas as notícias da invasão.

Em Bruxelas, fontes bem informadas disseram que as forças da N.A.T.O. aumentaram a sua vigilância enquanto o conselho permanente da Organização do Tratado do Atlântico Norte era convocado para duas sessões de emergência.

Em Londres, um forte cordão da Polícia susteve a noite passada cerca de dois mil manifestantes, aos gritos e empunhando cartazes, que pretendiam entrar á força numa exposição comercial soviética.

Antes, o Governo e o Partido Comunista britânicos emitiram declarações deplorando a invasão soviética.

«IMPERIALISMO RUSSO»

Em Paris, um comunicado divulgado pela Embaixada romena pedia a retirada imediata das tropas soviéticas da Checoslováquia.

Em Caracas, Bogotá, Cidade do México, Brasília e S. Domingos, informadores governamentais condenaram a invasão. O ministro dos Negócios Estrangeiros chileno, Gabriel Valdez, descreveu-a como uma ameaça á paz mundial.

Em Canberra, o primeiro-ministro John Gorton declarou que a Austrália tinha exprimido o seu «pesar, preocupação e repulsa» quanto á ocupação.

Em Montreal, mais de 200 manifestantes, empunhando cartazes onde se lia «Abaixo o imperialismo russo» e «Estaline vive», desfilaram defronte do Consulado soviético e apuparam membros do pessoal da missão que apareceram.

QUATRO MINISTROS CHECOS NA JUGOSLÁVIA

BELGRADO, 22 — (R.) — Quatro membros do Governo checoslovaco, o vice-primeiro-ministro Ota Sik, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jiri Najek, o ministro da Planificação Económica, Frantisek Clasak, e o presidente da Comissão de «Contrôle», Stefan Gasparik, que têm estado em gozo de férias na Jugoslávia, publicaram um comunicado de fidelidade no qual condenavam a ocupação soviética, segundo revelou a noite passada a Embaixada checoslovaca nesta capital.

Os primeiros dois são também membros da Comissão Central do Partido Comunista.

Os ministros chegaram a Belgrado ás primeiras horas da noite passada.

O dr. Benjamin Spock participou numa manifestação

NOVA YORK, 22 — (R.) — O dr. Benjamin Spock, autoridade mundial sobre pediatria, participou, a noite passada, numa manifestação defronte da missão soviética junto das Nações Unidas.

O dr. Spock, que foi condenado por aconselhar jovens, contrários á guerra no Vietnam, a fugirem ao recrutamento, afirmou que participara na manifestação e que ficara horrorizado ao ler a notícia da invasão da Checoslováquia.

E acrescentou: «Fiquei horrorizado e doente por pensar que um país pode invadir outro e ocupá-lo literalmente».

SHIRLEY TEMPLE EM PRAGA

PRAGA, 22 — (A. N. I.) — Shirley Temple, que foi «menina prodígio» do cinema norte-americano, encontra-se na Checoslováquia e procurou refugio junto da esposa do jornalista estadunidense James Jackson, correspondente da «UPI».

Shirley, em tempos conhecida como «menina dos caracóis», está com o casal Jackson no hotel Alcron, verdadeiro «quartel general» da Imprensa estrangeira em Praga.

Shirley viera á Checoslováquia para participar numa reunião da federação internacional das sociedades de combate á esclerose multipla, de que é uma das fundadoras.

BOICOTAGEM

PRAGA, 22 — (F. P.) — A comissão central da União da Juventude convida os jovens a boicotar um eventual novo Governo que possa ser instalado sob o patrocínio das potências ocupantes. «Amaldiçoados sejam os traidores e os colaboradores», conclui o apelo transmitido pela rádio checoslovaca.

Processo reformista

A Europa Oriental começou em 1956 um processo reformista, lento mas contínuo. Cada passo analisado isoladamente nada tem de espectacular. Mas tomados no seu conjunto, essas reformas alcançaram aquilo que no Ocidente se considerava impossível. Basta olhar para os turistas ocidentais que se dirigem para as praias búlgaras do Mar Negro — ou observar a facilidade com que os diplomatas romenos abandonam uma conferência comunista — para nos apercebermos que qualquer semelhança entre a Europa Oriental de hoje e a dos anos 50 é puramente geográfica. Estas palavras escrevia-as a revista «News Week», no princípio da crise checa, em Abril.

A revista lembrava que as mudanças operadas nas democracias populares tinham um carácter muito mais económico do que nacionalista.

Desde que em 1963, a própria União Soviética pôs em prática as teorias económicas de Evsei Liberman tudo se precipitou no mundo socialista, embora as inovações do economista soviético possam parecer, á primeira vista, bastante platónicas.

As reformas económicas sugeridas por Liberman, propondo a descentralização do planeamento, tiveram inevitáveis consequências políticas. Isto porque tirou aos partidos, sobretudo aos estruturados, o «contrôle» total da economia.

Na Checoslováquia estas reformas tiveram repercussões tanto mais importantes quanto é certo que o «leader» máximo, Antonin Novotny, lhes era adverso.

Mas o velho estalinista não podia resistir indefinidamente ás pressões que lhe vinham de fora e de dentro. Assim, um partido com uma chefia demasiado ortodoxa viu-se, repentinamente, atirado para controvérsias graves que levaram, como era de esperar, ao enfraquecimento dessa chefia.

Novotny cedia lentamente, o menos que podia. Mas, em Abril, o antigo secretário-geral tentou deter a maré liberalizadora e expulsou três escritores do Partido Comunista. Pouco depois, dissolveu a União dos Escritores

Isto provocou uma enorme reacção por parte dos intelectuais.

«Foi uma revolta dos novos» — dizia, mais tarde Ladislav Unacko, que se refugiou em Israel.

Novotny acabou por se demitir de residente, de secretário-geral do Partido e, depois, de presidente da Republica.

Dubcek, o novo secretário-geral, iniciou um programa de reformas espectaculars e acabou com a censura. Todavia, as reformas, aos olhos dos parceiros da Checoslováquia no Pacto de Varsóvia (excepção feita á Roménia) pareceram ir longe de mais.

Dubcek batalhou entre dois fogos terríveis — as pressões dos intelectuais checos e do capital estrangeiro, representado, sobretudo, pelo Bundesbank, por um lado, e, por outro, os ortodoxos do Pacto de Varsóvia.

A crise chegou a um ponto que, já em Maio, o chefe dos comissários políticos do Exército soviético afirmava: «Se um grupo de comunistas fiéis nos pedir auxílio, não teremos duvidas em intervir».

Também em Maio, um alto funcionário da Secretaria de Estado americana dizia: «Se Dubcek perder o «contrôle» da situação, então sim, teremos uma situação em que a intervenção soviética se torna muito possível.»

Ter-se-ão verificado estas condições? Ainda é muito cedo para se saber.

Escolaridade Obrigatória

Todas as alunas com a 4.ª classe primária se podem inscrever na Classe Preparatória do

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

São ao mesmo tempo preparadas para satisfazerem as actuais exigências da lei as que disso necessitem.

Escola Lusitânia Feminina

R. DE D. ESTEFÂNIA, 126 (à Av. Duque de Ávila) — **Telefs. 44730 e 553575**

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTR

Apelo à greve geral na Checoslováquia

PRAGA, 22 — (R.) — Mais tanques soviéticos, aparentemente chegados durante a noite, tomaram posições em Praga, onde já se encontrava grande número.

Durante a noite, continuaram a ouvir-se tiros esporádicos de espingarda, entrecortados por detonações mais fortes, talvez de arma pesada, mas não há qualquer indício de resistência generalizada na capital.

Estações de rádio secretas transmitiram um apelo á greve geral, se as tropas do Pacto de Varsóvia não sairem da Checoslováquia dentro de 24 horas. A estação de Karvina, numa mensagem assinada pela comissão regional do partido checo, naquela localidade, também pediu que Dubcek, o presidente Svoboda ou qualquer membro do Comité Central façam uma declaração ao povo o mais tardar até ás 18 horas de hoje.

Informações aqui recebidas dizem que os habitantes de Ostrava, uma cidade mineira a 250 quilómetros de Praga, ouviram, durante a noite, prolongado tiroteio. Aparentemente, os trabalhadores armados opuseram-se á ocupação das suas minas e fábricas.

Recomendada a recusa de colaboração

PRAGA, 22 (F. P.) — O jornal «Vecerni Praha» (vespertino de Praga), órgão da comissão do Partido da cidade de Praga, apareceu esta manhã na forma de um folheto policopiado.

«Não nos procurem, nós estamos no vosso meio, e na primeira linha» — lê-se na pequena folha. «Sede correctos com os soldados de ocupação, eles apenas obedecem a ordens recebidas, mas recusai toda a colaboração com eles».

«Assegurai a vida quotidiana normal é assim que ajudareis melhor os camaradas Svoboda, Dubcek, Cernik e os outros, que são os unicos representantes reconhecidos pelo nosso povo.

ORDEM DE SVOBODA ÀS TROPAS CHECAS PARA NÃO LUTAREM

PARIS, 22 — (F. P.) — O emissor de ondas curtas da Rádio checoslovaca, captado em Paris, difundiu um comunicado do ministério da Defesa Nacional, informando as tropas checoslovacas de que a ordem para não intervirem, a fim de evitarem os movimentos de tropas do Pacto de Varsóvia, foi dada pelo general Svoboda, presidente da Republica e chefe supremo das Forças Armadas, para evitar todo o derramamento de sangue, e que deve ser escrupulosamente observada.

Uma emissora transmitindo próximo de Praga disse esta manhã: «Durante a noite, tivemos de mudar de local por termos sido prevenidos a tempo mas continuaremos a transmitir».

Outra emissora que se intitula «Rádio Figl» afirmou hoje que existem traidores entre os membros do «Praesidium» e do Governo Checoslovaco.

Segundo aquela emissora, os traidores são Alois Indra, antigo ministro dos Transportes e presidente da Comissão do Plano, e Drahomir Kolder e Frantisek Barbirek, ambos membros do «Praesidium» do Partido.

A rádio afirmou que esses três elementos chefiam um grupo de comunistas checos que entraram em negociações com o comandante das tropas soviéticas.

A «Rádio Figl» também anunciou que os membros da Assembleia Nacional que se encontravam presos no edifício do Parlamento onde passaram a noite foram postos em liberdade, esta manhã.

Outras estações de rádio da província procuram evitar a reunião do Congresso do Partido Comunista antecipada para esta manhã e lançam avisos aos delegados provinciais dizendo: «Não vão ao hotel Praga como vos disseram. Trata-se de uma armadilha.»

Na capital, vigorou o recolher obrigatório da meia-noite ás cinco da manhã e hoje, faltou o pão em alguns sectores da cidade ao mesmo tempo que em muitas bombas de gasolina havia um letreiro de «esgotado»

Fuga de turistas

MUNIQUE, 22 — (F. P.) — Setecentos e cinquenta viajantes, na sua maioria alemães ocidentais, passaram durante o dia de ontem na fronteira germano-checoslovaca, a caminho da República Federal, no ponto de passagem de Schirnding, na Baviera, segundo se soube em Munique.

Turistas canadenses, ingleses, holandeses, austríacos e franceses interromperam igualmente as suas férias na Checoslováquia dirigindo-se a toda a pressa para a fronteira.

MILÍCIAS OPERÁRIAS CONDENAM A OCUPAÇÃO

PRAGA, 22 — (F. P.) — Numa declaração lida na Rádio Usti Nad Labem, o estado-maior regional das milícias operárias da Boémia do Norte condena a ocupação da Checoslováquia que classifica de «acto sem precedentes».

O estado-maior afirma a sua confiança nos milicianos das instituições legais e nos seus representantes devidamente eleitos, Dubcek, Cernik, Smrkovsk e Kriegel.

DIRIGENTES COMUNISTAS CHECOSLOVACOS INICIARAM EM PRAGA CONVERSAÇÕES COM OS INVASORES

VIENA, 22 — (R.) — Alguns membros da comissão central do Partido Comunista checoslovaco «iniciaram negociações com os invasores», segundo revelava esta manhã uma emissão de um posto da Rádio checoslovaca.

A Radiodifusão disse ainda que isso fora revelado numa resolução não assinada emitida após uma conferência que se realizou ontem num hotel de Praga, a que assistiram oficiais do Exército soviético.

A resolução, que foi enviada também a alguns órgãos regionais do partido, afirma que as negociações têm por objectivo «a normalização da situação».

Esta notícia foi transmitida ás 0 e 14 em duas frequências de onda que têm estado a ser utilizadas pela Rádio oficial de Praga desde a entrada das tropas estrangeiras.

Contudo, a moção foi rejeitada já pela comissão regional do partido em Usti, a qual disse que não aceitará as decisões de um grupo cuja composição desconhece.

O «Praesidium» do «comité» do partido em Praga também adoptou a mesma posição.

A emissora também anunciou que um congresso extraordinário do Partido Comunista checo se reunirá esta manhã em Praga. Todos os delegados já foram chamados á capital para nele tomarem parte.

A emissora denunciou o grupo anónimo que tomou parte nas negociações com os russos acusando-o de estar a assumir as funções do mais alto órgão do partido, numa tentativa para ajudar os invasores.

Segundo a Rádio o encontro no hotel Praha foi entre cerca de cinquenta membros da comissão central e mais dezanove candidatos a membros. Porém Dubcek e os seus principais colaboradores, presos e levados pelos russos com destino desconhecido não tomaram parte na reunião. Também se encontravam ausentes os membros do partido que continuam no edifício do parlamento.

Pouco depois de ter começado a reunião no hotel, o edifício foi cercado por tanques soviéticos e nele entraram vários oficiais soviéticos acompanhados por membros da comissão central do partido checo.

Esses membros dirigiram um apelo aos restantes no sentido de «iniciarem uma colaboração com as tropas invasoras».

Depois de várias horas de debates, disse a Rádio, foi difundida uma moção em que se apoia o programa de acção liberal até agora seguido pelo Governo mas não se pede a libertação de Alexandr Dubcek e dos outros dirigentes detidos.

O Vietcong bombardeou o centro de Saigão

SAIGÃO, 22 — (F. P.) — Vinte granadas-foguete de 122 milímetros, de fabrico soviético, abateram-se esta madrugada, por duas vezes, em pleno centro de Saigão e nas docas do porto, matando 14 vietnamianos e ferindo 15 — segundo as primeiras informações oficiais. A Assembleia Nacional, um hotel reservado aos americanos, e o bairro populoso de Do Thann Nhan, perto do porto, foram atingidos. Não há vítimas americanas.

Um jornalista, japonês, Makoo Sakai, do «Nihon Keiza», foi ferido e encontra-se em estado grave por pouco que o correspondente do jornal japonês «Yomiri Snimbun» escapou de ser também vítima do bombardeamento, quando um dos projécteis explodiu a três metros do seu escritório e apartamento.

A Assembleia Nacional, situada no coração da cidade, entre os hoteis Caravelle e Continental, onde reside a maioria dos jornalistas estrangeiros, ficou gravemente danificada.

Dois foguetes atingiram o edifício. Um esburacou o tecto e destruiu o ângulo direito da fachada. O outro explodiu ao lado da Assembleia, abrindo um orifício perto das fundações. Não houve feridos.

SILÊNCIO DE MORTE

O bombardeamento, proveniente de sudeste foi desencadeado ás 4 e 45. Em poucos minutos, uma dezena de foguetes assobiou sobre Saigão e foi explodir em pleno centro e perto das docas, bem como no bairro de Cholon.

Não havia ninguém nas ruas, dado que o recolher obrigatório não fora ainda levantado. Um silêncio de morte sucedeu-se ao ruído ensurdecedor das explosões. Um quarto de hora mais tarde, o bombardeamento recomeçou durante alguns minutos.

Dois engenhos caíram num dédalo de ruelas perto do mercado de Khann Hoi, o bairro mais populoso da capital. Podiam ver-se os cadáveres ensanguentados de duas mulheres e um bebé vietnamiano, transportados destas ruas, onde três casas de telhado de chapa ondulada se abateram sobre os seus ocupantes.

Receia-se que o numero de vítimas seja mais elevado. Continuam as buscas nas casas destruídas.

Distribuídos aos soldados soviéticos manifestos em que se pede a sua saída da Checoslováquia

PRAGA, 22 — (F. P.) — A população desta cidade distribuiu, ontem á tarde, aos soldados soviéticos, manifestos redigidos em língua russa, pedindo-lhes que saiam do país. «Soldados russos» — declara um dos panfletos — «Em nome do Governo, do «comité» central e do povo checoslovaco, ide-vos embora. Ninguém aqui aprova a vossa agressão. Estimamos o vosso povo mas se as vossas unidades não partirem imediatamente, acabará a amizade entre os nossos dois países».

Um outro documento, cuidadosamente impresso pelos operários da empresa gráfica Polygrafia, salienta: «Viestes ao nosso país com a convicção de defender o socialismo. Haveis visto que nada de contra-revolucionário se passa aqui. O Partido Comunista dirige o povo segundo os princípios do socialismo e os ensinamentos de Lenine e Marx. Temos uma grande experiência do militarismo alemão e somos capazes de defender sózinhos a nossa fronteira ocidental. Ao contrário da vossa intervenção libertadora em 1945, consideramos hoje a vossa chegada estranha aos nossos desejos. Pedimo-vos, como o disse recentemente Brejnev, que não vos mistureis nos nossos assuntos internos. O desenvolvimento da vossa intervenção poderá converter-se numa imensa tragédia», conclui o manifesto.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

OBSTINADA FIRMEZA DOS CHECOS MAS SEM CARÁCTER ORGANIZADO

PRAGA, 22 — (R.) — A Checoslováquia, sempre obstinada embora sem resistir fisicamente ao domínio do Kremlin, está pràticamente isolada do mundo exterior. Enquanto os poucos postos de rádio «livre» vão sendo, gradualmente, ocupados pelas tropas soviéticas, os tanques apertam Praga e outras cidades num anel de aço e as fronteiras são fechadas.

Pouco depois da meia-noite local, o comandante das tropas soviéticas em Praga radiodifundiu um «apelo» aos cidadãos para que permanecessem nos seus lares até ás 5 horas (4 T. M.G.), ou «de outra maneira podiam ocorrer incidentes».

As forças militares checoslovacas não estão a resistir aos invasores, mas um comunicado radiodifundido pela administração da Região Militar da Checoslováquia ocidental dizia que unidades da Força Aérea, perto de Pilsen, emitiram «uma declaração clara de que não entregariam armas» e não dariam aos russos qualquer assistência técnica ou abastecimentos.

Alexander Dubcek encontra-se prisioneiro dos russos. Juntamente com alguns dos seus mais próximos colaboradores, foi metido, ontem, num transporte blindado de tropas soviético, que partiu do edifício da Comissão Central.

O presidente Ludvik Svoboda encontrava-se, também, virtualmente prisioneiro. A sua residência oficial, no Castelo de Praga, estava cercada por tropas de ocupação.

Rádio Praga conseguiu manter a transmissão de notícias, dando a versão Dubcek dos acontecimentos, até desaparecer completamente do ar, dois minutos antes da meia-noite.

O posto, que se denominou a si próprio como «a rádio legal checoslovaca de Praga», declarou: «Vamos fechar porque necessitamos durante a noite de preparar e estabilizar o nosso local provisório de transmissão».

Contudo, á 1 e 26 (hora de hoje), um posto, transmitido em checo e em duas das frequências que tem sido usadas por Rádio Praga, indicou a sua localização em Hradec Kralove e afirmou que fora anunciado que unidades de tanques soviéticas se dirigiam do aeroporto para a cidade. E prosseguiu: «Somos agora, provàvelmente, as unicas pessoas em Hradec Kralove que podem comunicar convosco». Pediu aos ouvintes para que continuassem á escuta nos seus receptores.

Rádio Banska Bystrica foi aparentemente ocupada ás 22 e 40 (hora da noite passada). Poucos minutos antes, o locutor anunciou que tropas soviéticas estavam a entrar no edifício do posto.

ONDE ESTA NOVOTNY?

Não havia ainda hoje qualquer indício de um novo Governo surgido sob as forças de ocupação

O paradeiro de Antonin Novotny, substituído como chefe do Partido e como presidente no princípio deste ano, respectivamente, por Dubcek e Svoboda, é um mistério. Contudo, panfletos lançados ontem sobre Praga por aviões soviéticos davam-no como «o unico presidente legal da Checoslováquia».

O Conselho da N. A. T. O., que ontem, de manhã, teve uma reunião semanal de rotina, prolongou os seus trabalhos pelo dia adiante. Manlio Brosio declarou que só depois de estudar o relatório da reunião de ontem poderá decidir da possível realização de uma reunião especial, hoje ou noutro dia desta semana.

DEZ A DOZE MORTOS

O presidente, que combateu ao lado do Exército Vermelho contra os alemães na ultima guerra e é um dos poucos estrangeiros que ostenta o título de «Herói da União Soviética», disse ainda que continuaria hoje discussões com chefes governamentais. Esperava que o primeiro-ministro Oldrich Cernik estivesse presente.

São discordantes as notícias acerca da sorte deste. Umas afirmam que foi aprisionado pelos russos, outras que se encontra, ainda, em liberdade.

Comparada com a supressão impiedosa da revolta hungara de 1956, a ocupação de ontem da Checoslováquia foi relativamente branda. Segundo notícias fragmentadas que circulam nesta capital, 10 ou 12 pessoas foram mortas e 200 ficaram feridas.

PONTARIA ALTA

Embora multidões, na maioria de jovens, bloqueassem o caminho ás tropas e as apupassem quando entravam em Praga e nas cidades da província, não foi anunciada oposição organizada.

Quando os soldados do Pacto de Varsóvia abriram fogo — de armas automáticas, a noite passada, na Praça Wenceslas, centro da Praga — foi geralmente para o ar, por cima das cabeças das multidões que os cercavam.

A agência noticiosa Ceteka comunicou que, em várias cidades da província, os russos retiraram durante a noite os seus tanques para os suburbios, após conversações com autoridades municipais.

Esta foi uma das ultimas mensagens que a Ceteka transmitiu antes de ser ocupada por tropas invasoras.

Enquanto continuava, com precisão mecânica, procediam á ocupação de repartições governamentais e de outros centros importantes, os invasores não atacaram imediatamente os serviços de informação, um dos primeiros alvos de um golpe de Estado clássico.

Na cidade de Bratislava, no oeste da Checoslováquia, tanques soviéticos começaram a circular através das ruas; ontem á noite, e uma grande unidade russa partiu de Bratislava para a cidade industrial de Brno.

«UM LEVANTAMENTO ARMADO NÃO SERVIRIA A NINGUÉM»

VIENA, 22 — (F. P.) — Rádio Praga lançou, ontem á noite, vários apelos à população checoslovaca. Num deles, pedia á população «que não se deixasse arrastar para provocações por aventureiros políticos, que poderiam servir-se das horas da noite.

«Um levantamento, armado contra as tropas de ocupação — acentuou a Rádio de Praga — não serviria a ninguém e só complicaria a situação na Checoslováquia. A única arma da população deve ser o sangue-frio e a resistência passiva».

Num comentário, a mesma estação afirmou que o «ocupante» ainda não conseguira formar um Governo de «marionettes». E isto porque «não encontrara ninguém ao seu serviço entre 14 milhões de habitantes que conta a Checoslováquia».

Foi ainda transmitido um apelo dos sindicatos, pedindo aos países do Pacto de Varsóvia que retirem as suas tropas da Checoslováquia.

UMA INTERVENÇÃO AMERICANA NUNCA FOI CONSIDERADA

WASHINGTON, 22 — (R.) — Os Estados Unidos estão a apostar na diplomacia e na pressão da opinião mundial para salvarem as vidas dos dirigentes liberais checoslovacos e, talvez, impedirem uma ocupação russa em grande escala.

Washington continuava hoje taciturnamente alerta, mas fontes afectas ao Departamento de Estado disseram que não havia qualquer problema de intervenção militar americana. Afirmaram que tal possibilidade nunca fora mesmo considerada e que os russos o sabiam.

Funcionários confessaram que o presidente Johnson sofrera um «desaire» em novas diligências para um acordo entre o Leste e o Oeste quando tropas soviéticas invadiram a Checoslováquia.

Havia ainda esperanças de que a crise checoslovaca pudesse ser «dividida em partes» pelo Kremlin, como os americanos tentaram fazer no Vietnam, e que as duas grandes potências continuariam a conferência sobre problemas importantes, tais como a fiscalização dos armamentos. Possibilidades de progresso em futuro próximo pareciam, porém, sèriamente reduzidas.

A explosão da crise na semana antes da convenção de nomeação presidencial do Partido Democrático em Chicago afectará de certeza a cena política doméstica e fará diminuir o apelo do candidato «Pomba de Paz», senador Eugene McCarthy

A Richard Nixon, o nomeado republicano, poderá ter sido dado um grande impulso pelos russos. Pode agora atacar o nomeado democrático — que provàvelmente será o vice-presidente Hubert Humphrey — citando a atitude do Governo de procurar acomodação com os russos.

Contudo, alguns observadores afirmam que uma crise estrangeira auxiliou sempre um governo no poder e indicaram a vitória em 1956 do presidente republicano Dwight Eisenhower, após a intervenção soviética na Hungria.

POSSÍVEIS SANÇÕES

O presidente Johnson, após classificar a invasão como uma violação da carta das Nações Unidas, pareceu ontem estar a depositar as suas esperanças imediatas nas deliberações do Conselho de Segurança da O. N. U. sobre a situação na Checoslováquia.

Convocou uma sessão do Gabinete para o meio-dia local (16 T. M. G.) de hoje, a fim de rever a crise, mas não se esperava qualquer comunicado especial.

Além de uma censura da O.N.U., anunciou-se que funcionários americanos estavam, também, a estudar possíveis outras sanções contra as nações do Pacto de Varsóvia.

Uma possibilidade era a de que a Polónia pudesse ficar privada do tratamento de nação favorecida que goza no comércio com os Estados Unidos.

CONSIDERAÇÕES

Analistas do Departamento do Estado apresentaram estas considerações provisórias, após a invasão soviética, mas sublinharam que eram altamente especulativas:

— O Kremlin agiu por causa dos subitos novos acontecimentos que aumentaram os receios de que a liberalização checoslovaca alastraria contagiosamente através do bloco comunista, especialmente na Alemanha Oriental, ideológicamente vulnerável.

— A decisão de invadir poderia ter sido provocada por avisos do dirigente comunista alemão oriental Walter Ulbricht, que efectuou na semana passada uma visita de surpresa á Checoslováquia. Poderá ter avisado que a corrente liberal não podia ser sustada.

— Era demasiado cedo para acabar com o movimento reformista checoslovaco. Os russos poderiam ainda ser vulneráveis á pressão quase unanime da condenação mundial.

— Não havia qualquer «ligação organica» entre a crise da Europa Oriental e as actuais negociações de paz no Vietnam. As possibilidades da U. R. S. S. exercer influência sobre Hanói foram sempre diminutas e, aparentemente, continuavam a sê-lo.

A Assembleia Nacional apoia o protesto do Governo checo

WASHINGTON, 22 — (R.) — O embaixador checoslovaco, Karel Duda, transmitiu, a noite passada, ao Departamento do Estado, uma declaração da Assembleia Nacional do seu país, apoiando o protesto governamental contra a União Soviética e os quatro países do Pacto de Varsóvia, por causa da «ocupação ilegal da Checoslováquia».

Na sua segunda visita ao Departamento, em dez horas, o dr. Duda entregou a declaração da Assembleia ao subsecretário de Estado, John Leddy.

O embaixador convocou, depois, uma conferência de Imprensa, para divulgar o texto da declaração, assim como uma tradução não oficial da comunicação da agência noticiosa Ceteka, da sessão de emergência do Governo em Praga.

Recusou-se, porém, a responder a perguntas.

Julga-se, também, que cópias do protesto foram enviadas aos Governos de Moscovo, Varsóvia, Budapeste, Berlim-Leste e Sófia.

Os dirigentes da U. R. S. S. e da Checoslováquia á chegada a Bratislava onde, nos princípios deste mês, se realizou uma conferência para tentar resolver o diferendo entre os dois países. Da esquerda para a direita: **Svoboda, Kossyguine, Suslov, Podgorny, Brejnev, Arnik e Dubcek**

Os bombeiros combatem as chamas que devoram a cortiça

Prejuízo superior a mil contos provocado pelas chamas que consumiram parte de uma fábrica de cortiça

Um incêndio destruiu, ao fim da madrugada de hoje, as secções de granulados e pranchas e danificou outras secções, numa fábrica de cortiça, situada na Cova da Piedade, entre a Rua José Ferreira Borges e a Rua I.

Pensa-se que o incêndio tenha começado um pouco antes das cinco horas da manhã, nos moinhos de aglomerados. O guarda da fábrica, sr. Brás Martins Parreira, soube o que se passava, quando, ás cinco menos cinco, foi acordado por fortes detonações, naquela secção. Tendo-se levantado, viu apenas uma nuvem de fumo espesso e sentiu um forte cheiro a cortiça queimada. Correu ao elefone e avisou o patrão e os bombeiros, sem se aperceber, de momento, do que se passava.

Os Voluntários de Almada chegaram dez minutos depois. Entretanto, foi dado o alarme e, em virtude das proporções do incêndio, compareceram, mais tarde, elementos do Batalhão de Sapadores e das corporações dos Voluntários de Cacilhas, Trafaria, Lisbonenses, Campo de Ourique e Lisboa, num total de cerca de 180 homens. A Base Naval do Alfeite enviou um pronto-socorro e duas moto-bombas e oito homens comandados por um oficial.

As operações são dirigidas pelo chefe Correia, dos Sapadores, coadjuvado pelos comandantes de Almada, Cacilhas, Trafaria e Lisbonenses.

Entretanto, o ataque ao incêndio (restringido, logo ao princípio da manhã, aos montes de cortiça armazenados num quintal) continuou durante o dia, e só ao fim da tarde serão dados por concluídos os trabalhos.

Desconhecem-se, por enquanto, as causas do incêndio. É, igualmente, difícil saber, para já, a quanto sobem os prejuízos. Mas são mais de mil contos, só em parte cobertos pelo seguro — disse-nos um dos proprietários da fábrica, sr. Florival Godinho Gamero.

A fábrica pertence á firma Florival Godinho Gamero & Irmão, Lda. Foi fundada há 26 anos (comemorou as bodas de prata no ano passado) e tem secções para fabrico de todos os artigos de cortiça, desde rolhas e tapetes, a revestimentos e utilidades. Pertence a esta firma um «stand» de objectos de artesanato em cortiça existente na Feira Popular.

As vendas efectuadas pela firma atingem, normalmente, entre cinco mil e seis mil contos por ano.

O ritmo de trabalho vai sofrer, agora, grandes prejuízos, mas a firma proprietária está na decisão de recuperar o perdido, o mais depressa possível.

«Só paramos se surgirem complicações com as companhias de seguros» — disse-nos o sr. Florival Gamero, que acrescentou: «Faremos o possível para que ninguém (trabalham na fábrica cerca de 150 pessoas) fique sem trabalho».

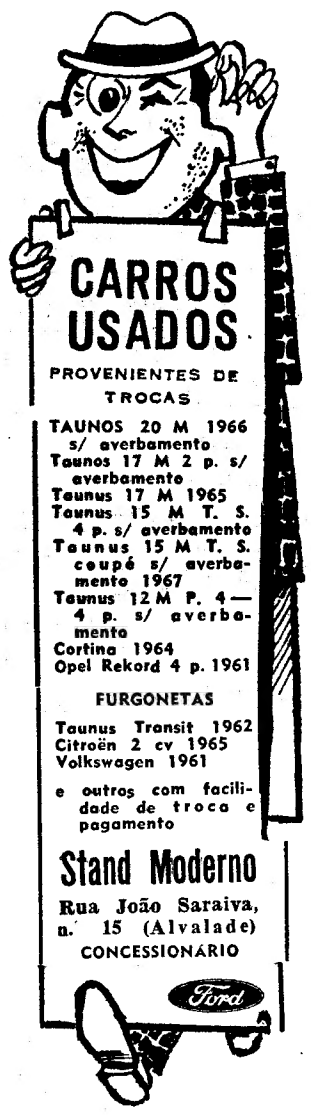
Logo ao princípio da manhã, esteve no local do incêndio o sr. eng.º Macieira Dias, engenheiro-chefe dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Almada.

Como é natural, acorreram muitos populares. E se alguns foram levados apenas pelo «espectáculo» (um monte de cortiça a arder é uma imagem de grandeza) outros procuravam auxiliar os bombeiros, inclusivamente fornecendo-lhes sanduíches e embalagens de leite.

No respeitante a desastres pessoais registam-se apenas os casos de alguns bombeiros e de um soldado da Base Naval do Alfeite, que ficaram ligeriamente queimados nos braços.

adaggio
RUA CARLOS REIS, 51-A
(A RUA DA BENEFICÊNCIA)
COCKTAIL-BAR ★ RESTAURANT
SALA DE CONVÍVIO ★ SALON BOIT CLUB
ABERTO DAS 16 AS 3.30 HORAS
MARCAÇÕES DE MESAS PELO TELEF. 77 56 95

Ourivesaria da GUIA
...GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
FUNDADA EM 1870



O ENG.º CUNHA LEAL FAZ HOJE 80 ANOS

Completa hoje oitenta anos o unico antigo presidente do Ministério da Republica ainda na trincheira que foi sempre a sua. Desapareceram todos os outros desde Teófilo Braga a Afonso Costa, Bernardino Machado, António José de Almeida, as próceres, que vieram do tempo da propaganda passaram ao Governo Provisório e participaram com sua inteligência, sua vontade e capacidade realizadora na construção do regime. De alguns se celebrou já o centenário e de outros se completa em breve. Os que se lhes seguiram, como António Maria da Silva, Domingos Pereira e José Domingues dos Santos faleceram já todos.

Ministros da Republica, no período de antes do 28 de Maio, há uns oito ou nove firmes no ideal que na mocidade os tomou e que sempre procuraram engrandecer. Antigo presidente do Ministério só o eng.º Cunha Leal, que hoje completa oitenta anos, no calor e ternura dos seus.

Inteligência fulgurante, orador de raça e combatente daqueles que não se abatem, o eng.º Cunha Leal veio para a Republica nos bancos da Politécnica e da Escola de Guerra Sarmento Pimentel lembra-o nas suas memórias, ao falar daqueles cavaleiros que se chamaram Humberto de Ataíde, Passos e Sousa, caídos na guerra de África daquele outro que se chama ainda Francisco Aragão, herói de Nautila, e tantos mais. Há um ano morreu Ribeiro de Carvalho e há dois dias celebramos o aniversário do capitão Vilhena jovem de oitenta anos.

É uma geração singular essa que se recusou a envelhecer.

A carreira de um político

O eng.º Francisco Pinto da Cunha Leal que foi uma das personalidades marcantes da Republica desde o sidonismo, deu-nos há pouco o terceiro volume de suas *Memórias*, que vão até 19[illegible] ao fim do primeiro exílio. Completa hoje mesmo dois carros de anos nascido que foi em Pedrógão, concelho de Penamacor, em 22 de Agosto de 1888. Economia caseira estreita no nascimento, triunfos escolares no Liceu de S. Domingos, na Politécnica è na Escola de Guerra. E depois a África, até determinada altura, a grande escola dos nossos militares e dos nossos homens publicos.

Como capitão foi para a Flandres e, no tempo de Sidónio, era eleito deputado, ele que viria a ser uma das grandes vozes do Parlamento. E não vamos lembrar toda a sua vida publica desde en-

O Chico Rui e o Zé Manel, dois dos onze netos do eng.º Cunha Leal, fotografados ontem com seu avô. Gerações que se continuam, numa solidariedade e união que é a marca da familia.

O antigo [illegible] ril, conve[illegible] dição

tão, ministro [illegible] varo de Cas[illegible] dente do M[illegible] 1921, com 3[illegible] de ter prote[illegible] jo no 19 de[illegible] correu tamb[illegible]

O «Diário [illegible] a sua vida [illegible] sempre o [illegible] neste jorna[illegible] nas abertas[illegible] as suas inte[illegible]

Ministro, [illegible] partido na [illegible] dos, o eng. [illegible] 1924 reitor [illegible] Coimbra e [illegible] revista «Bib[illegible] po da sua [illegible] suspeita de [illegible] na altura [illegible] cargo, em A[illegible] era também [illegible] Banco Nacio[illegible] em 1927 go[illegible] Angola, lu[illegible] 1930.

E Cunha [illegible] lhara na Im[illegible] sigente», de[illegible] dirigira «O[illegible] fundava «A[illegible] E continua[illegible] lumes polém[illegible] económico [illegible] ainda outro[illegible] sempre pre[illegible] dos umas d[illegible]

Poder-se-á[illegible] quem há a[illegible] lível? — m[illegible] ignorar a [illegible] pouco ign[illegible] dade.

Menso[illegible]

Estivemos [illegible] Cunha Leal, [illegible] tivais na s[illegible] gada desde [illegible] anos que a [illegible] praia e mi[illegible] pôs os pés [illegible]

Na salet[illegible]

VENDIDO AO SEU ANTERIOR PROPR[illegible] POR 18.760 CONTOS O ARRANHA-CÉUS DO [illegible]

Nos escritórios da empresa Mário Cunha, S. A. R. L. foi o[illegible] a escritura que confere áquela firma a posse daquele imóvel qu[illegible] havia pertencido.

Passam portanto aqueles prédios à posse do Eng.º Maurício [illegible] que os tinha entregue a seu irmão aquando da compra por aquele[illegible] ções nas empresas.

Aquele financeiro evita assim que os magníficos imóveis fosse[illegible] de pessoas estranhas à família pois tal esteve para suceder vist[illegible] leilão realizado entre os licitantes se encontravam os representant[illegible] companhia de seguros que fizeram elevar em lances de 10 contos, d[illegible] preço por que foi posto em praça até 18.760.000$00 preço por q[illegible]

Outorgaram pela empresa Mário Cunha, S. A. R. L. a senhora [illegible] lica de Rollão Preto Santos Marques Vieira de Brito e pela empre[illegible] sr. Jaime Afra Filho.

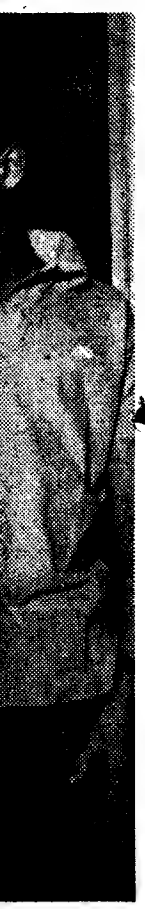
LEAL
OS

...ídos na guerra
... outro que se
...ncisco Aragão,
...e tantos mais.
...eu Ribeiro de
...s dias celebra-
...do capitão Vi-
...itenta anos.
... singular essa
...nvelhecer.

... um político

...sco Pinto da
... uma das per-
...ntes da Repu-
...nismo, deu-nos
...ro volume d...
...e vão até 19...
...ro exílio. Com-
... dois carros de
... foi em Pedró-
...Penamacor, em
...1888. Economia
...o nascimento,
...no Liceu de S.
...écnica è na Es-
...depois a África,
...tura, a grande
...militares e dos
...dicos.

...para a Flan-
...de Sidónio, era
...e que viria a
...ndes vozes do
...vamos lembrar
...blica desde en-



...Cunha Leal,
...nuam, numa
...a.

O antigo Presidente do Ministério da Republica, na sua casa do Estoril, conversa com o redactor do «Diário de Lisboa»; mantendo a tradição das relações entre o jornal e o político republicano.

tão, ministro das Finanças de Álvaro de Castro, em 1920, e presidente do Ministério no final de 1921, com 33 anos, pouco depois de ter protegido o António Granjo no 19 de Outubro, dia em que correu também o seu sangue.

O «Diário de Lisboa» começara a sua vida pouco antes e desde sempre o homem publico teve neste jornal republicano as páginas abertas de par em par para as suas intervenções.

Ministro, deputado, «leader» de partido na Camara dos Deputados, o eng.º Cunha Leal foi em 1924 reitor da Universidade de Coimbra e da sua acção depõe a revista «Biblos», fundada no tempo da sua reitoria, pela pena insuspeita de Mendes dos Remédios, na altura em que ele deixou o cargo, em Abril de 1925. Em 1925 era também vice-governador do Banco Nacional Ultramarino e era em 1927 governador do Banco de Angola, lugar que ocupou até 1930.

E Cunha Leal que sempre trabalhara na Imprensa, desde o «Intransigente», de Machado Santos, que dirigira «O Século» e «A Noite», fundava «A Vida Contemporanea». E continua então uma série de volumes polémicos uns, de carácter económico outros, de memórias ainda outros, em que o país está sempre presente. E leva publicados umas dezenas deles.

Poder-se-á discordar dele — e quem há aí que se dê por infalível? — mas nunca se poderá ignorar a sua acção, nem tão-pouco ignorar a sua personalidade.

Mensagem de firmeza

Estivemos em casa do eng.º Cunha Leal, a viver estes meses estivais na sua casa do Estoril, alugada desde 1928. — «Há quarenta anos que a tenho, fui duas vezes á praia e minha mulher nunca lá pôs os pés sequer!».

Na saleta, simples, há um retrato de há quarenta anos, com o político e militar de então, ainda com a farda do Exército. Outros retratos de família, e entre eles a cara redonda, balofa, a pera á Guise de António Granjo, a lembrar horas de terror e sangue.

— *Alguma mensagem para os leitores do «Diário de Lisboa», sr. engenheiro?*

— *Diga-lhes que estou onde sempre estive. Não mudei. Tenho a mesma firmeza, a mesma coragem e a mesma intransigência.*

Aí está a mensagem do eng.º Cunha Leal para os leitores do «Diário de Lisboa», com quem tantas vezes tem comunicado.

O aniversário

O eng.º Cunha Leal, cujo espírito familiar é conhecido de todos quantos com ele tratam passa o dia dos seus 80 anos em família, rodeado daquela compreensiva e atenta companheira de cinquenta anos que é a D. Maria José, das filhas, dos filhos, das noras, dos genros, dos 11 netos e dos 2 bisnetos. Presente também a esperança de um terceiro bisneto lá para Outubro. Um seu neto, o António, filho do dr. Artur Cunha Leal, vai casar em 7 de Setembro.

A família e muito poucos íntimos vão almoçar a Sesimbra. Umas dezenas de pessoas em torno do seu patriarca, na esperança de por muitos anos contarem ainda com a sua presença, o seu conselho.

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Torre de Babel

João Medina

Requiem por uma espia — MATA-HARI

Creio que já vai sendo tempo de reparar uma grande injustiça que culminou num fuzilamento no bosque de Vincennes em 1917. Reabilitar a espia Mata-Hari (aliás Margarida Gestrudes Zell, filha dum holandês que negociava em bonés) e mostrar até que ponto um certo clima psicológico e social facilita a condenação de seres que, em menos rispidas circunstancias, não iriam sequer estagiar num calabouço, pode contudo parecer tarefa para caturras apostados em reverem periòdicamente a cotação das figuras históricas, mudando-lhes a etiqueta moral e a situação no elenco do drama. Salientar agora, decorridos cinquenta e um anos, que a boa Madame Zell não passou duma estouvada a brincar com coisas demasiado sérias num periodo nada propicio a jogos do espirito e do coração, pode, de facto, parecer tarefa tão futil como foi a de arrancar a donzela de Orléans á mitologia laica, santificando-a com alguns séculos de atraso, quando a pobre parecia suficientemente acabrunhada pela obrigação periódica de ser objecto de novelas, peças de teatro e sátiras em verso (mister pouco ameno, já se vê). Mas aqui, como no resto, a sabedoria das nações tem o seu cabimento quando sentencia que mais vale justiça tardia do que justiça que nunca vem. Assim seja, pois — e recuperemos a pobre leviana que os franceses passaram pelas armas numa distante madrugada de Outubro.

Quando seguia no carro celular para o bosque de Vincennes na derradeira manhã da vida, Mata-Hari suspirou: «Oh! Ces Français! A quoi ça va leur servir de m'avoir tuée...?!» Com efeito, não foram as balas do pelotão de fuzilamento que salvaram Paris do avanço alemão no Marne ou deram ânimo aos defensores de Verdun. Hoje, chegado talvez o momento de falarmos da guerra 14-18 como falariamos da contenda entre gregos e troianos em torno dum Verdum da Ásia Menor, podemos olha aqueles anos de lama e estulticia como se tudo aquilo pertencesse já (e não pertence deveras?) a um mundo perdido, a um passado tão remoto e honestamente arquivado como os feitos bélicos de Ramsés III ou os amores escandalosos duma certa Helena por cujos olhos cem navios enfunaram as velas e cortaram os mares. Equânimes como geometras diante dum espaço mental povoado por seres necessários, podemos olhar para trás sem nos comovermos nem nos transformarmos em pedras de sal. Foch é hoje o nome duma rua, como Vauban, como Kléber, como Belisário ou como Maurício de Saxe. O «Caminho das Damas» não desperta mais emoção do que os nomes de Pavia, Fontenoy, Beresina ou Termópilas.

Mas voltemos à nossa espia, condenada por se dedicar a curiosidades mórbidas numa época e num contexto em que tais ocupações levantavam suspeitas, irritavam pruridos nacionais, magoavam pundonores. Metida com birbantes e verdadeiros espiões a soldo da Alemanha, ei-la detida pela polícia francesa em Fevereiro de 1917, julgada num ambiente parcialissimo e fuzilada alguns meses depois. O Ministério da Guerra francês, passado meio século sobre os estampidos matutinos de Vincennes, continua a guardar o «dossier» Mata-Hari recusando-o aos historiadores interessados em estudarem o caso. Passado o conflito, esfriados os ânimos, Mornet — o delegado do Ministério Público que exigira a pele de Mata-Hari — confessou com bonomia: «Entre nous, il n'y avait pas de quoi fouetter un chat...» Por outras palavras, a espionite da época reclamava culpados e á fábula duma bela espia imolada nos altares da França tranquilizava os espiritos e as imaginações. E Sisifo, metido numa trincheira alagada, continuava a matar outros iguais, sem de nada se aperceber, sem nada ganhar com o fuzilamento da dançarina...

Evitemos contudo a tentação moralizante, deixemos aos historiadores a tarefa de darem às vitimas as absolvições retroactivas devidas e contentemo-nos com a existência da lenda que germinou naquele distante Outubro de 1917, no bosque de Vincennes. Hoje, numa era de espiões electrónicos, armados de «gadgets» e dispondo de orçamentos, apoios e organizações poderosos, a nossa pobre Mata-Hari faz figura de solitária, a trabalhar á antiga maneira gótica artesanal, com astúcias de toucador, num coquetismo de jarreteiras, suspiros, danças do ventre, bilhetinhos, encontros no bosque de Boulogne, tremular de pálpebras e outros requebros. Esta boa senhora está, assim, para os James Bonds e Philbys do nosso tempo como os bordados da Madeira estão para os computadores da NASA. Sem «gadgets», toda trabalhada à mão e ao sentimento, a espionagem da «belle époque» seria talvez coisa de amadores e excêntricos, muito distante da cibernética e da electrónica que fazem dos espiões contemporâneos uns técnicos altamente especializados; não era, como está ficando hoje, uma ciência semiexacta, mas uma aventura, uma aposta, esse risco de todo ausente nesta civilização tecnológica e nuclear. Feitas as contas, «sir» James Bond não passa dum funcionário público de tipo especial, um manga-de-alpaca com sangue de cigano. Onde os espiões nobres e sentimentais como Mata-Hari? Onde os impostores sublimes como esse Sorge de nome heideggeriano? Onde os Grandes Misteriosos do tempo de outrora? Depois deles vieram os caixeiros-viajantes, a geração dos burocratas a sonharem com a reforma e uma casinha nos arredores de Londres ou de Genebra. E onde entra o burocrata ou o caixeiro-viajante cessa a Fantasia, principia o manual, o regulamento, as hierarquias — o Tédio

Galamares, Agosto de 1968.

...ERIOR PROPRIETÁRIO
...ANHA-CÉUS DO AREEIRO

...nha, S. A. R. L. foi ontem outorgada ...osse daquele imóvel que já antes lhe

...sse do Eng.º Maurício Vieira de Brito ...o da compra por aquele, das suas posi-

... magníficos imóveis fossem para a posse ...esteve para suceder visto que no novo ...travam os representantes de poderosa ...m lances de 10 contos, de 18.500 contos ...760.000$00 preço por que foi entregue. ...ha, S. A. R. L. a senhora D. Rita Angé- ... de Brito pela empresa de leilões o

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que, amanhã, sexta-feira, dia 23 e depois de amanhã, sábado, dia 24, a nossa Sala «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO», se encontram reservados para LANCHES DE CASAMENTO, servindo-se no entanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Agradecemos que as mesas para os Jantares sejam reservadas até ás 19 horas.

LIBRAS OURO
Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR
1.º 2.º 3.º 4.º 5.º 6.º 7.º
JÁ ANUNCIADAS
8.º) — DIONISIO G. DO VALE — PORTO
9.º) — J. GONÇALVES SILVA — LISBOA
A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras. mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

FIGUEIRA DA FOZ
DOMINGO, 25 DE AGOSTO DE 1968
ÀS 17,30 HORAS M/ 6 ANOS

DAVID R. TELLES
JOSÉ M. BAPTISTA
AMADEU DOS ANJOS
em substituição de Luís Segura
o fabuloso
ESPARTACO
Amadores de Montemor

8 toiros de 500 quilos da prestigiosa ganadaria de Manuel Assunção Coimbra, triunfadora de Madrid

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS — JURO DE 8 %

J. PIMENTA

ANDARES

APARTAMENTOS MOBILADOS

UMA ORGANIZAÇÃO ANTIGA
E CONCEITUADA MAS MODERNA

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Um magnifico conjunto situado perto do mercado e estação de Paço d'Arcos com vista excepcional de mar de todas as janelas, terá acabamentos especiais com materiais de longa duração, inclusive caixilharia em aluminio.

ANDARES DE 3 A 10 DIVISÕES

J. PIMENTA, S. A R. L e J. PIMENTA, LDA.

Possuem propriedades para venda desde 120 contos na Reboleira — Amadora. Centro da Amadora frente á estação do C. F Portas de Benfica. Parede. Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa.

NAO CONFUNDA UMA ORGANIZAÇAO DE BEM SERVIR COM SIMILARES
INFORMAÇOES:

Lisboa — R. Conde Redondo 53, 1.º Esq.º — Tel. 4 78 43 e 4 58 43
Queluz — R. D. Maria I, 30 — Tels. 95 20 21 e 95 20 22
Amadora — Reboleira — Tel. 93 36 70

AZULEJOS

AZULEJOS
NACIONAIS E
ESTRANGEIROS
DESDE $60

BANHEIRAS DE FUNDIÇAO
E CHAPA ESMALTADA
PREÇOS
SEM CONCORRENCIA
A BOA QUALIDADE
A BAIXO PREÇO

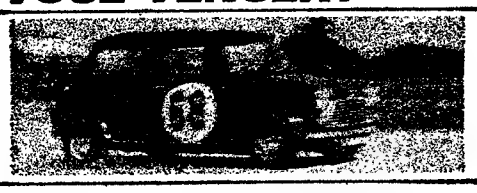
A MAIOR GAMA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO. ESPECIALMENTE REVESTIMENTOS, TINTAS, DROGAS, FERRAGENS E FERRAMENTAS

J. PIMENTA, LDA

RUA D. MARIA I, 30
QUELUZ

Praça Padre Eduardo Ferreira de Amaral, 3-A — AMADORA
(Junto ao Jardim Parque)

O CARRO QUE FOI CONSTRUIDO PARA VOCÊ VENCER!



AUSTIN COOPER "S", MK II

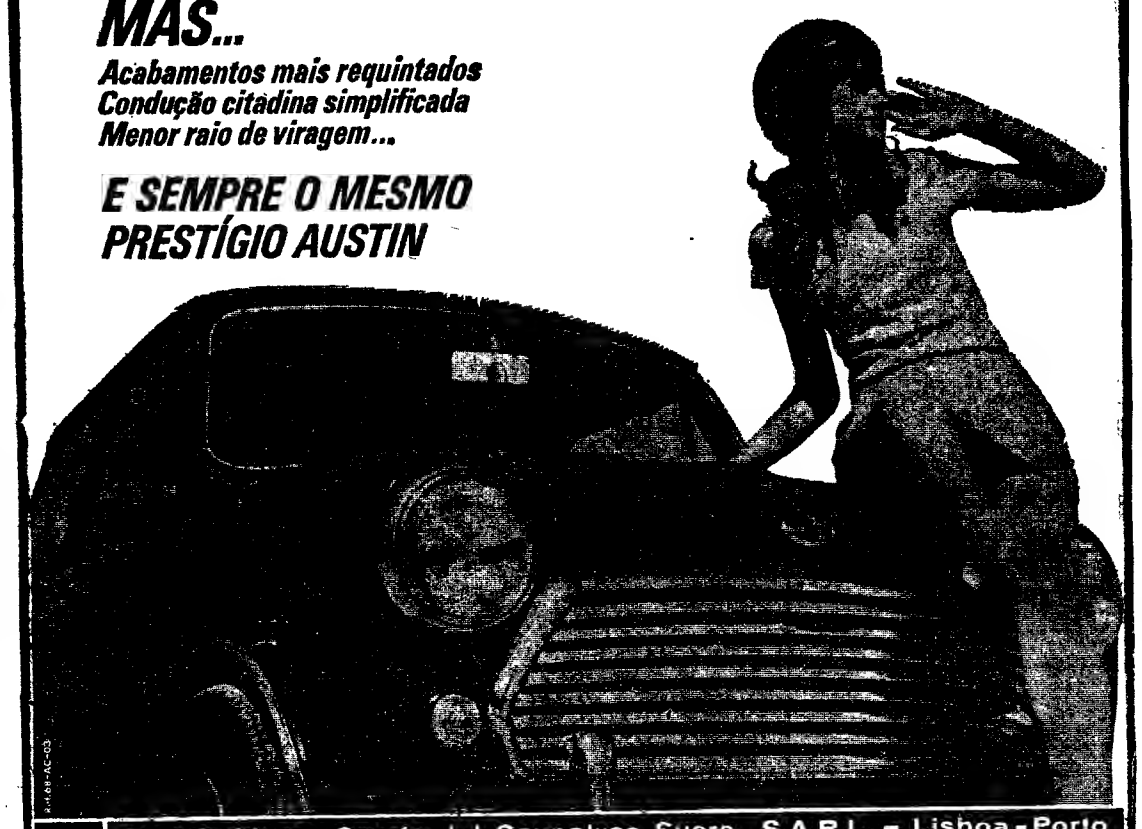
Seguindo as pisadas do seu irmão mais velho:

A mesma estabilidade
A mesma espantosa velocidade
As mesmas possibilidades de conversão

MAS...

Acabamentos mais requintados
Condução citadina simplificada
Menor raio de viragem...

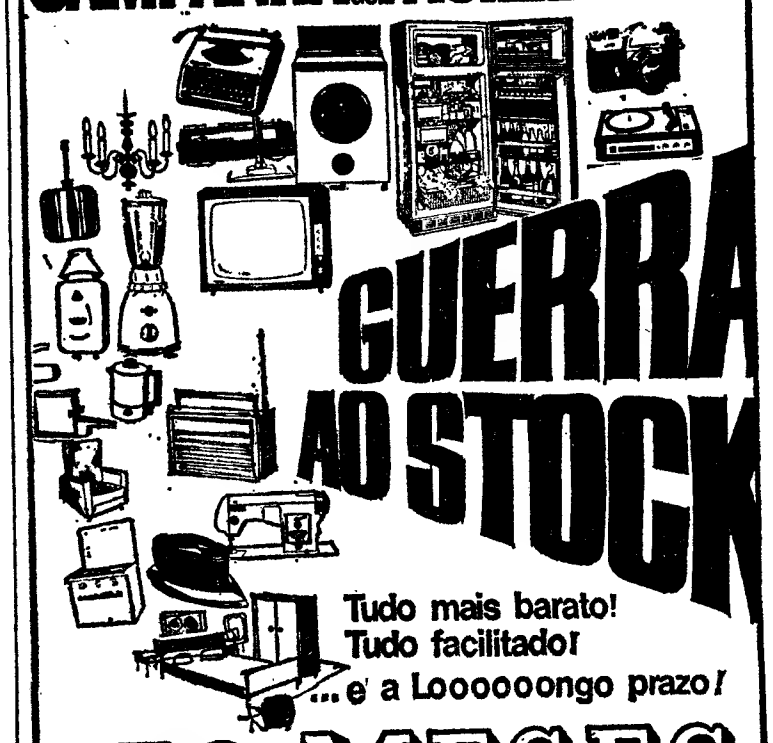
E SEMPRE O MESMO PRESTÍGIO AUSTIN



Distribuidores Gerais J.J. Gonçalves Sucrs., S.A.R.L. — Lisboa - Porto
Santarém - Matosinhos - Evora - Braga - Agentes em todos os distritos

---

CAMPANHA de FACILIDADES



GUERRA AO STOCK

Tudo mais barato!
Tudo facilitado!
...e a Looooongo prazo!

EM 30 MESES SEM ENTRADA

15 DIAS de FANTÁSTICAS OFERTAS

Preços de arrazar!
Facilidades à sua escolha!

PAGUE COMO QUISER!

NÃO TRAGA DINHEIRO e... COMPRE Ã VONTADE!

Bardo

ONDE V. COMPRA TRANQUILIDADE

...e ainda recebe gratis um seguro de vida de valor igual ao das compras efectuadas!

AV. DA LIBERDADE, 131
AV. ALM. REIS, 124
R. S. BENTO, 53-57
P. DE LONDRES, 7
R. 1º DE MAIO, 146 (S. amaro)

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

MENSAGEM DO PAPA AO ALMIRANTE AMÉRICO THOMAZ

CIDADE DO VATICANO, 22 — (F P) — No momento em que o «Boeing» que o leva para Bogotá, passou por cima de Portugal, Paulo VI dirigiu esta mensagem ao Chefe de Estado.

«Excelentíssimo senhor Presidente da Republica portuguesa, rumo ao Congresso Eucarístico Internacional de Bogotá, ao sobrevoar Portugal, e precisamente as terras abençoadas de Fátima, recordamos com grata complacência a nossa peregrinação recente e enviamos saudações a V. Ex.ª e a todo o povo português, ao mesmo tempo que imploramos de Deus a sua assistência e a abundancia dos favores celestes, para uma constante afirmação da vida cristã, em crescente prosperidade, progresso e paz, nesta dilecta nação, a qual, de todo o coração, abençoamos. Paulus PP. VI».

A PASSAGEM SOBRE FÁTIMA

BOGOTÁ, 22 — (F. P.) — Às 5 e 41, T. M. G., o capitão Fajardo, piloto do avião do Papa, anunciou que sobrevoava Fátima e que a viagem decorria em condições normais.

Neste momento o aparelho voava a 10 500 metros de aaltitude e o Santo Padre dormia tranquilamente

O capitão Fajardo prevê a chegada a Bogotá para as 15 e 15 T. M. G.

EXPECTATIVA FEBRIL EM BOGOTÁ

BOGOTÁ, 22 — (F P.) — Era de expectativa febril, a atmosfera desta noite, na capital colombiana. Muitos milhares de pessoas cantando, encaminharam-se para as instalações do aeroporto «Eldorado» e para o terreiro eucarístico, acompanhados por grupos regionais.

O acesso ao aeroporto foi proibido, a contar das 3 horas T. M. G., a fim de entrarem em acção os dispositivos de segurança, destinados a proteger o Papa do excessivo entusiasmo popular.

As diversas cadeias de radiodifusão transmitem ininterruptamente informações diversas acerca de Paulo VI e recomendações quanto ás precauções a tomar nas aglomerações situadas no trajecto do cortejo pontifício.

Paulo VI fala aos jornalistas no aeroporto de Leonardo da Vinci, em Roma, minutos antes de ter partido para Bogotá. O Papa manifestou a sua «profunda ansiedade» pelos acontecimentos na Checoslováquia. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

Roubaram a dois belgas objectos no valor de 15 contos

Os belgas Denis Joseph e Gaston Vanryckeghem, residentes no seu país, apresentaram-se na esquadra da P. S. P. de Belém, a participar que alguém arrombou o ventilador da frente da viatura em que viajam, junto do Museu da Marinha, conseguindo abrir a porta e furtando do interior do veículo, cinco filmes, dois impermeáveis, uma camara de filmar, um tripé, um estojo e uma lampada para filmar, tudo no valor de 15 contos.

O prejuízo causado pelo arrombamento é de 900$00.

Os roubados pedem a quem souber do paradeiro dos objectos que informe a Embaixada do seu país em Lisboa.

O TEMPO QUE FAZ

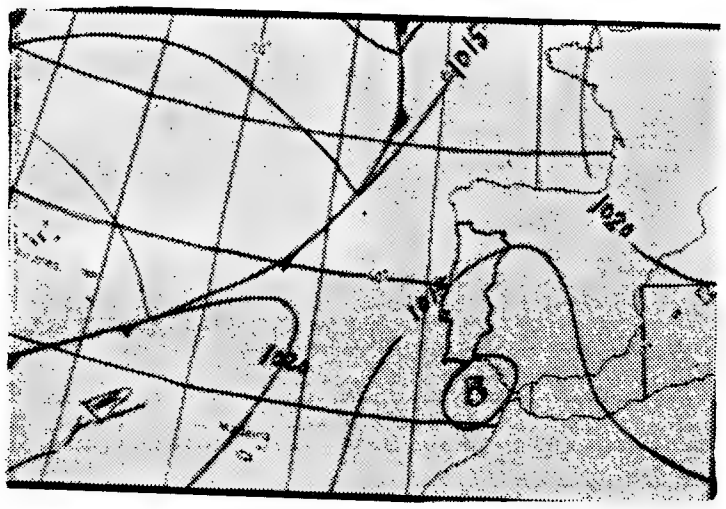
Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco de nordeste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 39°.5; mínima: Anadia, 14°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 22°; Faro, 26°; Lisboa, 22°; Penhas Douradas, 23°; Portalegre, 30°; Porto, 22°; Funchal, 26°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 23°: na água do mar, 16°,8.



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 23 — Em Portugal continental deverá manter-se a massa de ar tropical continental transportada na circulação de uma depressão localizada a sudoeste da Península Ibérica, provocando tempo quente.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CÉU GERALMENTE LIMPO. VENTO FRACO TORNANDO-SE MODERADO DE NORTE, DURANTE A TARDE, NAS REGIÕES DO NORTE, JUNTO À COSTA. POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO DE BANCOS DE NEVOEIRO, DURANTE A MADRUGADA.

SOL

Amanhã: Nascer ás 6 e 57 Ocaso ás 20 e 21

PREIA-MAR: Dia 22 — 3 e 21 (3,5 m); 15 e 35 (3,8 m). Dia 23 — 3 e 59 (3,7 m); 16 e 08 (4 m). Dia 24 — 4 e 31 (3,9 m); 16 e 42 (4,1 m). BAIXA-MAR: Dia 22 — 8 e 51 (1,3 m); 21 e 20 (1,2 m). Dia 23 — 9 e 30 (1,1 m); 21 e 58 (1 m). Dia 24 — 10 e 07 (1 m); 22 e 32 (0,8 m).

Amanhã Dia 30 Dia 6 Dia 14

ANTEVISÃO DAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS MÉDIAS, NO CONTINENTE, ATÉ 5 DE SETEMBRO: tempo quente, céu geralmente limpo ou pouco nublado, excepto nas regiões do litoral Oeste, a norte do Tejo, onde, principalmente durante a manhã, poderá estar muito nublado, com possibilidade de períodos de chuvisco; vento geralmente fraco. Para o período de 1 a 5 de Setembro prevê-se céu geralmente pouco nublado alternando com períodos de muito nublado, vento fraco, por vezes moderado, de Noroeste, possibilidade de aguaceiros, principalmente nas regiões do Norte e Centro, e descida de temperatura.

CINE OBJECTIVA

Para comemorar o 4.º aniversário da sua existência, a Cine Objectiva ofereceu ontem aos seus empregados um jantar de confraternização num Hotel de Lisboa. O banquete decorreu em ambiente de franca camaradagem presidido pelos sócios gerentes José Botas e Adriano Fino.

Caíram na rede policial os autores de importante furto numa vivenda em Oeiras

Os gatunos assaltaram uma vivenda na Alameda Conde de Oeiras, naquela localidade e dali levaram, entre outras coisas, pratas, roupas, discos, gira-discos, isqueiros, sapatos e cigarros, tudo no valor de 100 000$00.

Ocorreu o assalto na noite de 1 para 2 deste mês e, avisada do sucedido, a Polícia Judiciária logo começou a agir para apanhar os gatunos.

Uma brigada da 6.ª secção começou a bater os locais que habitualmente lhes servem de poiso e, na segunda noite, deparou-se-lhe, no Jardim de Santos, um grupo de rapazes em larga discussão. E os investigadores verificaram, com surpresa, que eles discutiam quem devia ir a Oeiras buscar o produto de um furto.

Mantendo aqueles sob vigilância, no dia seguinte, os agentes detiveram o encobridor, António Sérgio das Neves Pereira, maior, solteiro, ajudante de motorista, natural de Lisboa, sem residência certa; e, ainda, Acácio Silva Carvalho, padeiro, solteiro, natural de Tábua, sem residência certa que tudo indicava ser um dos autores do furto. E foi apreendido um pesado saco-mala, com cerca de 60 000$00, que, devido ao seu peso excessivo, os gatunos tinham escondido num renque de arbustos, a trinta metros da residência assaltada.

A partir de então, tornou-se difícil a acção da Polícia Judiciária, dado que a identificação dos outros intervenientes era desconhecida dos detidos. No entanto, chegou-se á conclusão que os gatunos, durante três dias em que a vivenda esteve sob observação, usaram como base, outra vivenda, esta abandonada, em Santo Amaro de Oeiras, onde foram encontrados diversos artigos furtados.

No dia 24, porém, com a detenção de António Castelo Grilo, solteiro, cortador, natural de Évora, sem residência certa em Lisboa, os investigadores puderam identificar o salteador, chefe do grupo: Jorge Barbosa, de 29 anos, solteiro, isolador, natural de Vila Praia de Ancora (Caminha), também sem residência que fugiu, ao que parece, para o Algarve.

NECROLOGIA

SUFRÁGIOS

Alfredo da Silva

Por iniciativa do pessoal reformado de «A Tabaqueira» foi hoje rezada missa por alma do saudoso industrial Alfredo da Silva. A cerimónia religiosa, que começou ás 10 e 30, decorreu na igreja da Conceição Velha. Foi celebrante o rev. Pires, prior da Golegã.

Albino Lapa

Por iniciativa de sua viúva e filha, e comemorando o 30.º dia do falecimento, celebrou-se hoje, ás 11 horas, na basílica dos Mártires, missa de sufrágio por alma de Albino Lapa.

Nova carreira marítima entre a África Ocidental e o Norte da Europa

anunciada na visita do Chefe do Estado ao novo navio «Nacala»

O presidente do conselho de administração da Companhia Nacional de Navegação, falando esta manhã a bordo do navio «Nacala» atracado a Santa Apolónia anunciou que aquela Companhia pensa estabelecer carreiras regulares entre a Africa Oriental e o Norte da Europa.

Dirigindo-se ao Chefe do Estado, que fora convidado a visitar o cargueiro adquirido no Japão por cerca de 80 000 contos, o sr. eng.º Rodrigues dos Santos acrescentou que o «Nacala» é o primeiro «dos três navios que nos propomos adquirir para lançar a carreira. E já podemos anunciar que o segundo vai ser entregue, ainda no curso deste mês.»

Trata-se de uma unidade adquirida á Noruega e que passará para mãos portuguesas no Extremo Oriente, recebendo o nome de «Quelimane».

«O «Beira», nosso excelente «liner» — acrescentou o presidente do conselho de administração da C. N. N. — será integrado na linha.

— Situando o projecto á escala nacional — disse noutro ponto da sua alocução — esperamos que a nossa prestigiosa congénere e amiga, a Companhia Colonial de Navegação, venha oportunamente alinhar connosco em plena paridade de meios e riscos, numa conjunção de esforços a que terá necessáriamente de presidir um largo espírito de colaboração, aberto e confiante. Não vemos outro meio que não seja um alinhamento de métodos, do armamento nacional entre si, orientado pelos melhores padrões de gestão, para suportar em devido tempo o rude impacto da revolução tecnológica, que explodiu e se expande em grandes vagas, no complexo mundo do comércio marítimo. A linha Moçambique-Norte da Europa, será, na Costa Oriental, a réplica feliz da NEMA que a Sociedade Geral em boa hora lançou e fez vingar, vencendo, com exemplar persistência, dificuldades de toda a ordem. É de crer que o novo empreendimento não tenha de correr tão duro calvário. Parece á luz de um estudo sério, mais fácil de desbravar. Não faz sentido, é por demais chocante, que no tráfego irradiando ou afluindo aos portos moçambicanos a participação da bandeira nacional mal alcance os 10%. Esta a razão que nos move. Na nitidez da solução adoptada — a linha será o prolongamento do Itinerário III — reside uma das nossas melhores esperanças de êxito, se não imediato, certamente a curto prazo. Foi esta circunstância, aliás, que aconselhou a transplantação da Ideia da «Sociedade Geral» onde germinou e tomou vulto, para as empresas detentoras do Tráfego Continente-Moçambique.

«Com a carreira do Norte da Europa, serão beneficiadas a África do Sul e a Rodésia, havendo a possibilidade duma extensão aos Estados Unidos».

Em resposta, o almirante Américo Thomaz agradeceu o convite para visitar o «Nacala» e fez considerações sobre a necessidade de impulsionar a expansão da Marinha Mercante.

— Foi a segunda grande guerra que criou as condições necessárias á expansão da Marinha Mercante e a guerra de África que deu lugar á expansão da Marinha de Guerra. Faço votos para que os armadores se dêem as mãos para que Portugal, país de marinheiros, tenha a marinha que merece — disse o Chefe de Estado.

Lembro que o sonho da carreira com o Norte da Europa tinha já dez ou doze anos mas que «encalhara» por motivos que «neste momento não vem ao caso recordar», fazendo votos por que se concretize, para dar alegria a quem «arrancou a Marinha de Guerra portuguesa da sua miséria».

Receberam o Chefe do Estado a bordo do Nacala o ministro da Marinha, comodoro Manuel Pereira Crespo, eng.º Rodrigues dos Santos, presidente do conselho de Administração do C. N. N. e o administrador delegado, dr. António José dos Prazeres, bem como o sr. José Manuel de Melo, presidente da Sociedade Geral dr. Jorge de Melo, vice-presidente, e ainda vice-presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, comodoro Gomes Ramos.

O Chefe do Estado, acompanhado pela sua Casa Militar, pelo ministro da Marinha e por muitos convidados da Companhia, visitou demoradamente o «Nacala», mostrando particular interesse pelo comando automático das comportas dos porões.

Foi depois servido um almoço volante em que, além do Chefe do Estado e do eng. Rodrigues dos Santos, falou o comodoro Gomes Ramos.

O «Nacala» construído em 1966, em Osaka, desloca 16,755 toneladas, sendo de 18 nós a velocidade de serviço.

Deixa Lisboa no próximo dia 29, a caminho da África Oriental.

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, SARL. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

MAGNÍFICOS ANDARES
EM MIRAFLORES
Situação excepcional, junto á Praça de Touros de Algés, 4 e 5 amplas assoalhadas, cozinha, casas de banho, despensa, etc. Bem servidas de transportes. Temos uma solução para cada cliente.
LOTES 90, 130 e 131
AVENIDA PRINCIPAL DE MIRAFLORES
S. P. O. C. — Soc. Portuguesa de Obras e Construções, Lda.
Telef. 21 22 88 - 21 31 02

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Agosto de 1938 publicava:

«Um conhecido sábio belga, o sr. Maurício Lecat, publicou um livro que se intitula «O Maeterlinkianismo» e que, segundo leio numa crítica bastante documentada, é uma forte diatribe, não contra a arte, mas contra a ciência do autor do «Tesouro dos Humildes». Ao que parece, o sr. Maurício Lecat reproduz «um milhar de frases» tiradas das diversas obras de Maeterlink e, classificando-as em «absurdidades, contradições, disparates e puerilidades estranhas», demonstra que, de facto, elas merecem tais qualificativos deprimentes. E conclui o crítico por dizer que Maeterlink tem uma «pesada responsabilidade na formação dessa inverosímil mentalidade anticientífica, desgraçadamente tão espalhada, mesmo entre cérebros bem dotados». (JOÃO DE BARROS).

— Estás a brincar, não estás? Tu não eras realmente capaz de fechar o frigorífico com um cadeado!

CURIOSIDADES

● Jardins maravilhosos

No conjunto dos jardins da Espanha trinta e seis foram considerados histórico-artísticos; e, não só pela posição geográfica, mas também por motivos de clima e das suas características peculiares, foram divididos em quatro zonas: Castela, Andaluzia, Norte e Levante.

Contudo, os mais belos jardins da Espanha são os da Andaluzia, pela exuberancia, pela variedade e pela formosura da sua flora, em especial os de Granada, emoldurando os soberbos palácios que evocam os esplendores do tempo dos Árabes.

● Ataque aos incêndios

Um processo que poderá revolucionar os clássicos sistemas de defesa contra os incêndios está a ser experimentado em Itália. Trata-se de um produto classificado sob a fórmula «114-B 2».

As primeiras experiências foram feitas, provocando incêndios em veículos automóveis que logo foram apagados (no espaço mínimo de 15 segundos). Parece ainda viável a instalação nos veículos de um dispositivo anti-incêndio por esse processo, que funcionará automàticamente, ao primeiro alarme de fogo. O invento abre amplas perspectivas do seu emprego em todos os campos : navios, aviões, edifícios, locais publicos, depósitos de produtos inflamáveis, etc.

ANEDOTAS

— O Lulu, que estás a fazer?

— Estou a pintar de vermelho a cara da minha boneca, avó.

— Então, com aguardente é que queres pintar, pateta?

— Então?! A avó não está sempre a dizer que a aguardente é que faz vermelho o nariz do avô?!

✠

O velhote para o garoto da rua:

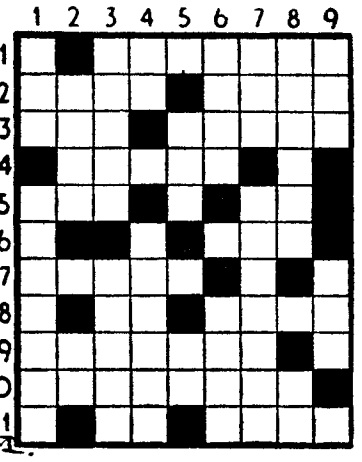
— Ouve, rapaz, se te portares decentemente vais para o céu; mas, se fores mau, vais para o inferno...

— Oiça, senhor, e para ir ao cinema o que é preciso?

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4917



HORIZONTAIS: 1 — Refestela. 2 — Incrédulo em assuntos religiosos. Outorgar. 3 — Agora. Nome de cinco rios do País (um do distrito de Castelo Branco, outro do de Faro, outro do de Portalegre, outro do de Vila Real e outro do de Viseu). 4 — Serra do distrito de Portalegre. 5 — Grecejas. Nome de letra grega. 6 — Carfativa. 7 — Peguem. 8 — Frequentar. Patroas 9 — Afabilidade. 10 — Beneficência. 11 — Figura. Folhagem.

VERTICAIS: 1 — Nega. Rapisa. 2 — Atraiçoa. Existe 3 — Verdadeiros. Ligara. 4 — Pronome pessoal. Peneirar. 5 — Possui Eduardo (abrev.). 6 — Passados. Desdita. 7 — Maior. Assinada. 8 — Nação. Preposição 9 — Argola. Gasto

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4916

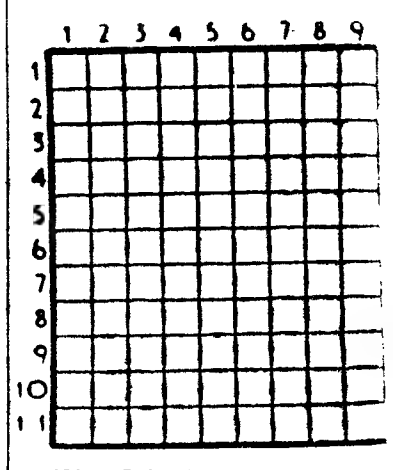
HORIZONTAIS: 1 — QUEM. Pé. 2 — Ulm. Votos. 3 — Bejos. 4 — Dar. Na. Se. 5 — Anuro. TEM. 6 — Lestas. 7 — Ah. Ain. 8 — Ar. BOCA 9 — Rodopio. 10 — Samoa. Fé. 11 — Tosar. VAI.

VERTICAIS: 1 — Quedas Ir. 2 — Ul. An. A Oso. 3 — Embrulhadas. 4 — Ré. ROMA. 5 — Vinosa. Pôr. 6 — Coja. Tíbia. 7 — Tó. Tanoa. 8 — Posses. Fá. 9 — és. Em Catei.

(PROVÉRBIO: **Quem tem boca vai a Roma**)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8761



HORIZONTAIS: 1 — Figura que simboliza o povo americano. Rezo. 2 — Mãe do marido em relação á mulher. 3 — Seguia. Bigorna de ourives. Ouro (s. q.). 4 — Rainha do Egipto, filha de Ptolemeu Auleta. 5 — Acrescentar. Saudáveis. 6 — Érbio (s. q.). Dois mil em romano. 7 — Irmãs da mãe. Mamífero desdentado espécie de tatu 8 — Nivelara com a rasoira. 9 — Antes de Cristo. Elogio. Nesse lugar. 10 — Saudável. 11 — Cessasse.

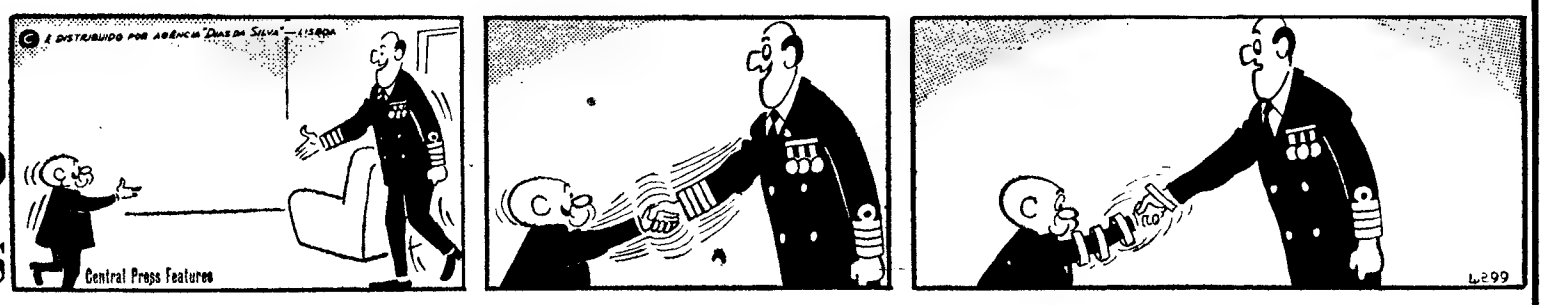
VERTICAIS: 1 — Que possui muitos bens. Atrás. 2 — Povoações pequenas. 3 — Compeão. Freguesia do concelho de Coimbra Apelido. 4 — Determinante. Radiado. 5 — Cidade de França. Cobre de iodo. 6 — Debruas. Lavrais. 7 — Batráquio. Peça móvel com que se tapa um vaso ou uma caixa. Artigo definido. 8 — Perfumara. 9 — Numeral cardinal Cousa que fulmina.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8760

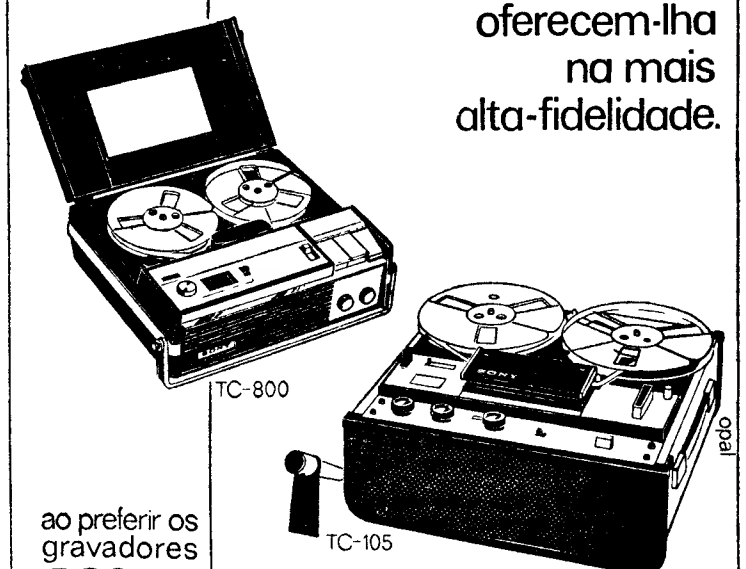
HORIZONTAIS: 1 — Cano. Lota. 2 — Oro. Calor. 3 — Im. Cumpri. 4 — Faro. Aira 5 — Amam. Sãos. 7 — Poço. Içam. 8 — Idos. Napo. 9 — Ni. Tia. As. 10 — Tálio. Arc. 11 — Oriá. Anão.

VERTICAIS: 1 — Coifa. Pinto. 2 — Armam. Adiar. 3 — Nó. Ranço. Li. 4 — Com. óstia. 5 — Cu. lo. 6 — Lamas. Ino. 7 — Alpiarça. An. 8 — Torro. Apara. 9 — Árias. Mosco.

AVENTURAS DO TIO CARLOS



se gosta de boa música...
os GRAVADORES
SONY
oferecem-lhe
na mais
alta-fidelidade.



ao preferir os gravadores SONY escolheu o que há de melhor.

representantes para Portugal
EMÍLIO DE AZEVEDO CAMPOS & C.ª Lda
departamento de material electronico
Rua de Santo António, 137-145 - Porto
distribuidores em Lisboa
ANTÓNIO BARÓ, Lda - Rua da Assunção 99 - 2.º D

VENTOINHAS
ELÉCTRICAS DE VÁRIOS MODELOS
- RÁDIO TRANSISTORES
- GRAVADORES DE SOM
- GIRA-DISCOS
- ELECTRO-DOMÉSTICOS

Toshiba
QUALITY SINCE 1875
MADE IN JAPAN

DISTRIBUIDORES NOS DISTRITOS DE:
LISBOA, SANTARÉM, LEIRIA, CASTELO BRANCO, GUARDA, VISEU, PORTALEGRE, ÉVORA, BEJA e FARO

SOC. CENTRAL DE VENDAS, LDA
R. Fanqueiros, 258/262-3.º
Telef. 366187/8/9 — LISBOA

SOC. IMP. DE ARTIGOS DE ELECTRICIDADE, LDA
R. S. Mamede (ao Caldas), 30-G
Telef. 865449 - 866614 — LISBOA

À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

DESPORTO

SPORTING, 2 - GUARANI, 0

UM TREINO PARA O SPORTING NUMA NOITE DE VERÃO

Comentário de MANUEL DE AZEVEDO

Apesar da relva verdinha, verdinha do Estádio José Alvalade; apesar do jogo entre o Sporting e o Guarany ter terminado quase á 1 da manhã de hoje, o certo é que a noite estava mais tarde de touros do que tempo de futebol... Futebol ainda com a «Volta» aí por essas nossas estradas... Enfim, o publico acorreu, mas moderadamente.

Talvez, afinal, não fosse só por isso. Talvez fosse também porque o encontro era prematuro e «a feijões» — como se costuma dizer. O Sporting contra o campeão do Paraguai, «que vinha de Espanha, onde deixou excelente cartel?»

Não. O publico pressentiu que se tratava, apenas, de um treino oportuno, como complemento da segunda jornada do 1.º Torneio Internacional de Lisboa. E o publico tem quase sempre razão.

De um modo geral o jogo foi efectivamente monótono, sem grande brilho nem atractivos especiais. Um bom treino, apenas, para os donos da casa.

Na primeira parte ainda houve dois golos do Sporting — o primeiro aos 14 minutos, apontado por Gonçalves, e o segundo aos 19, marcado por Pedras. E houve um pequeno «festival Chico», o novo jogador dos «leões», que esteve na base dos dois golos e fez muitos bonitos com a bola, ouvindo muitas palmas.

Na segunda parte, porém, o ritmo de ambos os grupos abrandou. Houve correrias, intervalos para descansar, muitos balões mas pouca festa.

Estamos em Agosto, o mês das romarias. A verdadeira «festa do futebol» é que ainda vem longe.

O jogo, acentue-se, nunca chegou a ter verdadeira emoção. Os especialistas poderão falar, com autoridade, das tácticas e das estratégias utilizadas ou que deveriam utilizar-se, das fraquezas dos conjuntos, da falta de ligação dos variados sectores. Nós preferimos anotar que havia bem mais entusiasmo em certos sectores do público do que no relvado. Entusiasmo que — verdade seja — foi esmorecendo e até o árbitro, que costuma ser o bode expiatório do mau humor, escapou quase incólume.

Um bom treino, portanto. Ao intervalo foram feitas algumas modificações. Saíram Márinho, Gonçalves e Pedras e entraram Manuel Duarte, João Carlos e Barão. Experiências...

O estilo de jogo é que não melhorou. Piorou. Os «guaranis» do Paraguai, cujo entendimento a meio campo era razoável, continuavam a embrulhar-se na defesa sportinguista, de modo que foram amolecendo o jogo, até este ficar em papas.

A culpa era, sem dúvida, daquela noite quente de Verão.

Uns livres e uns cantos marcados, uns tiros de longe, a despachar, e quase no fim uma bola na trave, foram algumas variantes daquela monotonia de jogo de dobadoira, sem esquema definido nem grande perfeição dos executantes.

Um bom treino, para o Sporting, contra uma equipa sem grande vontade nem espírito de luta. Apenas o bastante para ir passando o tempo e proporcionar a Damas algumas defesas e alguns sustos.

Qualquer leitor desprevenido percebe perfeitamente que isto não é um verdadeiro «comentário» a um jogo. Mas a verdade é que o encontro de ontem entre o Sporting e o Guarany, do Paraguai, também não foi um verdadeiro jogo de futebol.

Apenas um treino, para começo de época, que vai ser dura e longa, pelos vistos.

O Sporting ganhou por 2-0. Mas nem por isso o público, os seus adeptos, ficaram contentes. Queriam mais e melhor!

É o que todos nós, e em tudo, queremos.

Na noite de ontem, noite quente de Verão, ainda em mês de romarias, querer mais e melhor já era querer muito.

Lá virá, a seu tempo.

As equipas alinharam:

SPORTING — Damas; Pedro Gomes, Armando, José Carlos e Hilário; Gonçalves e Pedras; José Morais, Chico, Lourenço e Márinho. (Na segunda parte, Márinho, Gonçalves e Pedras foram substituídos por Manuel Duarte, João Carlos e Barão).

GUARANY — Alonso; J. Martinez, Rojas, Ivaldi e Bobadilla; Sosa e A. Martineze A. Martinez; J. Pavon, Juarez, Valdez e Garcia.

Arbitro: dr. Décio de Freitas.

Golos de Gonçalves, aos 14 minutos, e de Pedras, aos 19.

O primoroso toque de bola de Chico, patente em imagem de alta beleza futebolística

«Finta» perfeita de Lourenço, que, sob as vistas do seu companheiro Chico, lança o perigo na grande área do Guarani do Paraguai

EINTRACHT, 2 — OLYMPIQUE, 0

Vitória alemã em encontro sem cor

O Entracht de Braunschweig e o Olympique de Marselha estiveram, ontem, á noite, no relvado de Alvalade, para disputar o encontro relativo ao «1 Torneio da Cidade de Lisboa». A partida suscitava interesse, porque era a estreia do clube francês e se conhecia a valia do futebol alemão.

Ao avaliarmos os dois conjuntos estrangeiros, teremos de concordar que o encontro enganou a expectativa e, por que não afirmá-lo, não revelou nada de novo que pudesse interessar os poucos amantes de futebol que se deslocaram ao Lumiar.

Todavia, sempre há algo a comentar de uma partida de futebol, mesmo qu não forneça elementos preciosos.

Os alemães, que ao longo de toda a luta foram mais afoitos do que o adversário, não quiseram, no entanto, imprimir grande movimento nas jogadas, criadoras de motivos de lances concretos, optando pela economia de energias e exibindo-se, por vezes, com morosidade, tirando beleza ao desafio. Apenas tiveram a preocupação de atingir em ponta-pés longos a baliza francesa do Olympique, desprezando os recortes técnicos, sempre valiosos para emprestar luzimento ao jogo da bola. Claro que os alemães na presença de uma equipa menos apetrechada fisicamente continuaram no mesmo ar, esperançados nos remates disparados de longe por Ulsass, um médio cheio de força e de respeitoso pontapé...

Por sua vez o Olympique de Marselha, constituído por elementos de fraca mobilidade (especialmente no sector atacante), aceitou a superioridade territorial do adversário, parecendo até que lhe servia o empate e para tal estruturava-se de molde a procurar defender um resultado agradável.

E, assim, á parte uma ou outra jogada, manufacturada pelo sueco Roger Magnusson, os franceses nunca deram réplica capaz, mas atingiram o final do primeiro tempo sem sofrerem golos.

Porém, após o primeiro tento dos alemães, aos sessenta e seis minutos de jogo começado, numa jogada infeliz de Tassone para Escale, bem aproveitada por Maas, os franceses espevitaram e alardearam depois um fio de jogo atacante, chegando a igualar o resultado através de Fiawoo, num golpe de cabeça e desviar o centro de Gueniche, mas a posição irregular do interior francês, levou o juiz de campo a anular o golo. Seguiu-se, então, o segundo tento alemão, num lance de sorte de Gerwien, que arrumou as pretensões dos jogadores do Olympique. Não resta duvida que, no aspecto sorte, os alemães foram mais felizes do que o adversário, pois os gauleses, em duas oportunidades desperdiçadas, perderam as suas ilusões...

As equipas em paralelo:

EINTRACHT: Oeller; Grzyb, Merhoffer, Baese e Moll; Ulsass e Berg (Gerwien); Doerfel, Polywka, Weiss e Maas.

OLYMPIQUE: Escale; Tassone (Lopez), Novi, Zvunka e Djorkaeff; Hodoul e Bonnel; Magnusson (Destrumelle), Joseph, Fiawoo e Gueniche.

ÁRBITRO — Joaquim Campos.

O resultado pareceu-nos justo, se considerarmos o maior poder territorial da equipa alemã, acompanhada, repetimos, de certa dose de fortuna.

A arbitragem esteve certa.

MÁRIO FRANCO

RECEPÇÃO NO MUNICÍPIO AOS CLUBES PARTICIPANTES NO 1.º TORNEIO INTERNACIONAL DE LISBOA

O desporto voltou ontem a ser distinguido. O presidente do Município lisboeta recebeu nos Paços do Conselho as representações dos clubes participantes no «I Torneio Internacional de Lisboa» que juntamente com representantes da F.P.F. e A.F.L. Germano Campos, Alfredo Viseonde, Barcínio Pinto e Silva Santos lhe foram apresentar cumprimentos. Estiveram presentes os drs. Brás Medeiros e Pereira da Silva, pelo Sporting; o presidente Ernst Fricke pelo Eintracht; o secretário Neumann do Olympique que se fez acompanhar do treinador Dommerque e o presidente e secretário do Guarani, respectivamente Losa Gautier e Segovia.

Depois das saudações os visitantes foram obsequiados pelo general França Borges com um «cocktail» tendo os dirigentes do Eintracht e do Olympique oferecido ao presidente da actividade vistosos galhardetes em seda dos seus clubes.

COMBOIOS DO CAIS DO SODRÉ AOS DOMINGOS

Viaja menos apertado a partir das 11 horas.

Evite a bilheteira comprando o seu bilhete durante a semana ou em séries de 20 viagens.

O guarda-redes Mourinho, que do Vitória de Setubal vai transferir-se para o Belenenses, já hoje esteve no Restelo. Ei-lo com novos companheiros, antes de «trabalhar» sob o comando de Zubieta.

JOGOS JUVENIS DO BARREIRO

Resultados dos jogos de ontem: Rapazes, escalão A, futebol de cinco — Serpa Pinto venceu Sacor por falta de comparência; Galitos, 2-Unidos, 2; Real, 0-Ginásio, 4.

Escalão B, futebol de nove — Luso, 0-Leais, 0.

Escalão B, xadrez — 1.º, António Araujo (Quinas) e 2.º, Vítor Perdigão (Seixal).

HOJE À NOITE

XADREZ — Campeonato de Lisboa Individual, de 1.ª categoria, no Ateneu Comercial de Lisboa, a partir das 21 horas.

JOGOS JUVENIS DO BARREIRO — Rapazes — Escalão A — Futebol de 5 — Independente-Serpa Pinto B, ás 20 e 30, na C.U.F.; Seixal-Amoreirense, ás 21, na C.U.F.; C.U.F.-Quinas, ás 22, na C.U.F.

31.ª Volta a Portugal em bicicleta

AMÉRICO SILVA DO ENCARNADO AO AMARELO EM 50 KM FULGURANTES

• UMA BOA VITÓRIA (DO BELGA HEMERYCKX) E UMA DERROTA PARA ALÉM DE TODAS AS PREVISÕES (LEONEL MIRANDA)

Embora se admitisse a possibilidade da camisola amarela mudar de dono, nestes 50 km contra-relógio, entre Loulé e Tavira, poucos esperariam tão grande reviravolta na «Volta». Mas aconteceu. A corrida sensacional de Américo Silva, um corredor que alia a força à rapidez, não lhe granjeou apenas a posse do primeiro lugar: deu-lhe, também, o maior avanço já alcançado, até à 10.ª etapa, por qualquer dos «leaders» desta 31.ª Volta a Portugal

Leonel Miranda viu-se, ao fim da quente manhã de ontem, relegado para o terceiro lugar, ultrapassado também por Joaquim Agostinho. E mesmo sabendo-se que o contra-relógio não é o «forte» do categorizado corredor do Sporting, poucos esperariam que Miranda, até aqui «patrão» da «Volta» claudicasse a ponto de perder quase dois minutos em relação ao seu adversário.

Américo Silva foi a grande sensação do contra-relógio. Cinquenta quilómetros em estilo de campeão, para passar de «encarnado» ao «amarelo».

Talvez a fulgurante actuação de Leonel Miranda das Antas a Alvalade, continuada até Loulé sem perder um segundo sequer em relação aos principais competidores, tenha deixado relativamente na sombra a excelente prova de Américo Silva. Não obstante, o benfiquista estava apenas a 42 segundos do «leader», diferença essa conquistada, essencialmente, na ponta final das etapas findas em Viseu e Lisboa. Quer dizer: embora sem a mesma espectacular evidência, Américo Silva estava a ser para Leonel Miranda, como já fora para Joaquim Agostinho, um perseguidor terrivelmente tenaz e ameaçador.

Ter-se-á estranhado, em funções da magra diferença que o separava do «camisola amarela», que o «deixa andar» revelado por Américo Silva, que, até Loulé, não tomara a menor iniciativa tendente a apossar-se do primeiro lugar. Parece, afinal, que Américo Silva, e o seu técnico, que o terá orientado neste estilo de operação, tinham toda a vantagem em esperar pelo contra-relógio de Tavira.

Efectivamente, a força colectiva revelada pela equipa do Sporting, ameaçava fazer gorar qualquer tentativa, mesmo que em determinado momento Américo se sentisse capaz de bater Leonel no confronto directo. Esse confronto só seria possivel no contra-relógio, a tal «prova da verdade» em que cada um fica entregue a si próprio. E o corredor do Benfica pôde então afirmar toda a sua categoria de ciclista a um tempo rápido e duro, realizando uma prova sensacional que terminou com quase dois minutos de vantagem sobre Leonel Miranda, arrebatando-lhe a camisola amarela.

Outro dos favoritos que esteve á altura do prestigio alcançado foi Joaquim Agostinho, 4.º classificado na etapa, a 33 segundos de Américo Silva e com a vantagem de 1 m. 24 s. sobre Leonel, o que lhe valeu passar ao 2.º lugar da classificação. Quanto aos dois portuenses do grupo da vanguarda, Mário Silva e Joaquim Leão, perderam em relação ao novo «camisola amarela» respectivamente 1 m. 32 s. e 3 m. 40 s.

Dos que não contavam para a luta mais importante, dois corredores estiveram particularmente em foco: o belga Hemeryekx, vencedor da tirada com um tempo magnifico, e o tavirense António Graça, com um terceiro lugar bem confirmativo das suas execelentes qualidades

A vitória do corredor da Flandria veio «lembrar» que os belgas ainda estão na prova. Pena, para ele, que não haja mais etapas destas caracteristicas...

Por equipas, excelente vitória do Ginásio de Tavira.

Depois a Flandria. O Sporting foi terceiro, mas com o proveito de ter aumentado o seu avanço sobre o Benfica e o F. C. Porto.

*

O tal contra-relógio de Tavira, foi, afinal, mais influente do que se podia prever. A mudança da camisola amarela traz a certeza de que as ultimas etapas vão decorrer com muita animação. Cumprida a obrigação de mais um festivalzinho, em Tavira, ficaram a faltar quatro longas etapas no total de 659 kms. Tempo e distancia para acontecer muita coisa.

É de esperar um ataque vigoroso dos sportinguistas, talvez também dos portuenses, pois Mário Silva terá ainda possibilidades, se bem que mais remotas, de ganhar a prova. Podera Américo Silva, de certo bem auxiliado pelos seus companheiros, defender-se dos ataques que lhe vão ser movidos? Quando esta crónica, que escrevemos ainda no Algarve, chegar aos nossos leitores, estará concluida a etapa Tavira-Beja. E talvez esteja esboçada a resposta á pergunta que a nós próprios fazemos, numa quente e bela noite algarvia.

Américo Silva á conquista da camisola amarela, que foi sua á chegada a Tavira.

NOMES E NÚMEROS
à partida para a etapa de hoje

Vencedores das etapas

1.ª — Pedro Moreira (Bf.)
2.ª — Emiliano Dionísio (Sp.)
3.ª — Ludo Van Dromme (Fl.)
4.ª — Pedro Moreira (Bf.)
5.ª — Américo Silva (Bf.)
6.ª — Augusto Cardoso (Bf.)
7.ª — Fernando Mendes (Bf.)
8.ª — Leonel Miranda (Sp.)
9.ª — Ludo Van Dromme (Fl.)
10.ª — Leonel Miranda (Sp.)
11.ª — Leonel Miranda (Sp.)
12.ª — Leonel Miranda (Sp.)
13.ª — Pedro Moreira (Bf.)
14.ª — Pedro Moreira (Bf.)
15.ª — Mário Sá (Ambar)
16.ª — J. Hemeryckx (Fl.)
17.ª — António Graça (Tav.)

Portadores da camisola amarela

2.ª etapa — Pedro Moreira (Bf.)
3.ª etapa — Em. Dionísio (Sp.)
4.ª etapa — Em. Dionísio (Sp.)
5.ª etapa — Pedro Moreira (Bf.
6.ª etapa — Joaq. Agostinho (Sp.)
7.ª etapa — Joaq. Agostinho (Sp.)
8.ª etapa — Joaq. Agostinho (Sp.)
9.ª etapa — Leonel Miranda (Sp.)
10.ª etapa — Leonel Miranda (Sp.)
11.ª etapa — Leonel Miranda (Sp.)
12.ª etapa — Leonel Miranda (Sp.)
13.ª etapa — Leonel Miranda (Sp.)
14.ª etapa — Leonel Miranda (Sp.)
15.ª etapa — Leonel Miranda (Sp.)
16.ª etapa — Leonel Miranda (Sp.)
17.ª etapa — Américo Silva (Bf.)
18.ª etapa — Américo Silva (Bf.)

Equipas vencedoras das etapas

1.ª — Benfica
2.ª — Sporting
3.ª — Flandria
4.ª — Benfica
5.ª — F. C. Porto
6.ª — Sporting
7.ª — Sporting
8.ª — Sporting
9.ª — Flandria
10.ª — Sporting
11.ª — Benfica
12.ª — Sporting
13.ª — Sporting
14.ª — Benfica
15.ª — Sangalhos
16.ª — Ginásio de Tavira
17.ª — Sporting

Avarias DA VOLTA-68

O «LEÃO» DE TAVIRA

Estas etapas em pista permitem viver mais demoradamente o espectáculo da «Volta». Mas para os que acompanham a prova, já sem esse aliciante, são quase sempre enfadonhas, pois raro acontece alguma coisa de verdadeiro interesse.

Bem-vindo se torna, portanto, qualquer derivativo, alguma coisa que desperte a atenção — e que possa até despertar acompanhantes eventualmente tentados a dormir a sua sonceca.

Em Tavira, esse espectáculozinho marginal proporcionou-o um vibrante adepto do Sporting que, na bancada, segurando numa só mão uma taça, uma bandeira e um ramo de flores, deu um autêntico «show» nos incitamentos aos representantes do «seu» clube.

Durante cerca de duas horas, esse vigoroso «leão», gritou, aplaudiu, incitou e, nos momentos mais felizes, lançou ao ar, festivamente, o seu garrido e coerente boné verde.

Acabou rouco. Mas a voz «foi-se-lhe» apenas nos incitamentos aos «seus», pois, apesar de tão espectacular entusiasmo, não valou adversários nem beliscou as preferências clubísticas dos outros espectadores. Só quando o «picavam», numa ou outra alusão ao contra-relógio da manhã, respondia invariávelmente, pleno de confiança:

«Deixa andar! A volta só acaba em Lisboa...»

E logo se voltava para a pista a fim de se aliar, em espírito, ás pedaladas sportinguistas.

Sinceramente: se houvesse um «prémio de combatividade» também para os espectadores, eu não hesitaria em dar o meu voto áquele incansável «leão» de Tavira. Fartou-se de «puxar»...

Leonel Miranda, o «leader» destronado, quando, no contra-relógio, pedalava a caminho de Tavira, na etapa em que perdeu o 1.º lugar

AMARELOS DE VER O AMARELO A CAIR...

Foi no final da segunda etapa de ontem, na pista de Tavira. Os corredores da ultima série (a das «vedetas») haviam terminado a sua prova, mas seguiam ainda, embalados, numa volta suplementar. Pois foi precisamente nessa altura, já com a prova concluída, que o camisola amarela, Américo Silva, se estatelou aparatosamente. Um grande susto para os benfiquistas, ainda a viverem a euforia da ascensão de Américo ao primeiro lugar. Muitos terão ficado amarelos ao ver o «amarelo» cair. As consequências, porém, e felizmente, limitaram-se a escoriações num braço.

* BICICLETAS * AROS * RAIOS SÉRIES DE DIRECÇÃO VILAR JOGOS PEDALEIROS CUBOS * EIXOS *PEDAIS E TRAVÕES*
... À VENDA EM TODOS OS BONS ESTABELECIMENTOS ...

EXTERNATO SÁ DE MIRANDA
ENSINO PRIMARIO — CICLO PREPARATORIO
CURSO LICEAL NOCTURNO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (A AL. REIS)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

À VENDA EM TODO O PAÍS
EM LISBOA:
LISÁGUA DISTRIBUI
Pedidos — Telefs. 553336 - 553809

NA PISTA DE TAVIRA

FARA ANTÓNIO GRAÇA

A «GRAÇA» DE GANHAR NA SUA TERRA

• OS PRIMEIROS, OS ÚLTIMOS NA CORRIDA E NA CLASSIFICAÇÃO

Dentro da melhoria revelada pela equipa do Ginásio de Tavira, a jornada de ontem, disputada nos «seus domínios», saldou-se com dois triunfos significativos: no contra-relógio da manhã coube-lhe o primeiro lugar por equipas; á tarde, nos oito quilómetros em pista, António Graça conseguiu uma vitória excepcionalmente saborosa. Velha como o ciclismo (mais que o ciclismo...) é a ambição que cada um sente por triunfar na sua terra.

Foi uma vitória bonita, do prometedor Graça, com a notazinha marginal de um Pedro Moreira «sentimentalão» se ter contentado, ostensivamente, com o segundo lugar.

A outra curiosidade desta etapazinha, mais ou menos inofensiva, esteve no facto de os sete primeiros, os últimos a actuar, terem sido também os últimos da classificação. Em 8 km, gastaram mais 45 s que a série do vencedor. Uma consequência: Pedro Moreira trocou de lugar com António Acúrsio, passando aquele para o 7.º e descendo este para 8.º.

Outra: o Sporting e o Tavira, cada qual com dois corredores na série vitoriosa, adiantaram-se ao despique colectivo, com primazia para os «leões», melhor servidos pelo terceiro homem.

Que mais ? Pois mais nada...

CLASSIFICAÇÕES

da pista de Tavira

		M.	S.
1.º	António Graça (Tav.)	10	48
2.º	Pedro Moreira (Bf.) ...	m.	t.
3.º	Sérgio Páscoa (Sp.) ...	m.	t.
4.º	R. Domingos (Tav.) ...	m.	t.
5.º	Vítor Rocha (Sp.)	m.	t.
6.º	José Azevedo (Porto)	m.	t.
7.º	J. Andrade (Sang.)	10	50
8.º	Augusto Cardoso (Bf.)	11	01
9.º	Manuel Correia (Sp.) ..	m.	t.
10.º	José Vieira (Sp.)	m.	t.
11.º	Vítor Tenazinha (Sp.)	m.	t.
12.º	Mário Sá (Ambar)	m.	t.
13.º	A. Carvalho (Porto) ...	m.	t.
14.º	Francisco Valada (Bf.)	m.	t.
15.º	Emiliano Dionísio (Bf.)	11	19
16.º	Manuel Castro (Amb.)	m.	t.
17.º	F. Bernardino (Sp.) ...	m.	t.
18.º	Manuel Luís (Bf.)	m.	t.
19.º	G. Azevedo (Porto) ...	m.	t.
20.º	Daniel Vitorino (Bf.) ..	m.	t.
21.º	C. Oliveira (Sang.)	m.	t.
22.º	Van Dromme (Fland.)	11	20
23.º	José Nunes (Tav.)	m.	t.
24.º	Cosme Oliveira (Porto)	m.	t.
25.º	António Teixeira (Tv.)	11	23
26.º	V. Cardoso (Bf.)	m.	t.
27.º	José Luís (Prto)	m.	t.
28.º	N. Duarte (Sang.)	m.	t.
29.º	José Vieira (Ambar) ...	m.	t.
30.º	Custódio Cristina (Tv.)	m.	t.
31.º	A. Pereira (Sang.)	m.	t.
32.º	F. Martins (Tav.)	m.	t.
33.º	C. Gomes (Porto)	11	24
34.º	John Hemeryckx (Fl.)	m.	t.
35.º	R. Fournière (Fl.)	m.	t.
36.º	Marcolino Santos (Tv.)	m.	t.
37.º	Joaquim Leite (Porto)	m.	t.
38.º	João Fonseca (Sang.)	11	26
39.º	J. Barreto (Sang.)	11	29
40.º	Leonel Miranda (Sp.)	11	33
41.º	Fernando Mendes (Bf.)	m.	t.
42.º	J. Agostinho (Sp.)	m.	t.
43.º	Joaquim Leão (Porto)	m.	t.
44.º	Américo Silva (Bf.) ...	m.	t.
45.º	António Acursio (Bf.)	m.	t.
46.º	Mário Silva (Prto) ...	m.	t.

POR EQUIPAS

		M.	S.
1.ª	Sporting	32	37
2.ª	Benfica	32	50
3.ª	Tavira	32	56
4.ª	F. C. Porto	33	08
5.ª	Sangalhos	33	32
6.ª	Ambar	33	43
7.ª	Flandria	34	08

A PRÓXIMA ETAPA

Amanhã: Beja-Portalegre

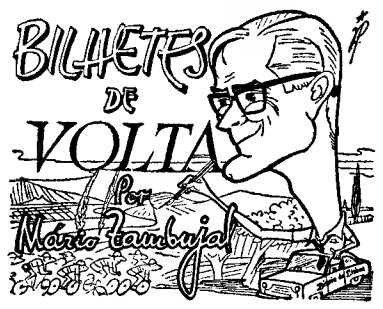
A etapa de amanhã é a 19.ª e antepenultima da Volta Os corredores vão de Beja a Portalegre, cumprindo a mais extensa das tiradas que estão por disputar.

São 187 quilómetros, a percorrer á média horária de 37 quilómetros. Os ciclistas partem de Beja ás 10 horas, atravessando, sucessivamente, S. Manços (11 e 34), Évora (12 e 08), Azaruja (12 e 47) e Estremoz (13 e 30), cortando a meta em Portalegre ás 15 e 02.

Há em Évora uma meta volante, estando o posto de abastecimento instalado em Estremoz (Portas).

31.ª Volta a Portugal em bicicleta

UM «VELHO MARINHEIRO»



...Marinheiro, claro, é como quem diz. E velho, esclareço, também não tem nada que ver com a idade no bilhete de identidade, mas sim com o seu tempo de «voltista».

Falo do Fernando Ávila, prestigioso camarada do «Diário Popular», que ontem esteve particularmente em foco, pois a organização da «Volta» teve a ideia feliz de o distinguir com o «Prémio Parabéns». Esse prémio, que na véspera pertencera ao Celestino de Oliveira por completar a maravilhosa idade de 20 anos, não foi agora atribuído pelo mesmo motivo. Não, o Fernando Ávila já passou dos 20 anos há... largos meses.

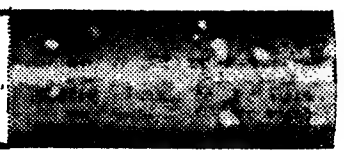
O que aconteceu, o que está a acontecer, é que esta 31.ª Volta a Portugal é a 27.ª que o Fernando Ávila acompanha na sua missão profissional. Ele, como foi sublinhado pela organização, é «o decano dos jornalistas da Volta» e a homenagem que lhe foi prestada constituiu manifestação de simpatia e apreço a que a «Volta» se associou.

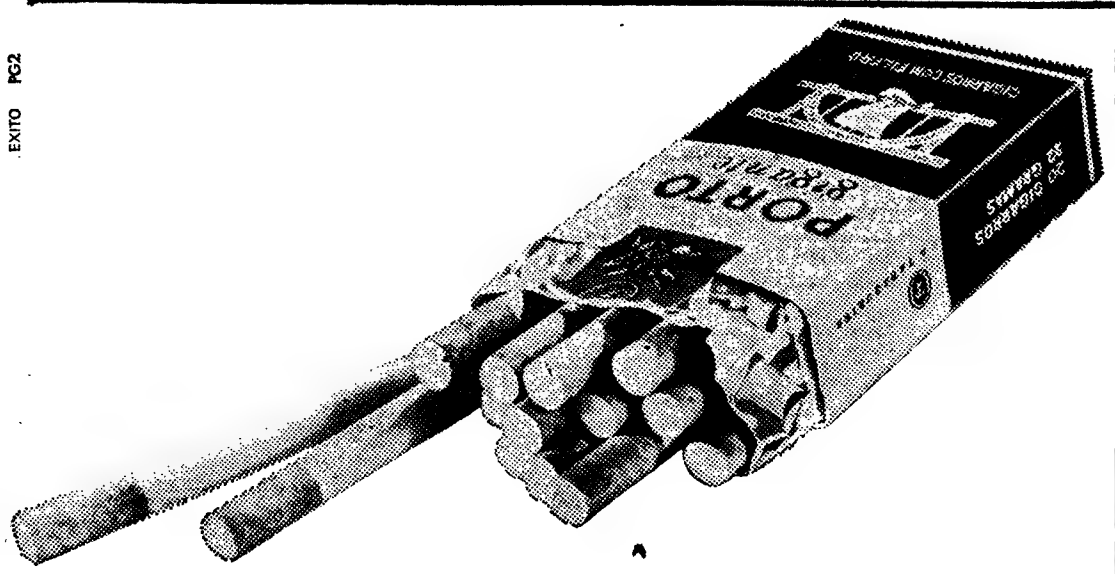
Para mais, o prémio foi muito bem escolhido e a oportunidade para a sua entrega também o foi. Na terra das mais formosas chaminés, verdadeiro ex-líbris desta província maravilhosa, deram ao Ávila aquilo que ele — confessou-nos... — «já anda para comprar»: um cachimbo novo.

E logo ali, na pista de Tavira, o «velho marinheiro» da «Volta» lançou duas triunfantes bafuradas de fumo da sua «chaminé» acabadinha de estrear.

uma companhia mais longa em cada PORTO

UM CIGARRO. MAS UM CIGARRO TÃO REPOUSANTE QUE PROLONGA AINDA MAIS OS MELHORES MOMENTOS COM ELA.





EXITO PG2

PORTO
O SEU CIGARRO DE SEMPRE DÁ-LHE AGORA UM PRAZER GIGANTE

PORTO
GIGANTE

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

PROGRAMA DA TV

Às 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Junta da Acção Social; 20 e 10: Actualidade desportiva (resumo filmado do jogo Sporting-Guarany); 20 e 50: Notícia do espectáculo; 21 e 20: Carrossel Mágico; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico, 21 e 55: Reportagem do exterior; 24: Volta a Portugal em Bicicleta; 0 e 15: Telejornal, Meditação e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 19 e 30: Abertura, Telejornal e Agenda da praça; 19 e 50: Programa da Agência Geral do Ultramar; 20 e 10: Nos bastidores da aventura; 20 e 40: Sangue na estrada; 20 e 50. Cartaz TV e «Nós e o Publico»; 2 e 0: Barreira de sombra; 21 e 25: «Carrossel Mágico»: 21 e 30: Telejornal; 2 e 55: Noite de cinema — «A Torre de Cristal» — (The Glass Wall), com Vittorio Gassman e Gloria Grahame; 23 e 35: Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 50: Telejornal 23 e 55: Meditação e Fecho.

Programa da Rádio

EMISSORA — **1.º Programa** — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher — programa de Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 8 e 40: Musica e Sonho; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Diário da Volta — Solistas ligeiros; 20 e 40: 6.º episódio do folhetim «A Fidalga de Baisemão»; 21: Jornal de Actualidades, 21 e 30: O Conjunto de Manfred Mann; 21 e 40: Festival-68; 22 e 30: Orq. e Conjuntos; 23 e 05: Programa da Noite; 23 e 40: Serenata de Coimbra; : Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — 16 e 04: Novos discos — Musica de Vivaldi: A obra para flauta e orq.; 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Carmen» (Bizet); 18: Musica do Século XX — Obras de Leos Janacek; 9: Horizonte semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Musica da Beira Alta recolhida por Artur Santos; 19 e 45: O pianista Walter Gieseking — Fantasias opus 116 (Brahms); 20: Diário Sonoro; 20 e 30: Coros — Missa em quatro partes (William Byrd) — Coro do «King's College» de Cambridge, dir. de David Willcocks; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara sob a dir. do maestro Silva Pereira; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Partida em ré maior n.º 4 BWV 828 (Bach) — Martin Galling (Cravo); 22 e 20: Poemas Sinfónicos — «Fonte de Plinto» (Arthur Meulemans) — Orq. Nacional Belga; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

3.º Programa (cultural em MF 2) — 94,4 mc/s — Às 23: Musica de piano — Children's Corner (Debussy), por Rudolf Firkunsy; 23 e 30: Parte de um Concerto pela Orq. Sinf. da Rádio do Hessen sob a dir. de Dean Dixon; 0 e 12: Quarteto n.º 14 em ré menor (Schubert) — Quarteto Filarmónico de Viena; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 5: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das donas de casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; : e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelaneo; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Crónica feminina; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Canções em voga; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande plano; 9 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Pausa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Grande plano; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular**, das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa**, das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal**, das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça**, das 14 e 30 ás 19 e 30

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno E

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

ALCANTARA — Nogueira, R. do Creche, 2 (63 635)
ALFAMA — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632)
ALVALADE — Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote de Agua) (710131) ❋ **Cartaxo**, Av. da Igreja, 21-C (776358) ❋ **Brisélia**, Av. Rio de Janeiro, 66-A (722368)
ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (40471).
AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (715370) ❋ **João XXI**, Av. João XXI, 16-A (726462) ❋ **Nova Lisboa**, R. Guilhermino Suggia, 12 (727721)
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Salitre, 7 (46858)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (763107) ❋ **Avenidas**, Av. da Republica, 27-A (533688) ❋ **Império, Ld.ª**, R. Filipe Folque, 40-A-B (48002) ❋ **Ducal**, Av. Duque de Loulé, 4 (48946) ❋ **Palma**, Av. Duque de Ávila, 25-3 (47088)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, R. Angelo Pinto, 32 (49756).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27 n.º 4; (311216).
BAIXA — Barral, R. Augusta, 225 (361534/5)
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 4-C (63 699)
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 4 (703393) ❋ **Sousa**, Est. de Benfica, 429-43 (780027)
CAMÕES — Modelar, L. Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (678896) ❋ **Veritas**, Rua da Misericórdia, 33 (324554-327563/4)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (688857) ❋ **Ourique**, Rua Freitas Gazul, 32-B (67 667)
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 01-101-A (682333) ❋ **Pátria**, Calçada dos Mestres, 30-A (á R. das Amoreiras) (680627)
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181)
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (774920).
ESTEFÂNIA — Estefânia — R. Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA — Janeiro, Av. Alvares Cabral, 100 (66 453)
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867942) ❋ **Rosa & Viegas**, R. de S. Vicente, 3 (864351) ❋ **St. António**, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (862333)
JANELAS VERDES — Carrasco, R. Presidente Arriaga, 39 (667460).
LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ❋ **S. Tomé**, Est. do Desvio, lote 2-C (790704)
MADRAGOA — S. Nunes Simões, Suc., R. da Quelhas, (661275).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (311237).
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764196-764629).
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (842518).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 16-A (728395-720703).
REGO — Universitária, R. Alfredo Roque Gameiro, 29-D (Bairro Santos) (778953).
S. AMARO — Sepol, Calç. da Boa Hora, 94-A (631958) ❋ **Teles**, R. João de Barros, 2 (638249).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Saltes, R. de Xabregas, 63 (381185) ❋ **Oriental**, R. Lopes, 120 (843381)
MOSCAVIDE — Varela — Av. Moscavide, 44 (Tel. 2518520).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto da Silva, 81 (Tel. 212048)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telefone 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039).
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 8 (Tel. 2430058)
PAREDE — Macau — R. Elias Garcia, 62-B (Tel. 2471785).
ESTORIL — Marques dos Santos — R. Ferreira, J-A-15 — (Tel. 260116).
CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento 9, 4: (Telef. 280141) ❋ **Cascais** — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas — (Tel. 282407).

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora — P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518) ❋ **Carmelo** — R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933308) ❋ **Helénica** — R. Elias Garcia, J. P. L. Loja B (Tel. 933613).
DAMAIA — Confiança — Est. Militar (Tel. 971023)
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043) — **Queluz** — Av. Miguel Bombarda, Lote 4. (Tel. 951844)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 — (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins 285 — (Tel. 290012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — — (Tel. 980456)
SINTRA — Simões — R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)
COLARES — Colares — Abreia — (Tel. 299088)

● Outra banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 — (Tel. 234137).
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. de Belo Rosa, 8 (Tel. 224250)
ALMADA — Macedo Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa, 1 (Tel. 271291)
BARREIRO — Moderna — R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 2 (Tel. 2273443).
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).
MOITA — União Moitense — Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO — Moderno — R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 230156)
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229471)
SETUBAL — Marques — R. Arronches Junqueiro — (Tel. 22783) ❋ **Bonfim** — Av. Rodrigues Manitto, 12 — (Tel. 24558)
SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 — (Tel. 2218560).

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA

INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS

Rua Conde Redondo, 56, 2.º
Telef. 43738

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO

Consolidado 2 3/4%	—	—	530$00
Consolidado 3%	—	540$00	545$00
Consolidado 3 1/2%	—	—	650$00
Centenários 4%	—	1.475$00	1.480$00
Obrigações Tesouro 5%	1.003$00	1.002$00	1.003$00
Externo 1.ª Série	—	740$00	810$00
Externo 1.ª Série c.	—	—	860$00
Externo 3.ª Série	—	—	880$00
Externo 3.ª Série c.	—	880$00	890$00
Cautelas 3.ª Série	—	—	210$00

OBRIGAÇÕES

Águas Lisboa 5%	—	—	495$00
A. P. L. 5% 56	—	—	—
A. P. L. 5% 58	930$00	930$00	935$00
C. P. 4 1/2% 65	—	915$00	920$00
C. P. 4 1/2% 67	1.030$00	1.030$00	—
C. U. F. 5%	1.015$00	1.013$00	—
C. U. F. 5% 68	—	—	1.008$00
Gás Elect. 4% 48	—	820$00	870$00
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	870$00	—
Gás Elect. 5% 52	900$00	900$00	910$00
Gás Elect. 5% 58	850$00	845$00	—
Gás Elect. 5% 59	—	845$00	—
Gás Elect. 5% 62	—	915$00	—
Gás Elect. 5% 63	—	925$00	—
Gás Elect. 5% 65	—	910$00	—
Gás Elect. 5% 67	—	1.018$00	1.020$00
H. E. A. Alentejo 5%	—	—	845$00
H. E. Cávado 5%	—	—	840$00
H. E. Cávado 6%	1.000$00	999$00	1.000$00
H. E. Douro 5%	—	820$00	—
H. E. Douro 6%	—	996$00	999$00
H. E. Norte Portugal 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	1.001$00	1.002$00
H. E. Zêzere 5% 55	840$00	840$00	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	840$00
Lisnave 6%	1.003$00	—	—
Metropolitano 4%	—	905$00	910$00
Metropolitano 5 3/4%	—	1.007$00	—
Moçambique 5%	—	720$00	760$00
Nac. Eléctrica 5%	855$00	850$00	860$00
Nitratos 5%	—	—	860$00
Nitratos 5% 60	—	830$00	—
Petroquímica 5%	—	860$00	—
Port. Celul. 5%	—	950$00	—
Sacor 5% 54	—	920$00	—
Sacor 5% 60	860$00	855$00	865$00
Siderurgia 5% 2.ª	—	815$00	830$00
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	830$00
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	810$00	810$00	—
T. A. P. 4%	—	—	925$00
Termoelect. Port. 5%	830$00	825$00	835$00
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	82$00	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	82$00	—
U. E. P. 5% 60	—	860$00	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—

ACÇÕES

Bancos

Agricultura	940$00	935$00	945$00
Alentejo	610$00	610$00	615$00
Angola	—	1.415$00	1.450$00
Burnay	—	2.800$00	2.900$00
Créd. Predial	—	—	1.890$00
E. Santo	—	13.300$00	13.400$00
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	14.000$00
L. & Açores p.	3.950$00	3.900$00	4.000$00
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	5.100$00	5.400$00
Portugal n.	2.250$00	2.200$00	2.260$00
Portugal p.	—	2.450$00	2.500$00
Totta Aliança	—	4.220$00	4.300$00
Ultramarino n.	1.265$00	1.260$00	1.265$00
Ultramarino p.	—	1.465$00	1.480$00

Seguros

Alentejo	—	76$00	80$00
Douro	—	780$00	930$00
Mundial	—	360$00	375$00
Sagres	—	—	1.190$00
Tranquilidade	—	40.000$00	45.000$00
Ultramarino	—	8.500$00	—

C.ias Ultramarinas

Açúcar de Angola	—	645$00	—
Ag. Cassequel	—	510$00	525$00
Ag. Incomati	—	990$00	—
Ag. Neves	—	105$00	120$00
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	105$00	115$00
Boror	—	105$00	—
Buzi	—	63$50	65$00
Cabinda	—	92$00	95$00
Diamantes Angola	1.135$00	1.132$00	1.137$00
H. E. Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	435$00	—
Moçambique	45$50	45$00	46$00
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	—	270$00	278$00
Zambézia	—	43$50	44$00

Diversas

Cidla	—	—	—
Cim. Leiria	—	1.630$00	—
Cim. Tejo	—	2.250$00	2.450$00
Col. Navegação	600$00	600$00	—
C. U. F.	—	1.000$00	—
Ind. Aliança	—	—	700$00
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	—
Port. e Colónias	1.370$00	1.370$00	1.375$00
Port. Celulose	—	—	—
Port. Pesca	—	680$00	—
Port. Tabacos	444$00	444$00	445$00
Sacor	—	—	4.700$00
Siderurgia Nac.	—	1.050$00	1.100$00
Socel	2.150$00	2.100$00	2.170$00
Tabacos de Portugal	—	780$00	800$00
Tabaqueira	—	6.700$00	6.800$00
U. F. Azoto	699$00	697$00	700$00

Águas, Electricidade e Gás

Águas Lisboa p.	—	—	390$00
Águas Lisboa 34	—	380$00	385$00
Águas Lisboa 36	—	385$00	—
Electr. Beiras	1.515$00	1.515$00	1.520$00
Gás Electr.	378$00	378$00	379$00
H. E. Alto Alentejo	155$50	155$50	156$00
H. E. Cávado	1.235$00	1.230$00	1.235$00
H. E. Douro	1.204$00	1.204$00	1.205$00
H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	1.750$00
H. E. Zêzere	1.305$00	1.300$00	1.305$00
Nac. Electricidade	1.315$00	1.315$00	1.320$00
Termoeléctrica Portuguesa	—	—	1.350$00
União Eléctrica Portuguesa	184$00	184$00	184$50

F. DE INVESTIMENTO

F. I. Atlântico	—	145$90	150$30
F. I. D. E. S.	—	102$30	105$50

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	14/8/68	21/8/68	22/8/68
GERAL	101,7	101,8	**102,1**
METROPOLITANAS	101,0	101,0	**101,4**
ULTRAMARINAS	106,9	107,6	**107,3**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
Dollar de 1 e 2	28$25	28$65
Dollar de 5 a 1000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$05	7$25
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	6$00	9$00
Espanha — Peseta	$403	$418
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$70	69$70
Itália — Lira	$0452	$047
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$55	$57
França — Franco	4$90	5$35
Suíça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 libra	220$00	240$00
Ouro Fino — Barra	36$50	39$00

J. BURNAY, L.da
RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras papeis de crédito
Tel. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE
Matar para não morrer — no AVIS

AVIS
Tel. 47163
HOJE, às 21.45
ESTREIA
(M. 12 anos)
Simplesmente sante!

MATAR PARA NÃO MORRER
com ROBERT MARK-ELINA DE WITT — Techinocolor-Scope
Às 15.30 — M/ 12 anos OS FILHOS DO LEOPARDO
Última exibição — Franco Franchi e Ciccio Ingrassia

EDEN
Tel 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)

ESPIÕES DE HELICÓPTERO
com ROBERT VAUGHN/DAVID McCALLUM

ODEON
Tel 32 62 83
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30
2.ª SEMANA DO GRANDE ÉXITO
com o saudoso mestre ALVES DA CUNHA numa arrebatadora criação em

DUAS CAUSAS
com Mariana Vilar e Artur Semedo
A odisseia de uma orfã que não quer denunciar o homem que a seduziu
(M. 12 anos)

MONUMENTAL
Telef. 555131
Às 15.15 e 21.30
(Adultos)

A ÚLTIMA VÍTIMA
com Joan Crawford, Michael Gough e Judy Geeson

estudio 444
Tel. 77 90 95
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
(Adultos)
O inesquecível filme de Vittorio de Sica

DUAS MULHERES
com Sophia Loren, Renato Salvatori e Eleonora Brown

CONDES
Tel. 32 25 23 e 32 67 10
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
3.ª SEMANA
EASTMANCOLOR
Franco Nero em

DJANGO
Um nome misterioso para um homem implacável!
No programa: o documentário colorido «O funeral de Kennedy»
(Ar condicionado)

RESTELO
Tel. 61 03 75
As 21,30
(17 anos)

TRAIÇÃO (La trahison)
Manos K

EUROPA
Tel. 66 10 16
As 15,15 e 21.30
(12 anos)

SOMBRAS NA CIDADE
com Sterling Hayden-Gene Nelson--Philis Kirk

LIZ
Tel. 4 85 60
As 14.45 e 21 h.
(17 anos)

O FARAÓ
MÉDICO SOCIAL

TIVOLI
Telef. 50595
As 3 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
(M 12 anos)
56.ª SEMANA
Continuação do exclusivo deste cinema

MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Cristophes Plumer

ALVALADE
Tel. 76 30 80
Às 15.45 e 21.45 h.
TECHNICOLOR
(M. 6 anos)
2.ª SEMANA
A mais apaixonante aventura em parte filmada em Lisboa

UM MILHÃO DE DÓLARES NUMA COLEIRA
com Guy Stockwell e Graig Hill

ROMA
Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Uma divertidíssima comédia

VÃO CHAMAR PAI A OUTRO!...
com Bourvil-Jean-Lefebvre--Rosy Yarte

SÃO JORGE
Tel 54153 54154
HOJE às 21.30
A INAUGURAR O CICLO:
HUMOR EM FESTIVAL
REAPARECE

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR
Às 18.15 — Últimas exibições
VIVER PARA VIVER (17 anos)

MUNDIAL
As 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
2.ª SEMANA

O VALETE DE OIROS
Metrocolor
c/ George Hamilton, Marie Laforet e Joseph Cotton
AR CONDICIONADO — Temperatura 20º

CINE-TEATRO
LIDO
Tel. 93 75 93
AMADORA
Às 21.30
(12 anos)
Um «western» de eleição

BATALHA SEM REGRESSO
com Gleen Ford e Inger Stevens

CINEMA IDEAL
Tel. 32 41 94
Às 21 horas
(12 anos)

UM LEÃO NA MINHA CAMA
RESGATE SANGRENTO

IMPERIAL
Tel. 4 59 33
As 15 e às 21 h.
(12 anos)

AS DUAS FACES DO PERIGO
ESTES HOMENS SÃO PERIGOSOS

CASINO ESTORIL
TELEFONE: 26 07 29
Às 17 e 21,30
(12 anos)

O REBELDE AVENTUREIRO
(THE MASTER OF BALLANTRAE)
com: ERROL FLYNN, Yvonne Furneaux e Anthony Steel

TERRASSO
Tel. 32 09 17
As 15 e ás 21 h.
(17 anos)

ARQUIVO K
MALT HELM, AGENTE «MUITO SECRETO»

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 45: «A flor do cacto» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Oh que delícia de coisa» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A louca de Chaillot» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 21 e 45: «O Comissário de Polícia» (12 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Kimberley Jim» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Na ponta da pistola» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Uma provinciana na corte» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Os dominadores» (12 anos).
IMPERIAL — Às 21: «As duas faces do perigo» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Piratas em bikini» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21: «Sherlock Holmes e o colar da morte» (12 anos).
TERRAÇO DE LISBOA — Às 21 e 15: «Nasceu para seduzir» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Guerra e Paz» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Por favor não me morda o pescoço» (17 anos).
CINE-ENCARNAÇÃO — Às 21: «Às 8, na cama» (17 anos).
CINE-CASTANHEIRA — Às 21: «Mercadores de escravos» (12 anos).
BOM. VIOL. LOURES — Às 21 e 30: «Nada de zangas» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «O emissário da Mafia» (17 anos).
SPORT LISBOA BENFICA — Às 21 e 30: «18.º espião» (17 anos).

● Linha de Cascais

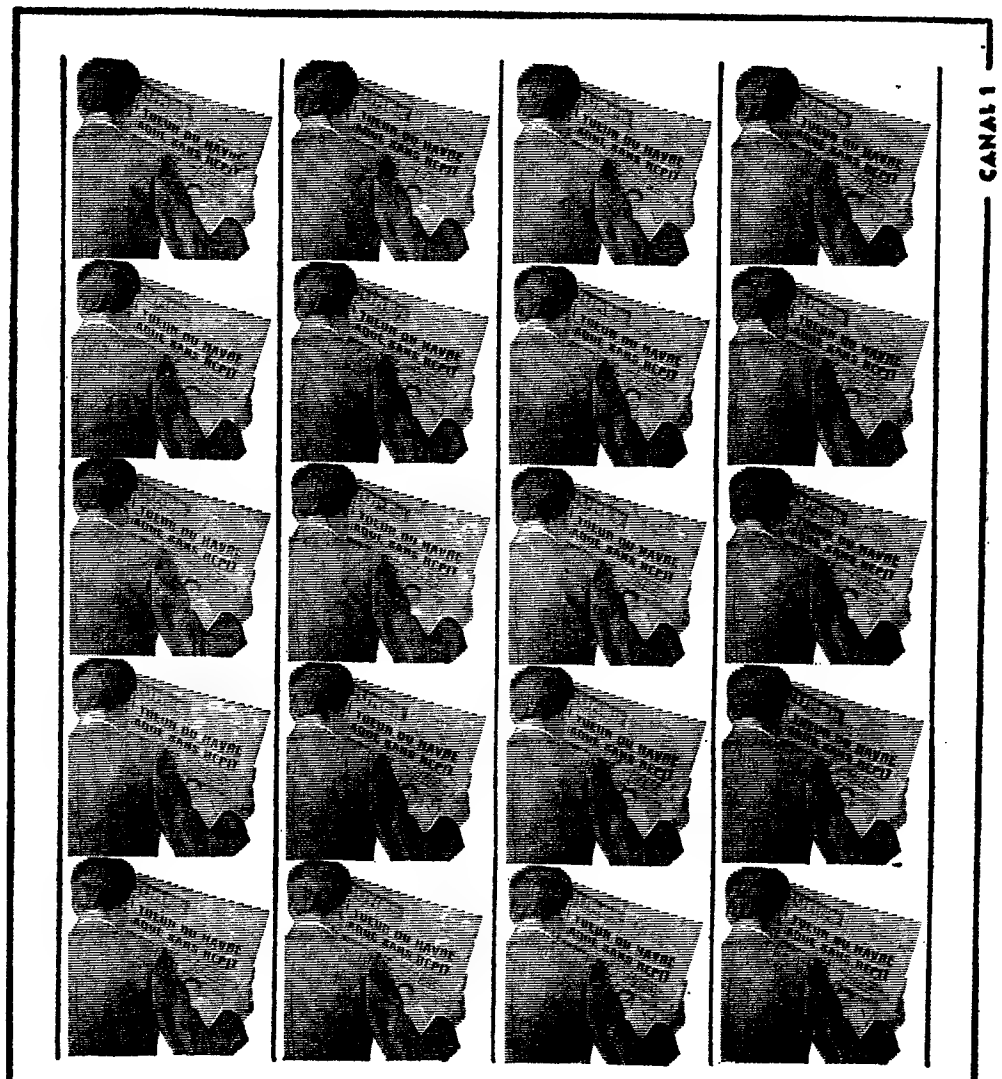
CARCAVELOS — CINE VITÓRIA — Às 21 e 30: «Meu amor, meu amor» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21 e 15: «Duas raparigas da Cortina de Ferro» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Guiá para um homem voluvel» e «A 6.ª testemunha» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O rebelde aventureiro» (12 anos). CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30 — «Cavalheiro vagabundo» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Só se vive duas vezes» (17 anos).

● Outra banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Cantinflas, o Bom Pastor» (12 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 15: ««A minha gueixa» (12 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Duelo em Diablo» e «Águias no Pacífico» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Matt Helm não perdoa» e «13 raparigas aterrorizadas» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «F. B. I. contra Cosa Nostra» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Pânico nas ruas» (17 anos).
PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21 e 15: «Alvarez Kelly» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «A víbora amarela» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Onde as balas assobiam» e «Totó e Peppeni em Berlim» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O incompreendido» (12 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21 e 15: «As feiticeiras» (17 anos).



Estes vinte Comerciantes, por desconhecimento, ainda não venderam calçado PODOLIZADO
(os seus clientes ficaram a perder)

Nós compreendemos... Agora, com o lançamento a 100% do novo tipo de calçado **PODOLIZADO** *novos horizontes se vão abrir para os comerciantes e industriais deste ramo.*

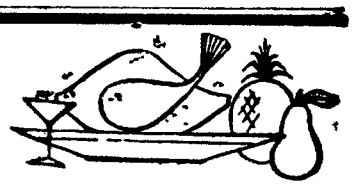
O Calçado **PODOLIZADO** *é fantástico!... evita as deformações e atrofiamentos do pé. Até custa a crer em tanto conforto, mantendo a elegância... sem custar mais.*

PODOLIZADO · sapato novo... conforto de velho

exija o selo de garantia

Gabinete Português de Podolização

bom apetite



Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)
NA SEXTA-FEIRA O SEU ALMOÇO É NA
Parreirinha do Rato
Especialidades do dia:
CABEÇAS DE PESCADA À PARREIRINHA
PATO À PORTUGUESA
Todos os dias pratos variados
Largo do Rato, 11 — Tel. 68 59 08
PARQUE PARA AUTOMÓVEIS

RESTAURANTE XANGAI
Av Duque de Loulé, 20-B / T. 57378
(frente á Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE GALINHA COM ANANÁS E FICARÁ CLIENTE

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 53 52 03
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144—Tel. 790211
(2.ª Circular ao Campo Grande)
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

tamborim
Restaurante - Snack-Bar - Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
Ao Campo Santana) — Telef. 46247

PATENT N.S.D.
TONIS
PODOLIZADO

GRUPO DE DIRIGENTES CHECOS PRÓ-RUSSOS

(Continuação da 1.ª página)

nuam a considerar o chefe de Estado da República.

O procurador-geral militar da Checoslováquia deu instruções ao Exército para que não receba ordens de quem quer que seja se não dos seus próprios superiores hierárquicos.

O aviso acrescenta: «Não colaborem com os ocupantes. Entregar armas aos ocupantes será considerado como traição e castigado».

A mensagm terminava pedindo ás unidades militares checas que não fornecessem qualquer equipamento ou material ás tropas estrangeiras.

Uma edição especial do jornal «Rude Pravo», órgão do Partido checo, que agora parece estar sob fiscalização soviética, pede á população de Praga que não provoque as forças militares estrangeiras. O Jornal avisa que não podem ser tiradas fotografias aos tanques nem aos soldados.

Diz ainda que existem alimentos em quantidade suficiente para a população de Praga embora a sua distribuição suscite problemas.

As estações de Rádio clandestinas anunciaram também que o 14.º congresso do Partido Comunista checoslovaco se reuniu em segredo esta manhã algures em Praga.

Os delegados ao congresso representam 1 600 000 filiados no Partido e têm poderes para eleger membros de quaisquer órgãos do Estado ou do Partido.

Embora politicamente este gesto nada possa contra a força armada intervencionista, dará contudo uma base legal á resistência contra as tropas estrangeiras.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

AMEAÇA DE ABANDONO DO PACTO DE VARSÓVIA

PRAGA, 22 — (R.) — A Rádio de Pilsen, transmitindo numa frequência diferente da habitual, anunciou que «elementos do Exército» pediram á Checoslováquia para abandonar o Pacto de Varsóvia se as tropas de ocupação não saírem do país dentro de 24 horas.

Esses elementos do Exército, cujos nomes não puderam ser captados devido á má transmissão, afirmam que não obedecerão ás ordens do comando do Pacto de Varsóvia e acrescentam que pedirão ao Governo checo para que retire o país do Pacto de Varsóvia e anule os tratados bilaterais com as potências ocupantes se estas não retirarem as suas tropas no prazo indicado.

3.ª Volta a Portugal em bicicleta

COSME DE OLIVEIRA VENCEU A ETAPA TAVIRA-BEJA

• CLASSIFICAÇÃO GERAL SEM GRANDES ALTERAÇÕES

BEJA, 22 — (Pelo telefone, do nosso enviado especial Mário Zambujal) — O portista Cosme de Oliveira venceu a etapa concluída nesta cidade, gastando 4 horas, 7 minutos e 18 segundos, tempo igualmente atribuído ao tavirense Custódio Cristina, seu companheiro de uma longa fuga. Os dois ciclistas fizeram a média de 37,120 km/h.

O primeiro ciclista que pretendeu sair do pelotão foi António Graça (Tavira), mas os restantes companheiros rápidamente o absorveram. Foi por seu turno, a vez dos homens do Sporting tentarem escapulir-se ao conjunto acompanhante: tarefa impossível, porquanto os ciclistas do Benfica, colocados á testa do pelotão, não permitiam veleidades. Aliás, em boa consciência, não se pode dizer que alguém teve iniciativa de fuga: uma «pasmaceira» incrível está a dominar os ciclistas...

Em Castro Marim, com 28 quilómetros percorridos, estava localizada a «meta volante», que foi transposta por Pedro Moreira (Benfica) Cosme de Oliveira (Porto) e Marcolino Santos (Sangalhos) nesta ordem e no tempo de 49 m. 05 s.

O Benfica enquadrava muito bem o seu «camisola amarela», Américo Silva. E, em Azinhal, ás 11 horas e 4 minutos, uma hipótese de afastamento iniciada por Joaquim Agostinho, logo foi estorvada pelos ciclistas «encarnados».

Odeleite foi atravessada ás 11 h. 18 m. por entre o entusiasmo da população local, que acorreu a vitoriar de perto os homens do pedal. E, ás 11 horas e 41 minutos, o pelotão atingira o Alto da Foupana, onde a passagem no risco indicativo do «Prémio da Montanha» foi feita pela seguinte ordem: 1.º, Sérgio Páscoa (Sporting), 2.º, Joaquim Leite (Porto), 3.º, Fernando Mendes (Benfica), 4.º, Custódio Cristina (Tavira) e 5.º, Joaquim Agostinho (Sporting), todos com 1 hora, 41 minutos e 55 segundos. Assim, Leonel Miranda é o virtual «Rei da Montanha», logo seguido de Fernando Mendes e Joaquim Andrade (este do Sangalhos).

Perto de Mértola, registou-se a primeira autêntica escapada: pelo tavirense Custódio Cristina, que rápidamente apanhou avanço sobre o pelotão de onde, entretanto, Sousa Vieira (da Ambar) também sairia. Porém, enquanto que este era englobado pelos demais ciclistas, Custódio Cristina passava isolado em Mértola, com 35 segundos de avanço sobre o portista Cosme de Oliveira (que conseguira também isolar-se) e um minuto e oito segundos de dianteira sobre o pelotão, comandado á passagem por esta vila, pelo sportinguista Vítor Tenazinha.

Intensifica-se, então, a marcha da coluna ciclista mais credenciada: a que envolve os nomes mais cotados. Joaquim Leite (Porto) deu uma queda e, como se isso não bastasse para o atrasar, logo sofreu um «furo»: passou, portanto, a ter a seu lado a desagradável companhia do «carro-vassoura», já que marcha na cauda da caravana.

Descolaram do pelotão mais dois ciclistas: Sousa Vieira (Ambar) e José Maria Nunes (Tavira) o mesmo sucedendo ao belga Hemeryckx que, porém, conseguiria recolar, nas proximidades de Azinhal.

A trinta e dois quilómetros de Beja, Custódio Cristina (já então acompanhado pelo portista Cosme de Oliveira) continuava em bom andamento. Reservando-se no comando da fuga, estes ciclistas—que tinham chegado a contar dois minutos de avanço sobre o pelotão — usufruíam apenas 1 m. e 21 s., acossados pelo grupo perseguidor onde os representantes do Sporting davam a nota de inconformismo.

Por seu lado, em coligação certa e ritmada, Cosme de Oliveira e Custódio Cristina preparavam-se para entrar, distanciados, na cidade de Beja, ante a relutancia do pelotão em acelerar.

Na meta de Beja, em tácita «autorização», Custódio Cristina permitiu que o triunfo pertencesse ao portista Cosme de Oliveira, que comandara toda a parte final da etapa. Os dois ciclistas fizeram o mesmo tempo: 4 horas, 7 minutos e 18 segundos.

Depois, adiantando-se ao pelotão, classificou-se Leonel Miranda (Sporting), imediatamente seguido por Custódio Gomes (Porto), Pedro Moreira (Benfica), Sérgio Páscoa (Sporting), José Pacheco (Porto), Manuel de Castro (Ambar), José Azevedo (Porto), Fernando Mendes (Benfica), Augusto Cardoso (Benfica) e o «camisola amarela» Américo Silva (Benfica). Tempo de todos estes ciclistas e dos demais componentes do pelotão: 4 h 9 m 56 s.

Atrasados, apenas José Maria Nunes e Joaquim Leite (que fizeram 4 h 15 m 42 s), e Sousa Vieira, que gastou 4 h 16 m 25 s.

CLASSIFICAÇÕES

DA ETAPA

		H.	M.	S.
1.º	Cosme Oliveira (Porto)	4	07	18
2.º	Cust. Cristina (Tav.)		m. t.	
3.º	Leonel Miranda (Sp.)	4	09	56
4.º	Custód. Gomes (Porto)			
5.º	Pedro Moreira (Bf.)			
6.º	Sérgio Páscoa (Sp.) ...			
7.º	José Pacheco (Porto)			
8.º	Manuel Castro (Amb.)			
9.º	José Azevedo (Porto)			
10.º	Fernan. Mendes (Bf.)			
11.º	Augusto Cardoso (Bf.)			
12.º	Américo Silva (Bf.) ...			
13.os	Joaq. Agostinho (Sp.)			
	Mário Silva (Porto) ...			
	Joaquim Leão (Porto)			
	António Acursio (Bf.)			
	António Graça (Tav.)			
	Rog. Domingos (Tav.)			
	Joaq. Andrade (Sang.)			
	Vítor Rocha (Sp.)			
	Vítor Tenazinha (Sp.)			
	Mário Sá (Ambar)			
	Alb. Carvalho (F. C. P.			
	Emílio Dionísio (Spt.)			
	Manuel Luís (Bf.).....			
	Gab. Azevedo (F. C. P.)			
	Cel. Oliveira (Sang.)...			
	Daniel Vitorino (Bf.)...			
	Ant. Teixeira (Tav.)...			
	Van Dromme (Fl.) ...			
	Vald. Cardoso (Bf.) ...			
	João Fonseca (Sang.)			
	Fournière (Fl.)			
	Marc. Santos (Tav.)...			
	Norb. Duarte (Sang.)			
	Franc. Martins (Tav.)			
	Joaq. Barreto (Sang.)			
	Hemerykx (Fl.).....			
	F. Valada (Bf.)			
	F. Bernardino (Sp.) ...			
	José Vieira (Sp.)			
	Ant. Pereira (Sang.)...			
	Manuel Correia (Sp.)		m. t.	
44.º	José Nunes (Tav.) ...	4	15	42
45.º	Joaquim Leite (F. C. P.		m. t.	
46.º	Sousa Vieira (Ambar)	4	16	25

GERAL

		H.	M	S.
1.º	Américo Silva (Bf.)	49	51	53
2.º	J. Agostinho (Sp.) ...	49	52	50
3.º	Leonel Miranda (Sp.)	49	53	8
4.º	Mário Silva (F. C. P.)	49	54	16
5.º	J. Leão (F. C. P.) ...	49	56	22
6.º	F. Mendes (Bf.)	49	57	12
7.º	Pedro Moreira (Bf.)	49	56	26
8.º	António Acursio (Bf)	49	57	50
9.º	Sérgio Páscoa (Sp.)	49	58	25
10.º	António Graça (Tav.)	49	59	00
11.º	J. Azevedo (F.C.P.)	50	00	36
12.º	R. Domingos (Tav.)	50	03	38
13.º	J. Andrade (Sang.)	50	03	42
14.º	Vítor Rocha (Sp.) ...	50	06	35
15.º	Vít. Tenazinho (Sp.)	50	08	35
16.º	Mário Sá (F. C. P.)...	50	08	37
17.º	Manuel Correia (Sp.)	50	08	57
18.º	José Vieira (Sp.)	50	09	15
19.º	Aug. Cardoso (Bf.)...	50	09	33
20.º	A. Carvalho (F. C. P.)	50	10	03
21.º	Franc. Valada (Bf.)...	50	10	27
22.º	Emil. Dionísio (Sp.)	50	11	27
23.º	Manuel Luís (Bf.) ...	50	12	44
24.º	F. Bernardino (Sp.) ..	50	16	59
25.º	M. Castro (Ambar) ...	50	17	12
26.º	Gab. Azev. (F. C. P.)	50	20	56
27.º	C. Oliveira (F. C. P.)	50	22	06
28.º	C. Oliveira (Sang.)...	50	22	43
29.º	Daniel Vitorino (Bf.)	50	22	50
30.º	Ant. Teixeira (Tav.)	50	24	17
31.º	Van Dromme (Fl.) ...	50	24	52
32.º	L. Pacheco (F.C.P.)	50	27	57
33.º	V. Cardoso (Bf.)	50	28	32
34.º	J. Fonseca (Sang.) ...	50	36	00
35.º	Fournière (Flandria)	50	36	13
36.º	A. Gomes (F. C. P.)	50	39	35
37.º	J. M. Nunes (Tav.)	50	39	50
38.º	M. Santos (Tavira)	50	40	09
39.º	Hemeryckx (Fl.) ...	50	40	38
40.º	A. Cristina (Tav.) ...	50	43	43
41.º	N. Duarte (Sang.) ...	50	49	02
42.º	J. Leite (F. C. P.) ...	50	51	18
43.º	Sousa Vieira (Amb.)	50	53	06
44.º	F. Martins (Tavira)	50	53	29
45.º	Ant. Pereira (Sang.)	50	54	46
46.º	J. Barreto (Sang.) ...	51	00	50

M/6 anos

CAMPO PEQUENO

HOJE, ÀS 22 HORAS

Reaparecimento de mestre

JOÃO NÚNCIO

NA SUA PRIMEIRA CORRIDA DA ÉPOCA 1968

FREDERICO CUNHA

(QUE TOMA A ALTERNATIVA)

JOSÉ JÚLIO

MÁRIO COELHO

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

comandados por RHODES SÉRGIO

TOIROS DOS HERD.os DE D. DIOGO PASSANHA (Quinta de S. Pedro)

Telefs. 3 07 69 — 32 17 12 / 76 15 39 — 77 18 19

CURSO DE CORRESPONDENTES

PREPARAÇÃO PARA SECRETÁRIAS

Condições especiais para alunas com a secção de letras do 5.º ano ou Curso Geral de Comércio

ESCOLA LUSITANA DE COMÉRCIO

AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 2-2.º

TELEF. 41696

Boutique 10

SALDOS

RESTOS DE COLECÇÕES DE INVERNO-VERÃO

RUA SERPA PINTO, 14, 1.º

TELEFONE 32 08 43

RUA NOVA DE S. MAMEDE, 38

TELEFONE 67 30 77

VIAGEM AO ORIENTE

DE 4 A 26 DE OUTUBRO

(EM GRUPO)

DINAMARCA — TAILÂNDIA — FILIPINAS — JAPÃO — HONG-KONG — MACAU — MALÁSIA

POR OCASIÃO DE EXPOSIÇÕES DE:

ENGENHARIA — PLÁSTICOS

BRINQUEDOS — COMÉRCIO

PREÇO EXCEPCIONAL ..... 35.980$00

Incluindo alojamento em hoteis de 1.ª classe, em regime de meia pensão. — Excursões. Transfers. Viagem acompanhada por um Delegado da STAR.

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS:

LISBOA: Av. Sidónio Pais, 4-A — Telef. 539871

LISBOA: Praça dos Restauradores, 14 — Telef. 362501

LISBOA: Rua do Alecrim, 10 — Telef. 369503

e ainda: ESTORIL - PORTO - FARO - FUNCHAL - LUANDA

UTILIZE O CREDI-STAR

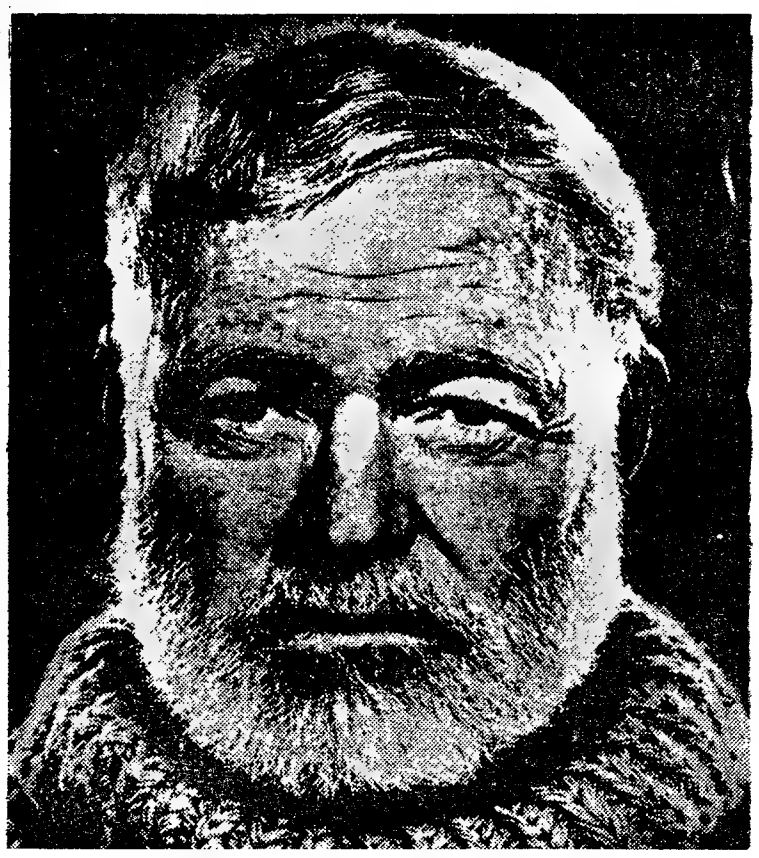
STAR TURISMO VIAGENS

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

SUPLEMENTO
Diario de Lisbôa
LITERÁRIO

Alex Viany
Claude Roy
Eduardo Prado Coelho
João Gaspar Simões
José-Augusto França
José Duarte
Júlio Moreira

N.º 525/22 DE AGOSTO DE 1968



Hemingway: a vida pela literatura

Hemingway: retrato de um homem

por João Gaspar Simões

NO PANORAMA de uma literatura em que o homem dia a dia se afunda mais no pântano livresco onde coaxam os romancistas como a rã da fábula faz bem, tonifica, convivermos com escritores que antes de mais nada são homens, gente de carne e osso. Eis o que me sucedeu agora que me veio às mãos a «personal memoir» dum dos mais jovens amigos do autor das *Neves do Kilimanjaro*, testemunha presencial dos derradeiros anos da existência desse gigante das letras norte-americanas a quem os familiares tratavam por *Papá Hemingway*. Infelizmente a versão portuguesa da obra é vítima de um mal que corrói a maioria das nossas traduções. Mal pagos, os tradutores nem são competentes nem rigorosos. Por experiência própria o sei, que não poucas vezes na minha trabalhosa vida de forçado das letras assinei traduções que me não honram por aí além. Em todo o caso, esta, a do livro de Hotchner, *Papá Hemingway*, obra sem dúvida alguma vertida do inglês — não sei se existirá alguma tradução francesa — a tal ponto se ressente da construção da frase original que em não poucos passos nem sequer se entende o texto.

Como quer que seja, e apesar de todos os senões da tradução, a obra, cujo original desconheço, proporciona-nos uma leitura apaixonante. Se já admirávamos a literatura desse escritor, espécie de força da natureza, em cuja obra se inspirou larga facção das letras europeias, particularmente francesas, na fase do existencialismo, trocando em miúdos filosóficos o capital vivido dos contos, dos romances e das novelas que constituíram a maior revelação da literatura mundial depois da primeira Grande Guerra agora é o homem que veneramos. O seu primeiro romance, *The Sun Also Rises*, data de 1926, embora o escritor haja participado ainda na segunda Grande Guerra como correspondente de uma revista americana — *Collier's* — e algumas das suas obras-primas tenham sido publicadas na década de 50, pouco antes de lhe ser atribuído o Prémio Nobel (1954).

Não é do escritor Hemingway que queremos falar, mas do homem Hemingway, para os íntimos «O Papá Hemingway», se porventura podemos falar daquele sem falarmos deste, tão identificada se encontra a obra do escritor com a sua vida, autêntica obra-prima de vitalidade, de força, de audácia, de comparticipação deliberada ou de engajamento nos maiores acontecimentos mundiais do século.

Quando vemos os literatos

(Continua na pág. 2)

Para que servem os escritores?

por Claude Roy

Claude Roy acaba de publicar na colecção «Idées» da editora Gallimard um ensaio a todos os títulos notável: «Defesa da Literatura». Nele, o arguto crítico e ensaista procura rebater quantos, no decorrer dos tempos, têm tentado minimizar o significado ético e a utilidade da criação literária.

Em exclusivo para Portugal, apresentamos alguns excertos do capítulo «Para que servem os escritores?»

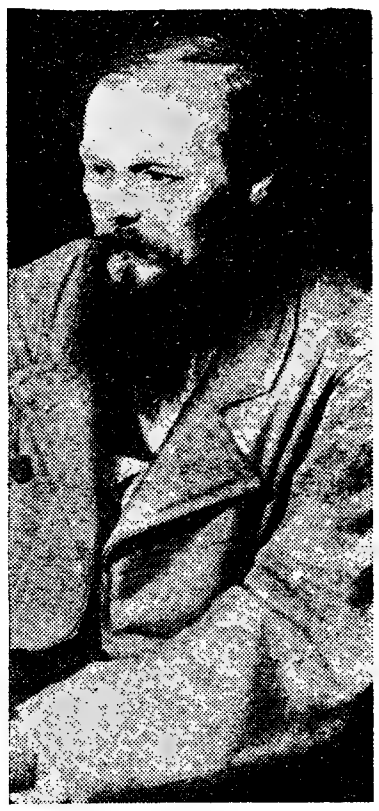
Se chamo escritor — definição vaga, sem dúvida, e perfeitamente subjectiva — àquele que escreve porque tem «necessidade» de escrever, quer seja amador ou profissional, àquele para quem o acto de escrever é simultâneamente um complemento de si próprio e uma tentativa necessária de se fazer ouvir e reconhecer; se deliberadamente deixo de lado aquele que «exerce a literatura» como exerceria a prostituição ou a actividade bancária — por tradição familiar, ânsia de ganhar dinheiro ou desejo de parecer mais do que é — não creio ser ele um escritor que não tenha posto a si próprio as questões levantadas pela inocência daquele inexperiente que pergunta: «Ah! Você escreve? E para que é que isso serve? Mas repare, se isso o diverte, porque não? Simplesmente eu acho que para ter essa ocupação é preciso ser um pouco «bizarro». É certo que, quanto menos o escritor exige da literatura, menos ele põe em causa estes problemas desagradáveis. Se se perguntar a um fabricante para que serve a sua mercadoria, ele responderá: «Serve para eu viver». O fabricante de grosseiros «vaudevilles» sabe que escreve para fazer rir por processos vulgares, e nós verificamos todos os dias que se ele não está absolutamente convencido de que é com bons sentimentos que se faz a má literatura, tem pelo menos a certeza de que é com a má literatura que se fazem os escritores felizes — refiro-me àqueles que a fazem (...)

Não creio que a inquietação que leva a considerar, mesmo fugidiamente, a ocupação de escrever como uma doença, a aparição de livros como a nascença de tumores e a criação literária como uma alienação, tenha alguma vez desencorajado verdadeiramente um escritor. Talvez pelo contrário. Efectivamente, quando se observa do exterior a história da literatura universal, tendo em consideração os que a fizeram, ou do interior, estudando o conteúdo das obras-primas, chega-se à conclusão que, se é com os grandalhões sãos de corpo e de espírito, com dois metros e tal de altura, com bons pés, bons olhos e bom estômago que se fazem os grandes exércitos, a situação é sensivelmente diferente para os escritores.

A literatura começa na Grécia, com Homero, que era cego, e na China com Chu Yuan, que devia ser um tanto nevrótico, dado que se suicidou. O primeiro grande poeta latino, Lucrécio, era por si só tão angustiado como Kierkegaard, impotente sublime; tão negro como Leopardi, corcunda prodigioso; tão desesperado como Baudelaire, paralítico de génio.

No grande hospital psiquiatro-somático da literatura francesa, Jacqueline Pascal diz-nos que seu irmão Blaise acumulava desde os vinte e quatro anos «uma dor de cabeça insuportável, um ardor nas entranhas e muitos outros males».

Jean-Jacques Rousseau inicia os seus dias «trazendo o germe duma incomodidade que os anos reforçaram, e que hoje só me dão alívio para me deixar sofrer de outra maneira». Hugo ouve vozes de noite e organiza sessões de espiritismo. Musset tem ataques e bebe. Nerval é doido e enforca-se. Flaubert tem alucinações. Maupassant morre no manicómio. Proust sofre de asma e



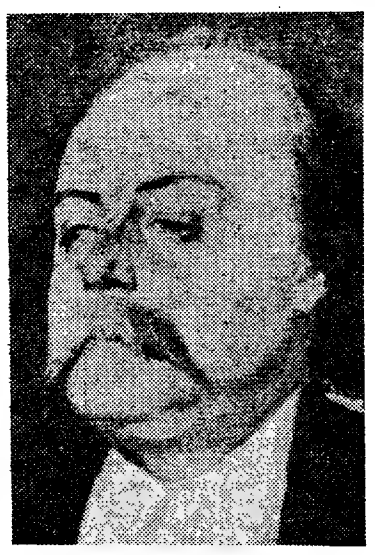
Dostoievsky — epiléptico

os que vivem bem e longamente, Corneille, Voltaire, Alexandre Dumas e Claudel, têm o ar de envergonhar o resto da classe, a maioria dos seus pares, das misérias dos seus corpos e das suas fraquezas de espírito. Swift e Blake surgem como doidos varridos aos seus contemporaneos. Byron, o coxo, tem relações equívocas com a irmã. Gogol morre doido e Dostoievsky nasce epiléptico. Kleist suicida-se. Holderlin e Nietzsche morrem doidos, igualmente.

Mas se as biografias dos grandes escritores exigem muito frequentemente, para serem completas, a colaboração do médico, do psiquiatra ou do médico-legista, um dos primeiros resultados da boa lite-

(Continua na 3.ª página)

Proust — asmático



Flaubert — alucinado

Hemingway

(Continuação da 1.ª página)

que se inspiraram no estilo explosivo do autor de *For Whom the Bell Tolls* discutir as exigências do alistamento em literatura e produzir romances onde há tudo que pressupõe esse *engagement* — a palavra criaram-na os franceses, como não podia deixar de ser — tudo, menos o que era mister haver numa obra verdadeiramente viva, sorrimos, pois, em verdade, o que ressalta das suas obras é aquilo que menos falta faz à autêntica literatura. Há nelas alistamento — ou seja, empenho em que triunfe a causa do homem num mundo em que o homem é laminado pela técnica — mas o que nelas não há é vida, sangue, nervos, experiência, força, sofrimento, amor, tudo quanto é preciso para que a literatura seja algo mais que literatura, mera produção livresca.

Não tendo querido assistir à entrega do Prémio Nobel, enviou Hemingway uma mensagem para ser lida em Estocolmo. E nela, esse homem tu cá tu lá com *boxeurs* e toureiros, pescadores e caçadores, marítimos e campesinos, todas as tardes mais ou menos bêbedo, não deixa passar em claro aquilo que foi, realmente, o alfa e o ómega da sua vida: a comunhão com o mundo enquanto homem e a solidão absoluta enquanto escritor.

«Escrever é na melhor das hipóteses uma vida solitária. É possível que as associações intelectuais mitiguem a solidão do escritor, mas não creio que lhe melhorem o estilo.» E continua: este «cresce em estrabalho deteriora-se. Escrever fá-lo ele a sós e, se for bom escritor, terá de encarar, dia a dia, ou a eternidade ou a falta de eternidade. Para o verdadeiro escritor, cada livro é como que um começo onde mais uma vez tenta alcançar algo para além do atingível. Há que tentar o que nunca foi feito ou o que outros tentaram sem o conseguirem.» E a concluir: «Um escritor deve exprimir o que tem a dizer e não dizer o que gostaria de exprimir».

Incapaz de trocar a vida pela literatura ou de viver livrescamente, quer pescasse espadartes no Golfo do México, quer caçasse leões na selva africana, quer bebesse aguardente de parceria com toureiros espanhóis, quer se batesse na Itália, na Espanha ou, na França, Hemingway nunca faria o que fazem muitos dos seus imitadores, que escrevem primeiro... e não sei se chegam a viver depois.

Alérgico a discursos e a reuniões intelectuais, preferindo o convívio dos homens do povo ou das profissões mais arriscadas à familiaridade com literatos, só muito rogado atendia jornalistas, dava entrevistas ou participava em colóquios intelectuais. Porém nas suas conversas com Hotchner diz quanto basta para compreendermos como ele vivia por dentro a criação literária e quão modesto se mostrava falando de si próprio. Ao perguntar-lhe um dia alguém como desenvolvera ele o seu estilo, o autor de *A Farewell to Arms* responde-lhe: «Ao tentar aproveitar tão completamente quanto possível as coisas como elas realmente são, encontrei muitas vezes dificuldades, o que me levava a escrever desajeitadamente. Ora a essa minha falta de jeito é que começaram a chamar o meu estilo.»

Não se pode ser ao mesmo tempo mais modesto e mais certeiro. Criador, por assim dizer, da literatura oral do nosso tempo — inspirando-se nele é que Sartre escreveria a série dos seus sofríveis romances *Les Chemins de la Liberté* —, eis que ele explica aquilo que foi uma das maiores contribuições para a revolução literária do nosso tempo por uma natural falta de jeito para apresentar as coisas tanto quanto possível como elas são. É que no estilo de Hemingway as coisas, isto é, a realidade, a vida, a experiência humana, sobrepõem-se a tudo o mais. Mas, ao contrário de tantos émulos seus, ele não vivia para escrever, escrevia porque vivia, embora a vida para ele não tivesse sentido se não pudesse escrever. Perguntando-lhe alguém qual a coisa que ele considerava mais sagrada na sua existência, respondeu, sem rodeios, que sua *portátil Smith Premier*...

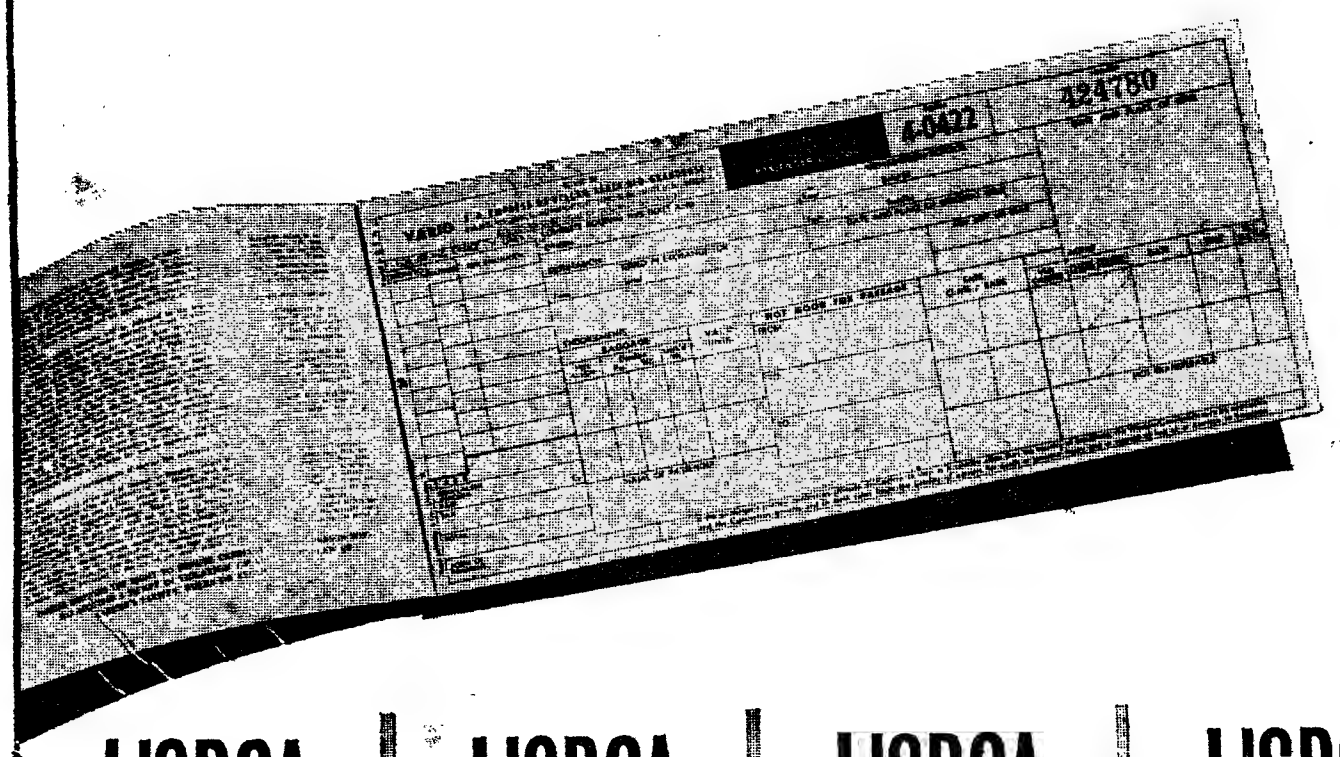
O retrato que se nos estampa diante após a leitura desta «*personal memoir*» do grande Ernest Hemingway recolhida por A. E. Hotchner reconcilia-nos com a literatura numa época em que as obras literárias estão a ser feitas não por homens, mas por literatos, não sobre realidades, mas sobre concepções intelectuais da realidade. E quando ouvimos o Papá Hemingway responder a um jornalista alemão com o azedume com que recebia jornalistas na última época da sua vida — após o desastre em Africa, que o deixaria desfeito por dentro, sentimo-lo inteiro nessa resposta ao mesmo tempo sarcástica e brutal.

«Quantas mulher já amou?» inquire o repórter indiscreto e perseverante. E Hemingway á queima-roupa: «Pretas ou brancas?» Sem se desconcertar, o alemão insiste: «Bem, quantas de cada?» E Hemingway, impenitente: «Dezassete pretas, catorze brancas.» Mas, não satisfeito, ainda, o jornalista volta à carga: «Quais prefere?» E a réplica não se fez esperar: «Brancas no Inverno, pretas no Verão.»

Hemingway tinha então cinquenta e oito anos, embriagava-se todas as tardes para atenuar as dores que lhe provocavam o fígado desfeito e os rins abalados. Mas só de tarde — que de manhã, entre as seis da madrugada e a uma hora da tarde, lá estava escrevendo de pé diante da sua *portátil Smith Premier*. Por mais interessante que seja a obra de um literato actual empenhado em explicar livrescamente o «esforço de criar», hoje em dia a «papa fina» da literatura essa obra comparada com a vida e a obra do Papá Hemingway — a vida de um homem e a obra de um homem — faz-nos lembrar a rã da fábula...

JOÃO GASPAR SIMÕES

COM O NOSSO
NOVO PLANO DE VIAGENS
o preço deste bilhete
depende de quem o utiliza



LISBOA
RIO
LISBOA
*13.874.10 (IT)
TARIFA NORMAL
*19.817.20

LISBOA
RIO
*7.822.90 (S/D)
TARIFA NORMAL
*10.433.90

LISBOA
RECIFE
LISBOA
*13.590.90 (E)
TARIFA NORMAL
*18.117.70

LISBOA
S. PAULO
*7.452.10 (EM)
TARIFA NORMAL
*10.727.50

*TAXAS INCLUÍDAS

CONSULTE-NOS JÁ PELO TELEFONE
53 91 81
OU PEÇA INFORMAÇÕES
AO SEU AGENTE HABITUAL

VARIG
Linhas Aéreas Brasileiras

McCANN

Jazz: Aceitação e modernidade

por José Duarte

Califórnia, 1921: Minor Hall, Honore Dutrey, King Oliver, Lil Hardin, David Jones, Johnny Dodds, Jimmy Palao

O SUCESSO do jazz é fértil em paradoxos. Até hoje não houve uma resposta concreta que explicasse a participação do jazz na modernidade.

Alguns dos seus cantos vêm de muito longe, do fundo dos tempos, como as melopeias negras africanas que Nina Simone redescobriu e cantou em Newport. Este africanismo musical exprime a imobilidade, e esta por sua vez a maneira de ser das sociedades fechadas dos povos congelados.

O jazz por vezes é como a música africana, dado o seu gosto pelo incitamento, pela repetição exaustiva, pela insistência de «riffs» (frases musicais curtas). Mas terá então a repetição lugar numa sociedade em constante transformação.

Seja qual for a resposta, o certo é que o jazz é dela adepto fervoroso, tal e qual como o é dos «blues», melhor, do ambiente dos «blues», ambiente que o jazz recria, ambiente onde o jazz mergulha e se banha, como o fazem os povos do Jordão e do Ganges, à semelhança do que fizeram os seus antepassados. A amizade pelos «blues» é uma outra forma desse apego ao passado que o ambiente e o momento histórico europeu deveriam lògicamente rejeitar.

Então como explicar o êxito do jazz, música que se diz tão estreitamente ligada à cultura mecanicista do século vinte, com os seus perfumes de África, os seus «blues» de intriga repetida, com as suas raízes populares, num mundo onde a música tem tendência em se afastar das massas, mesmo admitindo, com P. Boulez, que a música contemporânea antecipa os desejos secretos dessas mesmas massas?

Não só nas suas intenções latentes, mas também nas suas estruturas patentes, o jazz manifesta um certo arcaismo. No jazz o ritmo permanece relativamente estável, e aliás reside nesta pulsação constante uma parte da sua virtude. O cinema e o romance, por seu lado, revolucionaram o nosso sentido de duração, de ordem temporal, cronológica. O jazz mantém e reafirma um escoamento regular do tempo.

Baudelaire disse: «a regularidade e a simetria são necessidades primordiais do espírito». Claro que se enganava, embora a fórmula possa definir a tendência dos «jazzmen» contra a qual raramente lutaram e de maneira fugidia.

Tudo isto não nos deve fazer esquecer os traços que unem o jazz às estéticas contemporâneas. Seria absurdo negar que se o jazz muito deve a África, não deve menos à Europa e à harmonia que dela recebeu e que foi o fermento do seu progresso, o motor formal, que estreitamente ligado à pressão dos condicionalismos sociais e contràriamente às músicas de África e Ásia, o conduziu a mudar de aspecto, a deixar-se lembrar por influências, a seguir um itinerário, uma evolução orientada. Nas metamorfoses por que passou, no moderno da «aceleração hisem tão poucos anos, percebe-se a febre colectiva, o fenómetórica.»

O jazz moderno lembra as outras artes do seu tempo, pelo culto que devota ao acto de quebrar, despedaçar, sincopar. A poesia acabou com o discurso organizado, à ligação de formas Léger prefere o choque de contrastes e Cassou diz que o cubismo destruiu também a continuidade, nisto consistindo a sua novidade e assim concordando com o estado de espírito geral, próprio da nossa época. Ora Charlie Parker foi o apóstolo do descontínuo, tal como John Coltrane, seu continuador. Instauraram o regime da interrupção, da espera, da suspensão. O discurso parte-se, separa-se em períodos autónomos. Thelonious Monk, por seu lado, massacra as melodias. Há no jazz mais novo o que Breton queria: «deslumbramento, grito, êxtase».

O jazz, para alguns, chegou a assemelhar-se a uma técnica surrealista, com o uso da improvisação, uma escrita automática. Também cantava liberdade, com uma liberdade semelhante, talvez maior porque não se submetia á dependência das palavras, talvez menor, mais limitada, porque obrigada a obedecer a uma ordenação prèviamente dada.

Mas não só no jazz moderno existe esta espontaneidade, ela é uma constante da música negro-americana, de King Oliver a Pharaoh Sanders, de Bessie Smith a Aretha Franklin.

O jazz foi aceite na Europa talvez com falsas razões estéticas, talvez porque na altura a arte queria agitar, perturbar.

O jazz chocou porque vinha de longe, e os que vêm de longe parecem sempre um pouco selvagens. O cubismo, a arte negra, as «síncopes plásticas», tiveram os mesmos adeptos que o jazz, que além disso servia para danças e alimentava os espíritos mais abertos, adversários do etnocentrismo, que aceitavam, por princípio, o «diferente». O gosto do exótico era um gosto da época. Claude Lévi-Strauss «...amava apaixonadamente o jazz, aliás com um amor puramente musical, pois não tinha inclinação para a dança, embora lhe encontrasse uma frescura popular, e além disso, para o adolescente de 1925, os Estados Unidos eram um outro mundo...». Stravinsky, Ravel, Satie, confessavam o seu «apetite» pela música negra, Poulenc, Milhaud, Auric tocavam jazz (ou o que eles julgavam ser) no «Boeuf sur le toit». Sartre era um ouvinte fascinado.

Por volta de 1935, o jazz mudou: as grandes orquestras «elevaram-no à dignidade burguesa».

Por volta de 1945, o grande cisma, o jazz fez a sua revolução intelectual.

O pitoresco iria desaparecer do jazz, o qual se firmaria como a alma difusa da música actual, que os países de Leste toleram, a Índia admite, a Austrália e o Japão, sobretudo, admiram. Mesmo aqueles que não perceberam os mistérios do jazz, aceitam-no sem o conhecer, como se fosse o ar, o pão, o vinho deste século.

> «... jazz *com tudo o que tem*
> *de primário, de grotesco,*
> *de tendente à pura imbecilidade,*
> *avessa a qualquer ética, indiferente*
> *aos mais altos valores humanos,*
> *impermeabilizada à razão e à*
> *sensibilidade pela obcecação*
> *patológica do sensual...»*
>
> **JOÃO DE FREITAS BRANCO**
>
> (in «Aspectos musicais do problema da educação artística», Conferência, Primavera de 1957)

Miles Davis e Juliette Greco: fusão de duas culturas

Para que servem os escritores?

(Continuação da 1.ª página)

ratura é, talvez, o de nos ajudar a curar-nos da doença principal —, a de julgarmos que somos os únicos a ser como somos: os únicos a sentirmo-nos, de vez em quando, culpados de existir e estùpidamente triunfantes da existência; os únicos a não sermos *parecidos-com-os-outros*.

A pobre consolação da sabedoria popular, que nos dá palmadinhas nas costas quando tudo parece caminhar mal e nos diz: «Tens a mania que és só tu!», resume grosseira mas veridicamente um dos primeiros efeitos da literatura, que é o de nos afastar da ilusão de sermos os únicos no mundo, de sermos os únicos a não ser «naturais».

Não é natural escrever nem ler. Mas será natural existir?

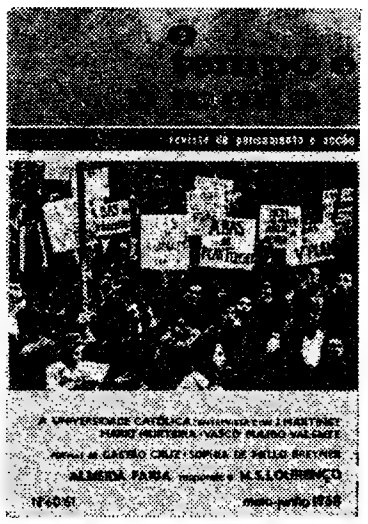
CLAUDE ROY

Claude! — longevidade

«O Tempo e o Modo»

O n.º 60/61 de «O Tempo e o Modo» inclui artigos de Mário Murteira (*Investigação Aplicada, Progresso Técnico e Industrialização: o Caso Português*), José Monteiro (*Universidade Católica em Portugal*), e Vasco Pulido Valente (*Estudos sobre Sidónio Paes: Comércio e Distribuição em 1918*); uma entrevista com André Martinet conduzida por José António Meireles e Eduardo Prado Coelho; a secção «Actualidade Crítica» foca a situação política da Checoslováquia, da Inglaterra e dos E. U. A.; as páginas dedicadas ás «Artes e Letras» surgem preenchidas com poemas de Gastão Cruz e J. Miguel Fernandes Jorge, um conto de L. F. Castanheira e comentários e notas de Almeida Faria e M. S. Lourenço sobre a tradução portuguesa do cap. I, 3 de «Finnegans's Wake» de James Joyce; na secção «Livros», M. Castro Henriques debruça-se sobre os *Écrits de Lacan*, José Bento dedica um estudo crítico á poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen e M. Gusmão critica os livros «Eros Frenético» e «Quadrada», respectivamente de Ana Hatherly e Salette Tavares; do mesmo M. Gusmão pode ler-se um estudo interpretativo da poesia de Armando da Silva Carvalho; o *Teatro* surge comentado por L. M. Cintra («Os Dias Felizes» e «O Comissário de Polícia»); no *Cinema*, Jorge da Silva Melo escreve «sobre um Polanski-Touch.»

«Notícias Breves» e «Correspondência» preenchem as restantes páginas desta revista de primeiro plano na actividade cultural portuguesa.



COLÓQUIO

REVISTA DE ARTES E LETRAS

TEXTO E ROTOGRAVURA A PRETO E A CORES

À VENDA O NÚMERO **48**

EDIÇÃO E PROPRIEDADE:

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Distribuidora: E. N. P. — *Av. da Liberdade, 266 — Lisboa 2*

Brasil: A hora e a vez do cinema novo

por Alex Viany

Ainda que, actualmente, menos de cinquenta filmes de longa metragem sejam produzidos anualmente no Brasil, há no país cerca de noventa directores em actividade — ou pelo menos *disponíveis* — e uns cinquenta mais que já fizeram filmes de curta metragem e estão, em muitos casos, prontos a passarem à produção de maior fôlego. Contudo, condições de trabalho particularmente difíceis puseram oito anos entre o primeiro e o segundo filme de Roberto Santos: *O Grande Momento* (1958) e *A Hora e Voz de Augusto Matraza* (1966). Glauber Rocha teve de esperar três anos entre o primeiro e o segundo filme: *Barravento* (1961) e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964); e mais de dois anos entre o segundo e o terceiro, *Terra em Transe* (1967). Em cerca de catorze anos como director de filmes de longa metragem, Nelson Pereira dos Santos conseguiu completar sómente sete obras: *Rio, 40 Graus* (1955), *Rio, Zona Norte* (1957), *Mandacaru Vermelho* (1961), *O Boca de Ouro* (1963), *Vidas Secas* (1963), *El Justicero* (1967) e *Fome de Amor* (1968). Note-se que, desse número, três foram filmes de encomenda: *O Boca de Ouro, El Justicero* e *Fome de Amor;* e um quarto, *Mandacaru Vermelho,* teve de ser improvisado ás pressas ao falhar a sua primeira tentativa de levar à tela o romance de Graciliano Ramos, *Vidas Sêcas.* Como se isso não bastasse, Nelson Pereira dos Santos teve de trabalhar, nos intervalos, como jornalista, realizando também diversos documentários de encomenda.

Aproximadamente quarenta dos directores de longa metragem *disponíveis* estão inextricàvelmente amarrados ao velho cinema, e quase 50% deles nada têm feito de apreciável nos últimos três anos ou mais. A esses podem ser somados uns vinte que se situam na fronteira entre o velho e o novo cinema. (Este escriba, como crítico e historiador, situa o director Alex Viany entre os fronteiriços). Um exemplo típico é o de Anselmo Duarte, que começou como galã em 1947 e fez o seu primeiro filme como director, *Absolutamente Certo* (1957), dentro do mesmo filão a que havia servido como actor nas despretensiosas comédias musicais da Atlântida. Seu *O Pagador de Promessas* vencedor da Palma de Ouro em Cannes (1962), é sem dúvida, um caso fronteiriço: ainda que baseado na famosa peça de Alfredo Dias Gomes, um dos mais modernos teatrólogos brasileiros, não deixava de apresentar alguns macetes rançosos que relembravam os tempos da produção hollywoodiana da Vera Cruz, onde teve seu momento de glória como um Zorro anti-esclavagista em *Sinhá Moça.* Anselmo Duarte tentou repetir seu sucesso de Cannes em *Vereda da Salvação* (1965); mas, desta feita, ainda que fazendo um esforço para elevar sua linguagem cinematográfica aos padrões modernos do Cinema Novo — com a ajuda do excelente fotógrafo argentino Ricardo Aranovich —, apenas conseguiu tornar claro que, tal como antes em relação ao tema da liberdade humana em *O Pagador de Promessas,* não tinha qualquer atitude crítica pessoal diante do problema do fanatismo religioso tratado por Jorge Andrade em sua peça original. Outro cineasta fronteiriço é Roberto Farias, que foi criado na *chanchada* e que fez seu primeiro filme sério, *Cidade Ameaçada,* em 1960. Seu sexto filme, *O Assalto ao Trem Pagador* (1962), colocou-o entre as melhores promessas do novo cinema; mas Farias não cumpriu a promessa em *Selva Trágica* (1964), retornando á comédia irresponsável com o sucesso comercial de *Toda a Donzela tem um pai que é uma fera* (1966); e, abandonando outros projectos mais promissores, ele agora volta a buscar um sucesso comercial fácil através de uma comédia musical estrelada pelo ídolo da juventude iê-iê, Roberto Carlos *(Roberto Carlos em ritmo de Aventura),* é o título deste filme).

Glauber Rocha

O cinema novo propriamente dito compreende até agora cêrca de trinta directores, a maioria dos quais ainda na casa dos vinte ou mal entrados na dos trintas anos e a maioria também com apenas um filme de longa metragem a seu crédito (Sérgio Bernardes Filho, Julio Bressane, Maurice Capovilla, Iberê Calvacanti, Eduardo Coutinho, António Carlos Fontoura, Gustavo Dahl Arnaldo Jabor, Maurício Gomes Leite, Paulo Bastos Martins, Flávio Migliaccio, David Neves, Sérgio Ricardo, Rogério Sganzuld, Paulo Gil Soares, Trigueirinho Neto, outros mais). Pouquíssimos são os que já fizeram dois filmes (Joaquim Pedro de Andrade, Carlos Diegues, Mário Fiorani, Ruy Guerra, Leon Hirszman, Walter Lima Jr., Domingos de Oliveira, Luís Sérgio Person), e sómente seis já fizeram mais de dois filmes (Miguel Borges, Roberto Santos e Paulo César Saraceni, 3; Roberto Pires e Glauber Rocha, 4; Nelson Pereira dos Santos, 7).

Cada ano tem trazido a revelação de importantes talentos novos: em 1961, Glauber Rocha *Barravento* e Paulo César Saraceni *Porto das Caixas);* em 1962, Ruy Guerra *Os Cafajestes* e Flávio Migliaccio *Os Mendigos;* em 1963, Sérgio Ricardo *Esse Mundo é Meu;* em 1964, Carlos Diegues *Ganga Zumba;* em 1965 Leon Hirszman *A Falecida,* Walter Lima Jr. *Menino de Engenho* e Luís Sérgio Person *São Paulo S/A;* em 1966, Joaquim Pedro de Andrade *O Padre e a Moça* e Arnaldo Jabor *Opinião Pública;* em 1967, Julio Bressane *Cara a Cara,* Maurice Capovilla *Bebel, Garota-Propaganda,* Domingos de Oliveira *Todas as Mulheres do Mundo* e Paulo Gil Soares *Proezas de Satanás na Vila de Leva e Traz;* em 1968, Gustavo Dahl *O Bravo Guerreiro,* António Carlos Fontoura *Copacabana me Engana,* Maurício Gomes Leite *A Vida Provisória* e David Neves *Em Memória de Helena.*

UM CINEMA BRASILEIRO

As primitivas influências do neorealismo italiano somaram-se as da *nouvelle vague* francesa, do novo cinema japonês, e ultimamente dos novos cinemas da Polónia e Checoslováquia, para não citar as do *cinéma-vérité* nas experiências documentárias de Joaquim Pedro de Andrade, Maurice Capovilla, Manuel Giménez, Leon Hirszman Arnaldo Jabôr, Sérgio Muniz, Nelson Pereira dos Santos, Geraldo Sarno, Paulo Gil Soares e outros. Mas, se influências como as de Antonioni, Buñuel, Godard, Kurosawa, Resnais, Rossellini e Visconti são assinaláveis em muitos dos filmes do cinema novo, torna-se cada vez mais evidente que o movimento vem adquirindo uma personalidade própria nos últimos três anos, aproximando-se de uma definição.

Urbanismo: Paisagens do futuro

por Gonçalo Ribeiro Telles

Prosseguimos hoje, com o artigo «Paisagens do Futuro», da autoria do engenheiro agrónomo e arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles, a publicação da série de trabalhos sobre Arquitectura e Urbanismo organizada pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, de colaboração com o «Diário de Lisboa».

- *Já publicados:*
  - — *«As Cidades em que Vivemos», pelo arquitecto Keil do Amaral* («Suplemento DL» 25-7-68).
  - — *«A Evolução da Cidade», pelo arquitecto Carlos S. Duarte* («Suplemento DL» 1-8-68).
  - — *«As Casas que se Costroem», pela arquitecta Luz Valente Pereira* («Suplemento DL» 8-8-68).
  - — *«O Valor da Paisagem», pelo engenheiro agrónomo e arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles* («Suplemento DL» 15-8-68).

1 — O estudo, ordenamento e protecção das paisagens, na sua multiplicidade de aspectos e objectivos, é no mundo moderno condição indispensável do progresso da Humanidade.

Os problemas paisagísticos podem ser classificados segundo dois aspectos:

a) Protecção e defesa das paisagens naturais e humanizadas que constituam património cultural, científico, social ou económico.

b) Criação e reconversão de Paisagens biològicamente equilibradas que garantam o progresso exigido pela actividade humana, tendo em atenção o interesse imediato e futuro da comunidade.

Nas duas alíneas citadas estão implícitas as ideias de «Protecção da Natureza» e «Presença da Natureza» cujos objectivos se alcançam tanto na «reserva» e no «parque nacional» como na cortina de protecção duma zona industrial, ou no espaço verde urbano. São aspectos diferentes duma mesma intenção. A «Protecção da Natureza» e a «Presença da Natureza» deverão processar-se em todo o território nacional não devendo existir áreas não qualificadas. Apenas a especialização de cada zona deverá definir a exclusividade e a intensidade da «Presença» e das medidas de protecção. A protecção de uma determinada espécie de ave por exemplo, tanto se poderá processar na «reserva integral» como nas cortinas verdes duma zona industrial bem defenida.

As paisagens naturais ou primitivas já, práticamente, não existem na Europa, salvo casos muito restritos, limitados e marginais. Onde existem, há que, após cuidadoso reconhecimento e delimitação, considerá-las «reservas integrais». A presença humana será aí exclusivamente para estudo e investigação. Terão que possuir um anel envolvente cuja regulamentação deverá permitir a criação duma almofada de gradual protecção à própria reserva. A cultura poderá aí praticar-se dentro de determinado condicionalismo.

Há paisagens humanizadas que pela sua concepção são autênticos monumentos, frutos do génio humano. Estão abrangidas nesta categoria paisagens magníficas como as do Douro, dos campos compartimentados do Minho, muitas do centro da Europa, etc...

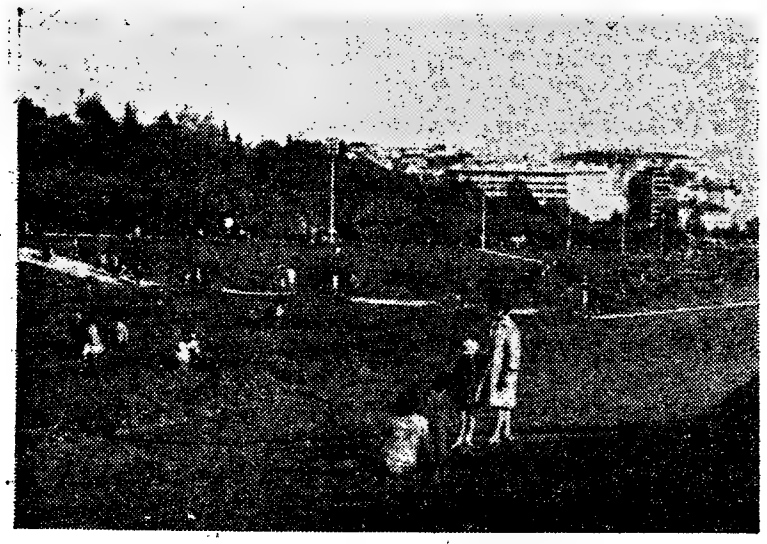
Noutras paisagens foi devido à acção indirecta do agricultor ou do pastor que surgiram valores estéticos de muito interesse. Incluem-se neste caso, os matos da Serra da Arrábida, consequência da pastorícia, que, a deixar de se realizar, provocará a evolução da actual paisagem para uma mata paraclimática e por conseguinte o desaparecimento de um dos mais belos aspectos da região.

Portanto, quando se pretende proteger determinada paisagem, terá que se conseguir que a acção e utilização pelo homem dessa paisagem esteja condicionada ao aspecto paisagístico ou concepção que se quer conservar e valorizar.

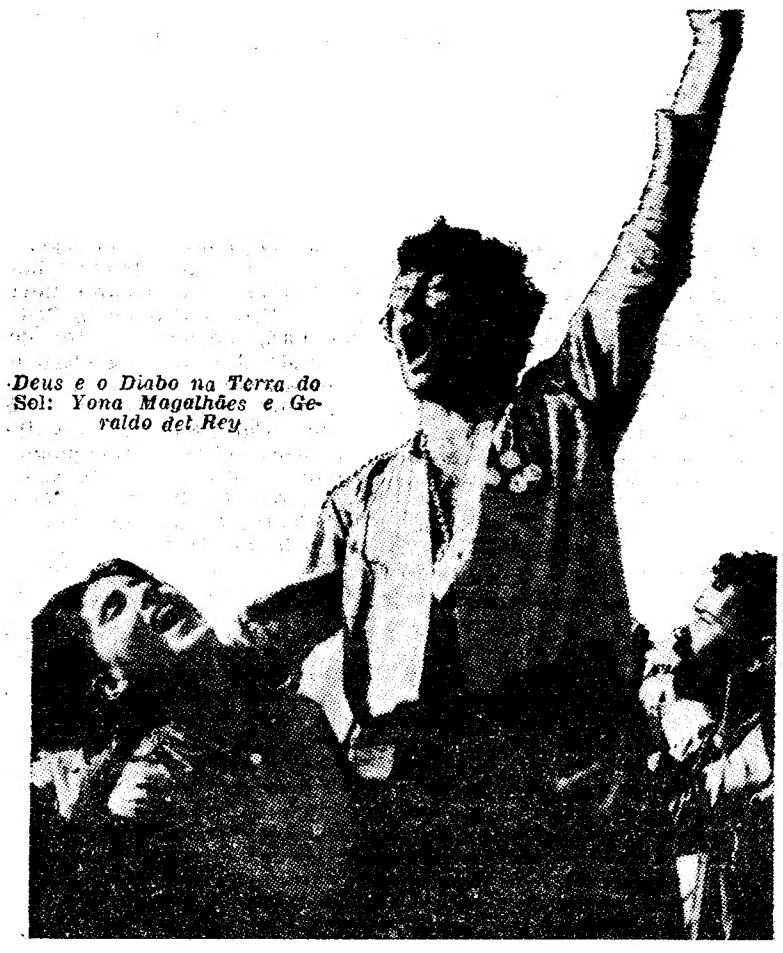
A protecção das paisagens rurais deverá considerar dois aspectos: — o do valor da paisagem em si como elemento de cultura, independentemente da sua localização, e o do seu valor intrínseco acrescido do interesse que lhe advém da proximidade dos grandes aglomerados urbanos.

Os estudos de protecção da paisagem rural, consistindo na apreciação e delimitação das áreas a proteger tendo em atenção a complexidade do seu valor estético, cultural, histórico, social, os condicionamentos e factores do seu quadro biológico e o sentido de evolução paisagística, são, dada a sua natureza e profundidade, muito morosos.

Por outro lado, a expansão urbana e as solicitações industriais processam-se rápida e continuamente, de maneira que só demarcando, imediatamente, através de estudos expeditos, as áreas que poderão vir a fazer parte do conjunto de paisagens naturais ou rurais a proteger, será possível obstar a uma autêntica catastrofe nacional que implicará a destruição de valores culturais



Parque Eduardo VII. O retalhamento do Parque Eduardo VII por uma ou duas vias de trânsito intenso de automóveis destrói o «espaço verde» mais central da cidade e a mais magnífica panorâmica de Lisboa



Deus e o Diabo na Terra do Sol: Yona Magalhães e Geraldo del Rey

Cinema social, cinema de autor, cinema sem estúdios, cinema barato, cinema de câmara na mão; tudo isso, e muito mais, tem sido suscitado como indispensável a essa definição. E, com poucos anos de vigência, o cinema novo já passa a ser uma influência, como se verifica nos concursos de filmes de amadores levados a efeito pelo «Jornal do Brasil» desde 1965. Sabe-se, por outro lado, que *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, e *Terra em Transe*, por exemplo, vem sendo estudados com enorme atenção pelos jovens cineastas da América Latina, em particular, e do Terceiro Mundo, em geral.

Escrevendo em 1961, Glauber Rocha dizia que «nós não queremos Eisenstein, Rossellini, Bergman, Fellini, Ford, ninguém; e acrescentava que «nosso cinema é novo porque o homem brasileiro é novo e a problemática do Brasil é nova, e nossa luz é nova e por isto nossos filmes já nascem diferentes dos cinemas da Europa». O cinema novo queria fazer *filmes de autor*, sustentava Glauber Rocha; filmes em que «o cineasta passa a ser um artista comprometido com os grandes problemas de seu tempo; queremos filmes para construir no Brasil um património cultural.»

Nessa busca da verdade bárbara, *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos, poderia ser visto como o coroamento máximo de um período de formação; e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, como a explosão inicial de uma segunda e mais árdua batalha. Entre os prenúncios desse segundo tempo, Gustavo Dahl destaca uma aproximação em relação á literatura e uma predominância de temas urbanos. «Sobre a velha oposição entre cinema urbano e cinema rural, acho evidente que, quando o cinema novo partiu para os primeiros filmes, foi encontrar-se, foi evoluir na área em que os problemas estavam mais radicalmente colocados, e onde, portanto, poderia evoluir mais fácil e eficientemente. Por isso, concentrou-se no Nordeste e na «favela».

Agora, adianta Dhal há uma necessidade de *abrir* «a problemática e ir buscar em outras regiões, outros ambientes, outras zonas sociais, o mesmo tipo de *approach* que se tem em relação ao Nordeste e á favela. Tenho a impressão de que o recurso às obras literárias vem de uma certa sensação de desprotegimento diante de uma outra temática, de uma temática mais complexa,

(Continua na 7.ª página)

insubstituiveis, de solos férteis e de elementos essenciais do equilíbrio paisagístico.

Um problema há, que devendo ser incluido no âmbito da Protecção, é uma das bases essenciais do planeamento e da estruturação paisagistica. Trata-se do problema da protecção e delimitação dos solos de elevada potencialidade agrícola.

No Mundo, e em especial na Europa, os solos daquela categoria não são tão extensos que possam ser considerados como bens a desbaratar.

«Em Portugal, a percentagem de solos de bom interesse económico, não passa dos 22,1% do total, da área cultivada e mais de metade desta percentagem situa-se no distrito de Lisboa, justamente aquele que apresenta maior pressão urbana.

Na realidade, pelos meios técnicos sucessivamente mais poderosos postos à disposição do construtor, uma actuação não pensada ou mal pensada vai sendo cada vez mais grave em todas as suas implicações, podendo destruir-se, em curto espaço de tempo, o que em muitos casos é insubstituivel». (E. Fontes: — «Novas relações entre a cidade e a paisagem»).

A impossibilidade de obter em agricultura um lucro tão avultado e com tão pouco esforço, como o obtido pelas vendas sucessivas dos terrenos, conduziu a que cada vez maiores áreas de terras de elevada potencialidade agrícola sejam desviadas da sua aptidão e destinadas à construção urbana e industrial. Este facto verifica-se apesar dessas terras serem indispensáveis para o presente e futuro da colectividade e portanto do próprio desenvolvimento urbano e industrial.

São nesses solos que se obtêm maiores produções dos produtos alimentares primordiais tais como: leite, legumes, carne, etc., indispensáveis para o desenvolvimento da própria cidade.

Por outro lado, quando abrangidos pelo crescimento da urbe, é neles que se conseguem obter espaços verdes mais pujantes com menor custo, maior rapidez de crescimento, melhor resposta à utilização pelas pessoas, e ainda, mais económica e fácil conservação.

Na região de Lisboa, por exemplo, apesar da existência do plano regional, e de ordenamento paisagístico (Loures) nada consegue obstar a que se verifique continuadamente a destruição dessas terras indispensáveis para a alimentação e o recreio da população.

A campina de Loures está a ser destruída pela indústria e pela expansão urbana comprometendo-se o abastecimento da cidade e a sua estrutura regional. Nas melhores terras do Ribatejo erguem-se vastas fábricas de montagem de automóveis que poderiam desviar-se para áreas mais adequadas não comprometendo o nível de produção agrícola do país.

Também algumas regiões do país estão a ser invadidas pela implantação indiscriminada de eucaliptais, fomentada pela indústria de celulose. A generalização destas plantações virá a degradar muitos solos e a comprometer o futuro de muitas paisagens do país.

Muitos outros aspectos de protecção ficarão por referir: a defesa paisagística da costa marítima, das margens fluviais, das linhas de água, etc...

Este último aspecto é muito importante. Por todo o país, julga-se que sanear um ribeiro é, depois de o poluir com águas negras, canalizá-lo, provocando problemas de drenagem, e destruindo um dos mais belos e eficazes elementos biológicos duma paisagem.

Há bem pouco tempo a região de Lisboa sentiu dolorosamente os efeitos de possuir uma paisagem em que os cursos de águas e os respectivos leitos de cheia e margens estarão degradados. Apesar do que se escreveu antes e após a catastrofe a destruição das linhas de água, a ocupação dos leitos de cheia, a canalização dos cursos, etc., continua a processar-se ràpidamente. Por exemplo a ribeira que atravessa o Cacém está a ser destruída devido à construção de blocos habitacionais.

Um dos mais graves erros urbanísticos cometidos em Lisboa foi a destruição da Ribeira de Benfica e a ocupação por habitações do extenso vale. Uma zona que poderia ser das mais aptas áreas para «espaço verde de recreios transformou-se no mais insalubre e impróprio bairro da capital.

(Continua na 6.ª página)

A volta de Rimbaud

por Júlio Moreira

QUANDO Rimbaud desceu até nós uma estrela iluminou-se no céu, e começando a deslocar-se guia-nos ao longo de um caminho cujo fim (por que havemos admitir um fim para cada caminho!) ignoramos ainda.

Tudo isto se passa no interior de nós próprios e tem uma existência secreta. O tempo da acção é o da adolescência — ou então seria já tarde para o prodígio. Daí que o leitor que não tenha sido tocado a tempo pelo prodígio não possa encontrar-lhe significado se não num plano de cultura —falso, evidentemente.

(O homem de cultura está tão longe do artista como o historiador do homem de acção. — Dubuffet).

Digamos pois que esta viagem, uma vez iniciada num tempo de juventude, prossegue indefinidamente, tão real e tão verdadeira como qualquer cruzeiro pelo Mediterrâneo em que a estrela perseguida (através do seu reflexo na água e da sua carícia na pele) é a mais próxima e uma das mais pequenas estrelas conhecidas: o Sol.

Se o tempo de acção é a adolescência (e a sua perpetuação como tempo de acção), o espaço onde se define a acção (caminhar em direcção a uma estrela ou um objecto estelar) começa por ser emocional.

Quero dizer: caminhar sobre e através de tecidos vivos, paisagens viscerais, num tempo que é sobretudo a negação da medida do tempo.

Eventualmente ignoramos Rimbaud; eventualmente a descida e revelação terá sido outra, um simples gesto quotidiano assumido mais profundamente ou a ruptura da bolsa de águas.

O que importa é que uma vez a caminho materializamos a recusa do tempo e acabamos por nos encontrar sobre os mesmos percursos entre paisagens (viscerais) comuns.

Rimbaud — a sempiterna viagem de Orfeu

Assaz visto. A visão encontrou-se em todos os espaços. / Assaz possuído. Rumores das cidades, à noite, e ao sol, e sempre. / Assaz conhecido. As paragens da vida — Oh Rumores e Visões! / Partida na sensibilidade e nos ruídos novos.

(Rimbaud, «Poèmes en Prose)

«ARTHUR! COME BACK ARTHUR!»

Ah! o encanto das palavras tantas vezes repetidas... / — Mas como está diferente, a antiga casa!

(«Les Etrennes des Orphelins», IV, primeiros versos).

Aos doze anos, Rimbaud descobre nos *quartos cheios de sombras* o mistério das vozes, a ambiguidade das palavras, a instabilidade dos espaços e a primeira evasão concebível, o sonho:

Um sonho tão feliz que os lábios semicerrados, / Num sorriso, parecem murmurar qualquer coisa.

(«Les Etrennes des Orphelins»)

A inquietação dos lugares e a ambiguidade das palavras viriam a abrir-lhe o caminho das visões, a via oposta ao sonho do principio (a visão, afirmo que é o reverso do sonho, a recuperação da liberdade onírica, do outro lado da vigília).

Ao descer o curso das vias impossíveis, / Senti não ser levado já pelos sirgadores.

(Rimbaud «Bateau Ivre»)

Ao escrever o «Bateau Ivre», a «Nave Louca», que não devemos confundir, por ser diferente, com as «Naves dos Loucos», Rimbaud tinha 17 anos.

Interessa a idade em que se escrevem as coisas? Não. Mas pode interessar medir o tempo que vai da evasão do sonho das Etrennes» à *partida* final para a aventuda anónima. Dois anos depois, em 1873, Rimbaud queima os exemplares que pode da edição recente de «Une saison en enfer», e parte: *assaz visto, assaz possuído, assaz conhecido.*

Haverá noutros países e noutras formas de os habitar uma *sensibilidade e um rumor diferentes?*

Volta Arthur! *Rumores e Visões* é aqui que temos de os procurar.

REQUIEM POR RIMBAUD

Poderemos nós recusar-nos uma vida e assumir outra?

Dúvida absurda, evidentemente, defensável apenas nos baixos níveis em que a literatura se prostitui.

Rimbaud ao queimar a sua experiência de Orfeu («Une saison en Enfer») era uma verdadeira descida aos infernos que o chamava.

Em 1873, como hoje, não faltavam infernos abertos, ávidos cheios de intensa actividade do fogo e das expiações gratuitas.

Esses infernos todos os sentimos, ou podemos sentir por um acréscimo de atenção.

(Simultâneamente com os actos sucessivos de pensar, escrever, compor, corrigir, imprimir, ler, podemos relancear as visões dos infernos.

Passado o estímulo a visão desvanece-se. Fogo e expiação permanecem, porém, o fundo unico em que se projectam os

(Continua na 6.ª página)

Paisagens do futuro

(Continuação da 5.ª página)

2 — Na paisagem urbana, a presença da Natureza é indispensável. O factor biológico, que caracteriza as paisagens rurais, tem também de estar presente na paisagem urbana dos dias de hoje.

Quando a cidade era uma fase dispersa na fase continua, que era o mundo rural, as dimensões do aglomerado urbano permitiam um contacto intimo entre este e o «campo». Hoje, a urbe tende a ser considerada como uma fase contínua e por isso a Natureza tem que estar presente na estrutura urbana como elemento essencial.

A explosão urbana que caracteriza a nossa época criou problemas novos duma extensão e profundidade que atingiram, quer no seu complexo físico quer mental, a sanidade da sociedade urbana.

Aos espaços verdes urbanos vai-se exigir resoluções das seguintes necessidades:

1 — Uma atmosfera sã e tão confortável quanto possível.
2 — Contacto frequente com as forças vivas da Natureza.
3 — Prática de exercícios físicos em atmosfera sã.
4 — Repouso físico e mental.
5 — Ordem e beleza nos ambientes em que se vive.

Por elas se verifica a importância que lhes cabe no planeamento da cidade actual e na criação da paisagem urbana.

O espaço verde deve ocupar duma forma contínua os vales e as alturas conseguido-se desta forma zonas de recreio nas áreas mais impróprias para a construção de edifícios de habitação e protecção dos ventos e da poluição atmosférica em áreas climatéricamente desfavoráveis.

Na cidade há, portanto, que proteger todos os espaços verdes viáveis existentes, e reservar todos os espaços livres que se possam transformar em «pulmões». A área verde na cidade antiga deverá crescer e não diminuir o que só se consegue pela defesa intransigente dos jardins e parques, tanto públicos como privados e transformando pela vegetação os espaços livres e abertos em que se justificar tal medida.

Julga-se fundamental para Lisboa a criação de dois espaços verdes dum e outro lado do vale da Avenida da Liberdade que juntamente com o Parque Eduardo VII (salvo do seu retalhamento) e o Castelo de S. Jorge, constituiriam os elementos essenciais da estruturação verde do coração da cidade e espaços fundamentais para o recreio e bem-estar da população. Por outro lado seriam factores importantes no combate à crescente poluição da atmosfera urbana.

Em Lisboa, infelizmente, as áreas verdes das zonas mais antigas da cidade estão a diminuir. Quase todos os dias se verifica o desaparecimento de jardins e quintais privados. O Parque Eduardo VII, único «parque central» de Lisboa está ameaçado.

Este jardim público, com cerca de 30 ha é utilizado pela população duma grande área da cidade como pulmão, recreio de adultos e crianças. Situa-se numa posição dominante em relação à parte baixa da cidade sendo elemento indispensável na protecção dos ventos dominantes e no combate à poluição atmosférica. Do alto do Parque aprecia-se o mais magnífico panorama de Lisboa e do Tejo.

A existência de espaços verdes urbanos é hoje tão vital para a cidade como a circulação e o estacionamento. Os espaços verdes, como se sabe, são indispensáveis à saude física e mental das populações urbanas.

Ninguém, com conhecimento dos problemas do urbanismo, pode, conscientemente, defender o principio de desintegrar uma área verde de 30 ha, a maior no centro da cidade e a segunda após Monsanto, a fim de resolver discutíveis problemas de trânsito e circulação que teriam outras soluções possiveis, ou iludir-se com critérios de falsa monumentalidade. Parece portanto, que o problema da Avenida através do Parque é mais uma imposição no Plano Directivo de Lisboa que uma consequência da estruturação e desenvolvimento do respectivo estudo. De resto ainda nenhum técnico se pronunciou livremente a favor de tal empreendimento.

As panorâmicas, imagem do valor estético, cultural, sentimental e humano, da paisagem são, quando belas, espelhos da obra comum do Homem e da Natureza.

O homem procura o belo e há-de rodear-se dele para viver em beleza. Há que, portanto, defender as panorâmicas mais características e considerar a paisagem a proteger ou criar, qualquer que seja a sua função, como obra a poder e dever ser admirada e como bem a transmitir às gerações futuras.

Em Lisboa, cidade por excelência de pontos de vista e miradouros, em que a Natureza e o obra do homem se harmonizam em conjuntos de rara beleza, não se atende ao valor dos panoramas.

O prolongamento da Avenida, comprometerá, como já frisámos, o panorama do alto do Parque.

Por detrás dos Jerónimos surgiu um incongruente casario, sem estrutura nem escala, que amesquinha o Mosteiro. O triângulo histórico, Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém, Capela de S. Jerónimo, está sempre afectado na sua grandeza e unidade.

O Alto dos Sete Moinhos, primeiro local onde, segundo parece, se fixou o homem na região de Lisboa, situado sobre a magnifica falha geológica que do aldo nascente limita o vale de Alcântara, encontra-se degradado não só pelas constantes obras que corroem a referida falha como pelo ridículo aspecto a «Las Vegas» com que se coroaram os característicos moinhos.

Muitos outros panoramas de Lisboa estão em perigo: Encosta do Castelo, da Graça, encostas do Alto da Cotovia e Torel, etc. Um regulamento obsoleto de edificação urbana, a constante subida em altura dos edifícios que crescem indiferentemente à sua posição na cidade, a falta de escudos para a defesa e valorização das panorâmicas e uma ideia falsa sobre aquilo em que reside a monumentalidade e grandeza de Lisboa são as principais causas que corroem a paisagem da cidade.

O crescimento das cidades, em especial de Lisboa e arredores, tem vindo a processar-se com um desconhecimento total das funções e constituição do espaço verde.

Os bairros de Lisboa e os periféricos crescem em quarteirões. Onde não é possivel colocar mais edificios, constroem-se canteiros de flores e relva que para nada servem.

A paisagem urbana dos nossos dias deverá ter bem patente aquela teia de penetrações, pulmões e envolventes constituídas pelos espaços verdes que, paralelamente à compartimentação da mata na paisagem rural, vivifica todo o corpo da cidade e garante a indispensável presença da Natureza.

3 — A presença da Natureza nas zonas industriais, onde o artificialismo é frisante, é indispensável para humanizar o ambiente de trabalho, favorecer o bem-estar do operário, absorver poeiras e, portanto, proteger homens e máquinas. Há que aí construir uma paisagem viável.

O actual conceito de «fábrica-verde» vem ajudar à construção duma paisagem industrial em que a vegetação esteja presente como elemento essencial não apenas como mero sabor de embelezamento e cartaz.

Uma estrutura de protecção verde, idêntica à paisagem urbana, deverá surgir na paisagem industrial, devendo o seu estudo ser objectivo fundamental do planeamento a nivel regional e parte integrante dos projectos dos conjuntos fabris.

A recuperação paisagística das áreas degradadas pelas explorações de pedra, minério ou areia, a fim de sarar e conseguir utilidade para feridas que atingem por vezes imensas áreas, é também uma importante medida indispensável nos dias de hoje.

O revestimento e tratamento de depósitos de escórias é outro aspecto da mesma reconversão da paisagem que muito em breve terá de ser encarado entre nós.

4 — A nova paisagem rural terá de assegurar a manutenção e o aumento de fundo de fertilidade do espaço agrícola e florestal e obstar à sua degradação.

A paisagem humanizada é, em todas as épocas, o espelho da sociedade que a modela para seu interesse e benefício. Por este motivo, ela terá que se adaptar às necessidades da humanidade continuando a ser uma criação do génio humano.

A paisagem rural terá que manter os equilíbrios biológicos e acertos ecológicos determinados pelas leis naturais.

A presença da mata, e um dos factores indispensáveis aqueles equilíbrios. Esta presença deverá ser feita através da compartimentação de toda a paisagem rural promovendo-se assim na protecção da fauna e flora, abrigando do vento, criando microclimas apropriados, protegendo os solos da erosão, valorizando e defendendo nascentes.

Será como que uma imensa teia assente sobre campos de cultura como que um sistema arterial vivificador de todo o conjunto.

A mata paraclimática deverá essencialmente constituir essa teia.

Não se poderá sem graves inconvenientes sociais transformar uma paisagem fortemente humanizada numa floresta, criando-se um autêntico deserto humano, mas pode conciliar-se, numa escala apropriada, a clareira cultivada e a mata de compartimentação. Esta deverá estar presente em todas as paisagens mas não constituir o revestimento exclusivo das regiões.

A função da floresta é quase sempre de protecção e de produção e não se poderá obliterar o primeiro aspecto à custa do segundo.

Procurámos dar uma ideia, se bem que pálida e rápida, da importância dos problemas da paisagem do mundo moderno. Urge tomar consciência destes problemas a fim de utilizar a experiência já conseguida em países de mais rápida evolução e salvar a ameaçada paisagem portuguesa quer protegendo os aspectos válidos, quer criando paisagens novas que sirvam a comunidade no campo do espírito, da cultura e do progresso material.

GONÇALO RIBEIRO TELLES

Esquema de uma estrutura verde em Lisboa

O esquema apresentado não poderá já integralmente efectivar-se, como se compreende, mas é ainda uma proposta válida para o desenvolvimento equilibrado da cidade. Tem como ponto de partida estudos realizados no extinto Gabinete de Estudos de Urbanização da C. M. de Lisboa.

1 — *Parque Eduardo VII.*

2 — *Parque poente.* Constituído pelos actuais Jardim Botânico, Jardim do Príncipe Real, Jardim de S. Pedro de Alcantara, Praça da Alegria e ainda pelo Parque Mayer, e jardins da encosta de S. Pedro de Alcantara.

3 — *Parque nascente* — Constituido pelo jardim do Torel e jardins abandonados da respectiva encosta, Campo de Santana (uma vez completamente remodelado), espaços livres da Academia Militar, Jardim Constantino, conjunto ainda com fácil comunicação com outra mancha constituída pelo Jardim da Praça José Fontana e terrenos do antigo matadouro e mercado.

4 — *Castelo de S. Jorge e Praça da Figueira* — Ligação por teleférico.

5 — Conjunto histórico englobando o Jardim da Torre de Belém, Praça do Império e Praça de Afonso de Albuquerque arranjos envolventes dos Jerónimos e Palácio Nacional de Belém e capela de S. Jerónimo.

6 e 7 — *Matas de protecção e recreio,* Parque de Monsanto, prolongado até ao alto do Parque Eduardo VII, Mata de Alvalade e Mata Nascente. Matas envolventes de Lisboa nas encostas panoramicas que limitam naturalmente a cidade a Norte.

8 — *Cidade Universitária e Campo Grande* — O Campo Grande deverá constituir um todo com a Cidade Universitária não sendo atravessado por grandes linhas de trânsito.

9 — *Vale de Alcantara.* Arborização intensiva 10-11-12 e 13 — *Vales indispensáveis na estrutura da cidade.* Nenhum deles está considerado como tal e o seu desaparecimento provocará graves inconvenientes na criação duma estrutura verde de Lisboa válida e económica e na drenagem das águas. A canalização de parte do vale dos Olivais já provocou abatimentos numa via recentemente construída.

14 e 15 — *Vale de Algés e restos ainda não destruídos do Vale de Benfica.*

16 — Entre o Campo Grande e os Restauradores seria conveniente considerar um cómodo trajecto de peões protegido dos automóveis e com prioridade nos atravessamentos. Apoiava-se este trajecto em diversos jardins, uns ainda existentes outros já desaparecidos ou em vias de desaparecer.

EDUARDO LOURENÇO

Um dos nossos ensaístas mais lúcidos e importantes acaba de publicar

SENTIDO E FORMA DA POESIA NEO-REALISTA

onde se analisa em termos de crítica polémica uma das fases mais discutidas da literatura portuguesa

ensaios originais sobre CARLOS DE OLIVEIRA JOAQUIM NAMORADO JOÃO JOSÉ COCHOFEL

Col. «Poesia e Ensaios» / 40$00

EDITORA ULISSEIA

A volta de Rimbaud

(Continuação da 5.ª página)

nossos gestos, em contraluz).

Rimbaud terá sentido bruscamente (talvez pelo disparo de Verlaine e a visão próxima da morte-companheira-de-cada-instante) que nenhuma *visão* era bastante nitida nem forte para se medir com os factos, com a dimensão limite do quotidiano reavivado pela desmistificação até à experiência directa.

Rimbaud ao queimar (simbòlicamente) a sua obra poética não recusava uma vida para procurar outra; Rimbaud que transcendera o real como visionário queria transcender a visão como manipulador do real.

Ter ao menos um filho que eu passaria o resto da vida a educar à minha vontade, a ornar e armar com a instrução mais completa que for possível nesta época, e que eu vejo tornar-se um engenheiro de renome, um homem poderoso e rico pela ciência...

(Duma carta de Rimbaud à mãe, escrita em Harar e datada de 6 de Maio de 1883).

Rimbaud não morreu ao amputar-se (voluntàriamente) a poesia em 1873 (esta data tem sido discutida mas ignoramos o valor da precisão, nesta matéria), Rimbaud morreu — depois de ter vivido como traficante, colonizador, engenheiro, botânico, erudito, comerciante—num hospital de Marselha em 1891, depois da amputação (não voluntária) duma perna.

OH! RUMORES E VISÕES

Rumores das cidades, à noite, e ao Sol, e sempre, que o levaram a percorrer a terra (Batávia, Chipre, Estocolmo, Ogadir e Bruxelas, Tadjourah...) num plano de realidade situado já do outro lado das visões (*Também como, da minha janela, vejo os novos espectos deslizando através do espesso e eterno fumo do carvão — nessa sombra dos bosques, nessa noite de Verão!* — Ville, Les illuminations), são *Rumores e Visões* que nos conduzem hoje através dum caminho cujo fim ignoramos ainda, talvez mas do qual temos já uma visão clara.

Rimbaud com uma perna amputada, vendedor de escravos, traficante de drogas, desertor, perde-se na anedota, na iconografia dos maus desenhadores de todas as épocas e paragens (as ilustrações são de Dalahaye e datam de 1876); esse Rimbaud da avidez do real, Orfeu do quotidiano, está já contido nas visões comunicadas do adolescente.

E' esse menino-poeta que desce até nós e nos guia através dos *Rumores* das cidades de hoje e das *Visões* sem tempo mensurável, a caminho das paisagens onde sabemos que um dia a vida terá a dimensão suficiente para não ser procurada.

JULIO MOREIRA

Cinema brasileiro

(Continuação da 5.ª página)

qual seria a temática urbana, a temática da burguesia, a temática da classe média, a temática da *inteligênzia*.»

Contudo, os filmes mais representativos desse filão — como *O Desafio*, de Paulo César Saraceni, e *São Paulo S/A* — partiram de ideias originais de seus respectivos autores. Assim, também, o primeiro longa-metragem do próprio Gustavo Dahl, *O Bravo Guerreiro*. Por fim, quatro ou cinco roteiristas (argumentistas) trabalharam em *Garota de Ipanema*, de Leon Hirszman, que talvez seja o filme mais típico das preocupações do cinema novo nesse sentido, já que tenta desmistificar certos mitos através da utilização desses mesmos mitos.

Tendo conquistado uma jovem plateia intelectualizada, particularmente entre os universitários dos grandes centros urbanos, o cinema novo pretende agora ampliar seu campo de acção e seu mercado interno, numa dupla ofensiva em que se confundem interesses culturais e comerciais. *Todas as Mulheres do Mundo*, um grande êxito comercial, abriu caminho para a experiência de *Garota de Ipanema*.

É na verdade que o cinema novo não conseguiu ainda revelar e manter nomes de bilheteira que se comparem aos de Oscarito e Grade Otelo nos áureos tempos da *chanchada*. Mas Norma Bênguel já é internacional e já atrai muita gente aos cinemas. Leila Diniz *Todas as Mulheres do Mundo*, Isabela *O Desafio*, Helena Inês *O Padre e a Moça*, Ioná Magalhães *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, Fernanda Montenegro *A Falecida*, Maria Ribeiro *Vidas Secas*, Anecy Rocha *A Grande Cidade*, Glauce Rocha *Terra em Transe* e Eva Wilma *São Paulo S/A* são indubitàvelmente merecedores de todo o respeito; e a elas, a curto prazo, poderão juntar-se Iris Bruzzi *As Cariocas*, Leina Krespi *Amor e Desamor*, Márcia Rodrigues *Garota de Ipanema*, Irene Stefânia *Fome de Amor* e outras mais. Entre os actores, Paulo Autran *Terra em Transe*, Valmor Chagas *São Paulo S/A*, Arduíno Colassanti *El Justicero*, Geraldo del Rey *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, Reginaldo Farias *ABC do Amor*, Eliezer Gomes *O Assalto ao Trem Pagador*, Átila Iório *Vidas Secas*, Jardel Jércolis Filho *Terra em Transe*, José Lewgoy *Terra em Transe*, António Pitanga *A Grande Cidade*, Paulo José de Sousa *Todas as Mulheres do Mundo*, Maurício do Vale *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e Leonardo Vilar *O Pagador de Promessas* vêm conquistando crítica e público.

Por enquanto, sendo um cinema de autor, o cinema novo é um cinema de directores, que, em sua busca de uma linguagem moderna, dependem mais dos directores de fotografia do que dos actores. E, de facto, impossível é imaginar o fabuloso avanço do movimento sem as extraordinárias contribuições de fotógrafos como Ricardo Aranovich, Luís Carlos Barreto, Afonso Beato, Mário Carneiro, Fernando Duarte, Valdemar Lima, Dib Lutfi, José Rosa, Hélio Silva e tantos mais.

No futuro imediato, a produção brasileira de filmes tende a crescer consideràvelmente, através de três factores principais: 1) a regularização dos financiamentos da Comissão de Ajuda á Indústria Cinematográfica (C. A. I. C.), da Guanabara; 2) o financiamento de produções brasileiras por

Nelson Pereira dos Santos: Rio, Quarenta Graus

distribuidoras de filmes estrangeiros, tais como a 20th Century-Fox, que participou de *O Mundo Alegre de Helô*, de Carlos Alberto de Sousa Barros, e a Condor, que patrocinou *El Justicero*, de Nelson Pereira dos Santos; 3) a acção do Instituto Nacional de Cinema (I.N.C.), principalmente no que diz respeito ao financiamento de filmes e á fiscalização de rendas.

Instalado oficialmente a 20 de Janeiro de 1967, o I.N.C. é ainda uma incógnita, vista com perplexidade pelos homens do cinema brasileiro. Se bem que seus estatutos compreendam das medidas levantadas como reivindicações através de muitas lutas — especialmente nos congressos de 1952 e 1953 —, sòmente sua actuação prática, nos próximas anos, revelará se têm razão os optimistas ou os pessimistas.

O período agora em pleno desenvolvimento será provàvelmente marcado por um maior número de adaptações literárias (como *A Hora e Vez de Augusto Matraga* e *Menino de Engenho*, de investigações da vida urbana (como *Garota de Ipanema*, *A Grande Cidade* e *São Paulo S/A*), e também por uma análise mais profunda dos grandes temas políticos e sociais da actualidade (como em *O Desafio* e *Opinião Pública*. Esta ultima tendência tomará certamente as formas mais variadas: Glauber Rocha apelou para a alegoria anarco-surrealista em *Terra em Transe;* Paulo Gil Soares recorreu à fábula em *Proezas de Satanás na Vila de Leva e Traz;* e Walter Lima Jr. entrou directo na *science fiction* em *Brasil Ano 2000*.

Todo o sentido do movimento do Cinema novo talvez esteja resumido nas palavras que, em 1862, pouco antes de morrer, prematuramente, o actor e escritor Miguel Torres ditou a David Neves: «A arte é tão difícil como o amor, e o que resta de bom nesta gente nova é que quase ninguém tem grandes certezas. Ninguém até agora descobriu uma verdade absoluta, felizmente (...) Se a verdade absoluta é impossível, pelo menos podemos chegar bem mais perto dela. (...) Temos o dever de registar o momento histórico, político e social de nossa era e vamos tentar fazer isso sem misturar tintas para agradar á visão de quem quer que seja».

ALEX VIANY

● *Ver o artigo anterior de Alex Viany «Perfil do Cinema Brasileiro» («Suplemento DL» 15-8-68).*

A sociologia da arte

(Continuação da 8.ª página)

mos também... Eu não direi, porém, como Eduardo Lourenço, que a dita Sociologia jogue assim o seu destino — porque este deve ser outro.

PARA isso, procuremos então, em obras e actuações, assinaladas ou não, tirá-la de entre tais ou piores parâmetros — fazê-la romper a cortina das três leis tanto quanto a do idealismo algo transcendental do Belo. Salvá-la do causalismo mecânico de uma sociedade produzir arte tal um pilriteiro pilritos, tanto como do evasionismo romântico e metafísico. Levá-la, em suma, a olhar as obras de arte como complexos objectos de cultura, produzidos e consumidos, num ponto e noutro promovendo e reflectindo condições do nosso mundo.

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA

Eduardo Lourenço e o neo-realismo

(Continuação da 8.ª página)

-143). Ora tal acusação é inteiramente legítima, apesar de certos indícios que poderiam sugerir o contrário, e que o próprio Eduardo Lourenço reconhece: «talvez a mais revolucionária contribuição do neo-realismo em poesia resida na tão pouco ou nunca notada *contestação* do próprio poetar implícita nalguns dos seus momentos da *auto-desmistificação* poética» (p. 259). Aspecto que em tempos procurei pôr em relevo num artigo publicado na revista *Cronos* a propósito do neo-realismo de Alexander O'Neill. Mas O'Neill é um caso quase isolado. Juntemos-lhe o prosaísmo voluntário de Cochofel, por exemplo, ou certas declarações, de Redol a Abelaira, no género de «esta obra não pretende ficar na literatura». Mas tudo isto é, na verdade, insuficiente.

Repare-se que Eduardo Lourenço aponta a raiz da questão com muita lucidez quando nos diz que tudo resulta de o neo-realismo ter interiorizado o seu complexo diante da cultura burguesa e de ter desejado competir com ela. Neste como noutros domínios, o vício fundamental é o da competição evidentemente pacífica, porque toda a competição em que o adversário leva a dianteira terá forçosamente de se desenrolar no terreno imposto pelo próprio adversário. Esta veneração pela Cultura *como terreno neutro* está na origem de todos os revisionismos actuais. E, em snetido inverso, de todas as contestações que alguns julgam anárquicas.

Poderíamos ainda transpor este esquema para o domínio da moral (onde foi decisivo o desconhecimento sistemático da psicanálise) e assim compreender o puritanismo e o conformismo ético do neo-realismo, várias vezes apontado com indiscutível pertinência por Eduardo Lourenço.

ACEITAMOS assim que o neo-realismo português forjou a sua própria boa consciência e depois a defendeu como pôde. Reconhece-se pois quanto é justo dizer que «faltou ao neo-realismo aquele apetite de total lucidez e profunda liberdade que é a essência de toda a palavra poética». E se hoje o quadro se altera, é porque o neo-realismo «enquanto visão cultural é obrigado a defender-se». Ora, segundo creio, a única atitude justa seria a de uma ofensiva livre e lúcida. O neo-realismo português endureceu-se com certos factores de segurança: o da unidade do *eu* (apenas travada por um conflito entre o social e o individual, em última instância sanável) e a apreensão directa e imediata da realidade (numa retórica do concreto que esquece assim a mediação, estèticamente importante, da linguagem). Da afirmação dessa unidade (imaginária) do *eu* deriva certo optimismo beato, que faz que esteja certa a crítica de Eduardo Lourenço: «O trágico do neo-realismo é pois acidental e não visceral» (p. 255). Dessa retórica do concreto, tão persistente ainda hoje, resulta o esquecimento daquilo que, como magistralmente escreve Eduardo Lourenço, importa de facto: «o único combate é aquele que o homem-como-linguagem trava com a linguagem-como-homem que lhe foi dada» (p. 262).

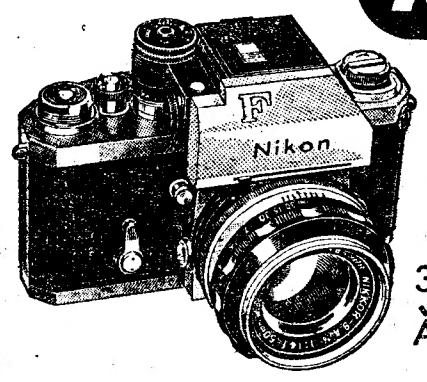
PARECE-ME ainda muito justa a observação feita em relação ao estilo: grande parte do neo-realismo estudado neste livro parece situar-se antes do que Eduardo Lourenço chama «a revolução anti-sintáctica», obstruindo assim o processo instaurado pelo Modernismo. Apenas discordo da expressão «revolução anti-sintáctica»: não é a normalidade ou a anormalidade da sintaxe que está em causa, mas a *estruturalidade* do discurso poético.

Também poria uma certa reserva à ideia de que o neo-realismo se define por um «excesso de sentido» (p. 263) e que a poesia actual se distinguiria por uma ausência de sentido. Excesso de sentido existe em toda a obra de arte, e é isso que permite que qualquer soma crítica deixe um resto, e que esse resto seja o essencial. Quando um poema neo-realista falha é por escassez de sentido, e isso devido a uma precedência dos significados em relação aos significantes, impedindo-se assim o livre jogo dos significantes (na sua estruturação indefinida) como produtor de sentido. Ausência de ambiguidade é apenas ausência de realismo.

DA poesia neo-realista diz Eduardo Lourenço que «não a atravessa essa consciência de desamparo total, de desastre e jogo ao mesmo tempo, no qual banha toda a poesia moderna. Falta-lhe loucura verdadeira, ingenuidade autêntica, gratuitidade sobretudo que é a verdadeira necessidade poética» (pp. 262-263). E com isto não podemos deixar de estar em grande parte de acordo. Mas, tanto na sua forma de poesia objectiva (que na nitidez das suas análises vai tornando visível a ausência duma nitidez) como na sua forma de poesia da mudança, uma nova *e idêntica* voz se contrói, que, sem iludir o desastre, ainda pressente, na linha intensa do horoizonte, o incêndio e a aventura — a flor e o grito.

(*) Eduardo Lourenço, *Sentido e forma de poesia neo-realista*, Editora Ulisseia, Lisboa, 1968.

EDUARDO PRADO COELHO

TODOS OS "REPORTERS" FOTOGRÁFICOS DE
PARIS — MATCH
A MAIOR REVISTA ILUSTRADA DO MUNDO
FRANCE — SOIR
A MAIOR TIRÁGEM DOS JORNAIS FRANCESES
DER SPIEGEL
A GRANDE REVISTA ALEMÃ
TIME E LIFE
AS GRANDES REVISTAS AMERICANAS
E A MAIORIA DOS GRANDES FOTÓGRAFOS MUNDIAIS TRABALHAM EXCLUSIVAMENTE COM MÁQUINAS
NIKON F
SIGA O EXEMPLO DOS MELHORES "REPORTERS" DO MUNDO
FOTOGRAFE COM
Nikon

A MELHOR ÓPTICA DO MUNDO!
32 OBJECTIVAS À SUA ESCOLHA
À VENDA SÓMENTE NAS CASAS ALTAMENTE ESPECIALIZADAS NO RAMO FOTOGRÁFICO
DISTRIBUIDORES PARA A VENDA POR GROSSO:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.
SECÇÃO FOTO-CINE
RUA DOS DOURADORES, 10 TEL. 361545 (4 linhas) LISBOA

A Sociologia da Arte e Eduardo Lourenço

Folhetim artístico de José-Augusto França

EDUARDO LOURENÇO acaba de publicar um ensaio sobre a poesia neo-realista em Portugal que é um livro notável, sem o conhecimento do qual não se poderá fazer a história, ainda hoje passional, deste movimento dos anos 40. Mas isso melhor o dirá o cronista do lado. Por mim, pobre-homem-do-século-XIX, gostaria apenas de lá ver uma colherada de Gomes de Amorim («poeta-operário»), de Palmeirim («O Béranger português»), senão de Mendes Leal, com teores épicos também cabralistamente impraticáveis e muita noite gostosa e fantasmagórica. Mas deixemos isso que não é da minha freguesia e falemos apenas dum artigo do dito Eduardo Lourenço sobre a Sociologia da Arte, através da minha pessoa e da revista «Colóquio». Apresso-me a agradecer-lho pùblicamente, no êxtase de ver criticar um livro meu, tirado assim, pelos cabelos, deste cesto luso e roto que a minha inglória teimosia pretende em vão coser! Mas o caso não é só esse — e vamos à Sociologia da Arte, pròpriamente dita, que o Eduardo Lourenço discute.

E discute com pertinência. Sociologia de resto ele faz também, ao debruçar-se sobre os três poetas neo-realistas do seu volume. Como não podia deixar de ser. Contudo, poderia ele, fazendo-o, supor que o fenómeno poético era redutível a esquemas sociológicos — tomando assim na armadilha em que os sociólogos geralmente caem, ao falar de objectos de cultura, com um cândido contentamento marxista. Não cai nessa o Eduardo Lourenço e por isso compreende que eu não caia também — heterodoxos ambos, que somos. Na verdade, o que é preciso é bom-senso, e saber que não se está a lidar com fenómenos passivamente quantitativos — mas com seres vivos, poemas ou casas ou quadros, que implicam gente, paixões e qualidades. Mesmo que umas e outras sejam más — pois também então serão significativas. Que a «Lisboa pombalina» não seja a ideal cidade do Iluminismo, pode desiludir Francastel, meu prefaciador (como bem nota Eduardo Lourenço) — mas não a mim, autor do livro assim chamado, que tenho de ver o fenómeno em mais vasto contexto. Aquele, exactamente, que se explica ou espalha pelo século XIX dentro. Quem este século nacional, tiver estudado fica ao ábrigo de toda e qualquer surpresa... O esquema ideal de Francastel torna-se, no meu caso, um esquema real — até porque me dói na carne e no espírito português. Daí que o meu crítico e amigo possa descobrir uma contradição entre o meu pensamento e o de Francastel.

Herbert Read: dinâmica histórica

POR outras palavras, já teorizantes: a sociologia da arte exige, cientificamente embora, um empenho vivencial. Sabedoria das nações, do não fales senão do que sabes? Decerto — mas dando ao «saber» um significado para além da experiência intelectual. Isso, de resto, verifica o conceito *globalizante* da própria sociologia. Ou da História, que de outro modo seria apenas inventário erudito, como quase sempre é.

Empenho vivencial (num quadro nacional ou mais vastamente cultural) e *consciência estética* são, então, as duas qualidades necessárias ao sociólogo da arte. Não há muito, chamei a atenção, aqui, para um erro cometido pelos autores dum inquérito à «Situação da Arte», obra, aliás, meritória por muito lado: considerarem eles a sociologia como «valor alienatório em relação à estética». Discutindo a minha crítica, poderão eles dizer que em Portugal, por falta de uns (sociólogos) e de outros (estetas), assim é. Não me parece colher o argumento, nem me parece que ela parta de boa observação dos factos — pois creio que aqueles que de sociologia da arte se vêm ocupando em Portugal, graças, sem dúvida, à frequência dos cursos de Francastel, nos «Hautes Études», de Paris, não viram as costas aos valores ditos artísticos. Até porque são críticos de arte.

E aqui toco num ponto que me parece essencial — que é a sociologia da arte dever ser praticada por críticos, isto é, por pessoas atentas ao (empenhados no) quotidiano, aos seus valores e aos seus problemas actuais. E quem diz a sociologia diz a História da Arte. Há muito que eu tenho como certo que não percebe de arte do passado quem de arte do presente não perceber. Tal compreensão explica a categoria dinâmica de historiadores como Francastel, Argan, Herbert Read, Chastel Sweeney; e a incompreensão correspondente explica muita outra coisa, não só em Portugal, estejamos *pour une fois* descansados. Resta dizer que a inversa não é verdadeira, porque seria absurda.

Mas Eduardo Lourenço acrescenta no seu artigo uma observação que me parece importante — e que vem a dar na fragilidade desta jovem ciência chamada Sociologia da Arte. Frágil sem dúvida, e ao alcance de todos os jogos ou de todas as ilusões. Presa entre o Taine e o Faure ou o Focillon, como quer Eduardo Lourenço? Entre coisas piores, às vezes — como no caso do Hauser ou do Fisher, cujas obras foram pressurosamente traduzidas em português. Uma inexistente planificação cultural da parte dos editores prega destas partidas — não só na Sociologia da Arte, descanse-

(Continua na 7.ª página)

Eduardo Prado Coelho

Eduardo Lourenço e o neo-realismo (2)

O neo-realismo não constitui uma revolução poética, é o que Eduardo Lourenço (*) nos tenta demonstrar. Em contrapartida, se corte há, e parece inegável que sim, ele situa-se no plano da ideologia, mas implica duas consequências imediatas: cria-se uma nova sensibilidade e surge um novo estatuto teórico para a actividade literária. Resulta daqui que no neo-realismo existe uma precedência da Ideologia em relação à Poética: precedência histórica, porque a Teoria situa-se antes da Prática, e precedência lógica, porque a Prática definir-se-á como *aplicação* duma Teoria. É pelo menos isto o que Eduardo Lourenço parece propor.

Ocorrem aqui duas ordens de problemas. Por um lado, que designa a noção de Ideologia no discurso de Eduardo Lourenço? Em segundo lugar, qual o conceito que articula as relações entre Poesia e Ideologia?

Quanto ao primeiro problema, o do significado operatório de Ideologia, parece que Eduardo Lourenço pensa o seguinte: é Ideologia um discurso organizado e sistematizável que actua ao nível colectivo, estabelecendo uma comunidade *exterior* entre os diversos sujeitos a ele subordinados. Por outro lado, a Ideologia é «leitura a traço largo da História» (p. 253), cujo objectivo é o mobilizar determinados grupos sociais para a concretização de determinados fins. Esta caracterização é evidentemente imprecisa e sem grande alcance prático. Quase se afigura que Ideologia é apenas a designação eufemística de outra realidade mais difícil de nomear. Daí os limites do conceito, que indica mais um objecto do que contribui para a sua apreensão teórica.

Pela minha parte, não poderei aceitar

uma tal definição sem reservas. Não podemos falar em Ideologia apenas quando existe uma forma reflexiva de pensar a relação quotidiana do indivíduo com os seus modos de comportamento, os seus valores e os seus ideais. Creio que a Ideologia é algo de muito mais aderente à pele do indivíduo, algo que lhe molda as palavras e os gestos, e lhe atribui um determinado campo de acção no qual ele se move sem nunca apreender os limites que o definem. E por isso mesmo todo e qualquer produto estético aparece como elaboração de formas ideológicas e com uma relação *específica* com a Ideologia. Quer isto dizer que não vejo a razão por que a poesia de Carlos de Oliveira há-de ser mais ideológica do que a de Régio, por exemplo. E se a Ideologia é tanto mais visível quanto menor for a elaboração estética, creio bem que Régio é certamente um autor muito mais ideológico.

DESTE modo, quando Eduardo Lourenço utiliza o conceito de *subordinação* para estabelecer um nexo entre Poesia e Ideologia (e entramos aqui no segundo problema), parece-me não ser bem sucedido nos seus propósitos. Escreve por exemplo: «ao nível em que a poesia *existe* a surpresa nasce da verificação de que tal referência (à intenção ideológica), importante enquanto horizonte e clima, não *subordinou* tanto como se afirma os autênticos poetas». (p. 33). Ou fala também «na fatal *subordinação* da intenção ideológica à realidade profunda e única que cada poeta representa» (pp. 178-179). Ora, mesmo que o neo-realismo se defina por um esforço para quebrar os limites impostos por uma subordinação ideológica, tal situação não é exclusiva do neo-realismo, mas extensiva a toda a arte.

Noutro ponto, Eduardo Lourenço, afirma ainda que «a Ideologia revelar-se-á menos sujeito de inspiração do que quadro» (p. 16). Parece-me no entanto que todas estas formulações («subordinação», «sujeito», quadro») não saem dum determinado esquema teórico que se tornou um tópico da crítica «neo-realista»: a antinomia entre um *eu social* e um *eu individual*. Para certa crítica «neo-realista» existe uma oposição entre o *eu social* e o *eu individual*, que é fonte duma contradição a resolver num ponto mais ou menos utópico. Trata-se portanto de uma contradição negativa, censurável pela dilaceração que abre no interior do *eu*, mas fecunda pela função do motor que acaba por assumir. Para Eduardo Lourenço, existe idêntica oposição, mas ao *eu social* corresponde a ideologia e ao *eu individual* a expressão autêntica (poética ou não). Tanto uma como outra variantes do mesmo esquema me parecem inaceitáveis.

CREIO que se avançaria um pouco se se considerasse que «o neo-realismo é uma *problemática* (mais ou menos redutível a uma cristalização ideológica) que se interpõe entre o *sujeito individual* (ideológico na forma como age e reflecte empiricamente as formas desse comportamento) e *o sujeito do discurso poético*. *A problemática* não seria nem o sujeito da inspiração, nem o simples quadro (operando portanto apenas como fronteira), nem a imposição tirânica duma duvidosa «consciência social», mas o campo de possibilidades e de impossibilidades, a rede de afirmações e de omissões, o xadrez de evidências e recalcamentos, o horizonte que definiria a lei das suas variações ilimitadas. Resolver-se-ia assim um problema vital, e que é o seguinte: se a arte é um modo de conhecimento, uma apropriação do mundo, uma produção de saber e uma relação com a Verdade, como poderá a arte neo-realista reduzir-se a ser a «*incarnação* efectiva de uma visão da História e do mundo»? O conceito, isto é, a metáfora de *incarnação* implica que seja sempre *apesar de* que o neo-realismo consegue estèticamente existir. Ora a noção de *problemática* (colhida não só em Althusser, como ainda nos vanguardistas brasileiros, de Mário Chamie e Guilherme Merquior) permite evitar estes vários escolhos.

PASSEMOS agora para a caracterização da problemática neo-realista.

Julgo que, em vez de dissolver uma possível novidade num velho tema romântico, seria possível aproximar a problemática neo-realista de certas fórmulas com que Eduardo Lourenço pretende definir a essência da Poesia e verificar então a coincidência existente. Porque para Eduardo Lourenço, «a Poesia é também filha da riqueza e de indigência. O verdadeiro coração do poema é uma *ausência abolida* e sem cessar renascente». Caracterizaria assim a problemática neo-realista (e nada mais) a *fixação na história como movimento da Verdade* do que essencialmente define toda a Poesia. E se o neo-realismo se apresenta como canto impossível é porque ele é a consciência viva (embora muitas vezes latente e incompleta) de que *toda a arte se alimenta da sua própria impossibilidade*.

O que nos faz derivar para outra questão. Distinguindo surrealismo e neo-realismo, escreve muito acertadamente Eduardo Lourenço: «o Surrealismo *é antiliteratura* e a nova sociedade revolucionária, passada uma breve primeira fase radical, interiorizou o seu complexo diante da cultura burguesa, desejou competir com ela exigindo uma literatura conforme a nova visão ideológica, mas sem poder conceber que a literatura como tal pudesse ser posta em causa» (pp. 141-142). E ainda: «O neo-realismo não só continuava sendo literatura no sentido mais tradicional do termo como literatura ordeira como poucas, «moral» mesmo, sem lugar algum para essa transfiguração radical dos homens (e da sua negação enquanto *autores*) que o Surrealismo exige» (pp. 142-

(Continua na 7.ª página)